

Caetano Veloso

Arte, política e poética
da diversidade



ENTREVISTAS

Júlio Diniz
Frederico Coelho
Acauam Oliveira
Pedro Teixeira
Guilherme Wisnik
Miguel Jost
Adalberto Müller

CAETANO VELOSO

Arte, política e poética da diversidade

Mais do que um expoente da música brasileira, Caetano Veloso é um dos mais profícuos e inclassificáveis tradutores da multiplicidade estética e política do Brasil. Manteve-se, sempre que pôde, longe dos rótulos e de um militantismo rasteiro, mas fez do compromisso com sua arte um caleidoscópio que reflete o Brasil em sua absoluta riqueza. Nesta edição da IHU On-Line apresentamos esse caráter multifacetado do artista em uma série de entrevistas.

O **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** e **Pedro Teixeira** realizam o curso livre **Transcaetanos. Tempo, tempo, tempo, tempo**. O evento se inicia no dia 12 de agosto e segue até 9 de setembro de 2021 e é gratuito. As atividades ocorrem às quintas-feiras, das 14h às 16h, por meio de videoconferências, nas plataformas digitais do IHU. Mais em bit.ly/curso-transcaetanos.

Júlio Diniz, Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas – CTCH da PUC-Rio, é um dos entrevistados desta edição e aborda os múltiplos encontros de Caetano Veloso com os muitos brasis quem compõem o Brasil.

Para **Frederico Coelho**, professor do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio, a obra de Caetano é perpassada por uma articulação de diferentes dimensões da complexa história cultural do Brasil.

Acauam Oliveira, professor da Universidade de Pernambuco - UPE, faz uma minuciosa leitura sobre como Caetano Veloso vê o mundo desde si

mesmo, mas de uma maneira rica.

A análise de **Pedro Teixeira**, professor na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, passa por pensar a trajetória musical de Caetano Veloso em sua perspectiva vanguardista.

Guilherme Wisnik, crítico e curador de arte e professor na Universidade de São Paulo – USP, fala sobre como Caetano aborda nossas alegrias e nossos fracassos de forma poética.

Miguel Jost, mestre e doutor em Estudos de Literatura pela PUC Rio, traça um panorama da história de Caetano Veloso em perspectiva política e estética com o Brasil.

Adalberto Müller, escritor e professor da Universidade Federal Fluminense – UFF, analisa como a obra de Caetano Veloso oferece saídas aos dilemas do país.

A edição ainda conta, na seção Minha tese em quatro perguntas, com a apresentação da tese de **Ricardo Machado** intitulada *Semiofagias canibais*, inspirada pelo pensamento nativo do Brasil. Apresentamos ainda os Cadernos IHU ideias *Pindó Poty é Guarani!*, de **Aloir Pacini** e **Roberto Liebgott**, e *Índigenas nas cidades: memórias “esquecidas” e direitos violados*, de **Alenice Baeta**, além dos Cadernos Teologia Pública *A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens* de **Andrea Grillo** e *A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais* de **Michael G. Lawler** e **Todd A. Salzman**.

A todas e a todos desejamos uma boa leitura!

Sumário

- 4 ■ Tema de capa | Júlio Diniz: Contra o coro dos contentes, uma estética e política artísticas do delírio consciente
- 14 ■ Tema de capa | Frederico Coelho: Entre o concretismo e a contracultura, Caetano Veloso fez de sua arte uma política sempre atual e contestadora
- 24 ■ Tema de capa | Acauam Oliveira: O Narciso tropical que se vê no mundo que exprime
- 43 ■ Tema de capa | Pedro Teixeira: Uma política musical de mãos limpas, engajada com a arte e com sua entrega estética, mas sem cair em um militantismo raso
- 56 ■ Tema de capa | Guilherme Wisnik: Como um monumento barroco – belo e trágico – sobre nossas alegrias e fracassos, a obra de Caetano Veloso lança seu olhar sobre o Brasil
- 64 ■ Tema de capa | Miguel Jost: A alegria como a consciência de que “tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso”
- 78 ■ Tema de capa | Adalberto Müller: Abrir horizontes ricos e diversos em meio ao conservadorismo grotesco da direita brasileira
- 94 ■ Minha Tese | Ricardo Machado
- 95 ■ Publicações | Aloir Pacini e Roberto Antonio Liebgott: Pindó Poty é Guarani!
- 96 ■ Publicações | Alenice Baeta: Indígenas nas cidades: memórias “esquecidas” e direitos violados
- 97 ■ Publicações | Andrea Grillo: A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens
- 98 ■ Publicações | Michael G. Lawler e Todd A. Salzman: A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais
- 99 ■ Outras edições



Imagem: Arte de Isabela Bergamashi / IHU

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Editor Executivo

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Redação

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo
(wfazevedo@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico e Diagramação

Ricardo Machado
Guilherme Tenher

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Wagner Fernandes de Azevedo, Isabela Bresciani Marina da Silva, Gabriel Reis e Fred Wichrowski.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Diretor Adjunto: Lucas Luz
Gerente Administrativo: Nestor Pilz

Contra o coro dos contentes, uma estética e política artísticas do delírio consciente

Júlio Diniz debate os múltiplos encontros de Caetano com um Brasil diverso e rico em possibilidades

Ricardo Machado

O que havia de latente na cultura brasileira ganhou corpo, som e vida com o Movimento Tropicalista, do qual emergiram grandes nomes da música brasileira, dentre eles Caetano Veloso. “A Tropicália, para mim, já existia em estado latente. Necessitava que dois jovens antenados e inquietos, formados na efervescência cultural da Bahia, acendessem o fogo que iria incendiar a cultura brasileira na metade final dos anos 1960”, avalia o professor e pesquisador Júlio Diniz, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

A Tropicália “opera a tradução das tradições de uma maneira radical e inegociável para aquele momento histórico tão difícil, a ditadura militar. Ou seja, ela engoliu tudo, devorou tudo, degustou tudo, e se livrou de tudo com a mesma ousadia”, complementa. Para Diniz, “Caetano, Gil e tantos outros propuseram uma postura estética e política dentro de uma tradição filosófica, artística e existencial do delírio como contranarrativa a desafiar o coro dos contentes e a narrar a vida dos astronautas latino-americanos”.

Caetano, como sustenta o entrevistado, é um ponto de convergência, um local de encontro com os povos e as vozes periféricas do Brasil. “Ele é um dos vagalumes de que falava Pasolini, uma espécie de criatura pequena, delicada, potente, que sobrevive às luzes poderosas que nos querem cegar na contemporaneidade”, sustenta.



Foto: Ludimila Zorzi

Júlio Cesar Valladão Diniz é doutor em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidad de Salamanca, Espanha. Foi diretor do Departamento de Letras da PUC-Rio, onde é professor associado na Área de Estudos de Literatura. Desde 2016 exerce a função de Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas - CTCH. Realiza consultorias e coordena projetos para instituições públicas e privadas, ONGs e empresas. Publicou inúmeros artigos, ensaios e livros no Brasil e no exterior. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro (2004-2006), é assessor da Diretoria de Relações Internacionais da Capes e bolsista de produtividade do CNPq.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor vê Caetano Veloso no panorama cultural brasileiro?

Júlio Diniz – Caetano já é, há bastante tempo, uma das personagens mais importantes no campo das artes e da cultura no Brasil. Creio que ele não só ocupa o seu lugar único como artista, como também se faz presente no debate das ideias, em particular no espaço da política, da ética e dos costumes. Arrisco a dizer que Caetano está muito próximo do que se imagina e deseja de um intelectual contemporâneo, o homem público que encarna com espírito crítico, pensamento propositivo e paixão, o debate, as polêmicas e a guerra de relatos que marcam o nosso tempo. Assim como tantos outros músicos, escritores, poetas, artistas da cena e da imagem, Caetano é um dos mais interessantes e singulares intérpretes do Brasil. Observa as transformações e dilemas da nossa vida cotidiana, marcada pela tradição colonial e escravista, pela cultura midiática e pela espetacularização do sujeito,



Zé Celso⁴, Hélio Oiticica⁵, dentre outros, na mesma tradição analítica e crítica de Sérgio Buarque⁶, Gilberto Freyre⁷, Antonio Candido⁸, Darcy Ribeiro⁹ e Roberto DaMatta¹⁰, representantes consagrados do pensamento social brasileiro. São atores sociais que produzem leituras distintas, em espaços diferenciados, a partir de olhares que se entre-

4 **José Celso Martinez Corrêa** (Araraquara, São Paulo, 30 de março de 1937): conhecido como Zé Celso, é uma das figuras mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 **Hélio Oiticica** (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amilcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de "antiarte por excelência" e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como "Incorporo a Revolta" e "Estou Possuído"), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

6 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador, crítico literário e jornalista nascido em São Paulo – SP. Entre outros livros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-8-2002, o tema O homem cordial: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmdFE>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil*. Algumas Considerações, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da IHU On-Line)

8 **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sívio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino *Frente de Resistência*. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas "A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar", concedida por Flávio Aguiar à IHU On-Line nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e "Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea", concedida por Célia Pedrosa à IHU On-Line nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da IHU On-Line)

9 **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959-1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira nº. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

10 **Roberto DaMatta** (1936): antropólogo brasileiro, considerado um dos grandes nomes das Ciências Sociais no Brasil. É autor de diversas obras de referência na Antropologia, Sociologia e Ciência Política, como *Carnavais, Malandros e Heróis*, *A casa e a rua* ou *O que faz o Brasil, Brasil?*. Confira a entrevista que concedeu à edição 184 da IHU On-Line, de 12-06-2006, intitulada *Ritual, drama e jogo*, disponível em <http://bit.ly/1ilaRzR>. (Nota da IHU On-Line)

“A Tropicália, para mim, já existia em estado latente. Necessitava que dois jovens antenados e inquietos, formados na efervescência cultural da Bahia, acendessem o fogo que iria incendiar a cultura brasileira”

cruzam em diferença mas alcançam os mesmos destinos. Pensar o Brasil é o grande desafio de nosso presente. Não o Brasil utópico, nem o país idealizado, muito menos a nação concebida como unidade, homogeneidade e essência. Nossa possível territorialidade identitária, e Caetano sabe muito bem disso, é marcada por sonoridades, textualidades, visua-lidades e corporeidades que são percebidas, sentidas e incorporadas ao nosso ethos pela força de transformação da música popular.

IHU On-Line – Qual foi a importância do Tropicalismo no contexto da obra de Caetano e a importância de Caetano dentro do contexto do Tropicalismo?

Júlio Diniz – Caetano, Gil e a Tropicália são como o ovo e a galinha. Como no provérbio popular, ou no enigmático conto de Clarice Lispector¹¹, criador(es) e criatura se misturam, são atravessados por uma potência inventiva e uma violência erótica descomunal. Quem veio antes? O ovo ou a galinha? Como sempre, pouco importa. A questão não é nem a origem, menos ainda a originalidade.

Acho que a proposta de uma racionalidade tropical antropofágica vinha sendo fermentada há muito tempo no banquete devorador que Oswald sacou e Mário realizou em Macunaíma, e que seguiu adiante. A Tropicália, para mim, já existia em estado latente. Necessitava que dois jovens antenados e inquietos, formados na efervescência cultural da Bahia, acendessem o fogo que iria incendiar a cultura brasileira na metade final dos anos 1960. Não estou aqui defendendo a ideia de um

¹¹ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>; e a edição 547, de 05-04-2021, intitulada Clarice Lispector. Uma literatura encravada na mística, disponível em <https://bit.ly/3ifCKh0>. (Nota da IHU On-Line)

princípio evolutivo, menos ainda de uma genealogia que tem no Modernismo da década de 1920 a sua origem. A Tropicália não é a continuação de algum acontecimento ou movimento que vêm de longe, que passou pelas vanguardas dos anos 50, pelo Cinema Novo, Bossa Nova, Teatro Oficina etc etc. Mas ela opera a tradução das tradições de uma maneira radical e inegociável para aquele momento histórico tão difícil, a ditadura militar. Ou seja, ela engoliu tudo, devorou tudo, degustou tudo, e se livrou de tudo com a mesma ousadia. Ela recolocou o velho, a cafonice, a tragédia latino-americana, o arcaico num espaço de ressignificação constante, tenso, em diálogo ininterrupto com a abissal experiência da mistura/vida antropofágica – o dentro e o fora, o local e o global, o tribalismo e o cosmopolitismo, a floresta e a escola – sem dicotomias, sem hierarquias.

Caetano, Gil e tantos outros propuseram uma postura estética e política dentro de uma tradição filosófica, artística e existencial do delírio como contranarrativa a desafiar o coro dos contentes e a narrar a vida dos argonautas latino-americanos. A Tropicália é uma referência fundamental para a compreensão das novas demandas estéticas e existenciais naquela explosão contracultural da década de 1960, e das epistemologias e sensibilidades que se formavam na porção sul deste mundo.

IHU On-Line – Qual a originalidade do pensamento de Caetano e como isso se manifesta esteticamente em sua obra?

Júlio Diniz – Caetano é o ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, como na letra da sua canção Um índio. Ele é Diadorim e Macabéa, se pensado fosse no universo ficcional de Guimarães Rosa¹² e Clarice Lispector. Mais do que um talento-raiz, ocupante de uma centralidade privilegiada de criadores, Caetano é rizoma-de-uma-cultura plural, diversa, sofrida, intensa, marginalizada, resistente, espalhada: capim, jenipapo absoluto, araçá azul. Originalidade? Mais do que isso: capacidade de transcriar, de dobrar a língua para melhor tocá-la, de ouvir o silêncio para encontrar João. Caetano é o lugar de encontro dos povos originários com as vozes das periferias do mundo, da sofisticação erudita de uma tradição eurocêntrica com os cantos dos quintais de Santo Amaro, do que está no livro e se derrama na voz.

¹² João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se Sagarana (1946), Corpo de baile (1956), Grande sertão: veredas (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, Primeiras histórias (1962) e Tutameia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada Grande Sertão: Veredas. Travessias, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

“O canto de um povo de um lugar é uma categoria-chave para a compreensão do processo criativo do artista baiano, sempre pensando processo estético como um constructo provisório, uma cartografia fragmentada”

IHU On-Line – Até que ponto a trajetória artística de Caetano atualiza o significado do modernismo brasileiro e a partir de que ponto ela o ultrapassa e abre novas possibilidades de concepção do Brasil?

Júlio Diniz – Penso que devemos ter mais cautela com essa questão. Como já havia dito, não consigo ver uma linha evolutiva (usando um conceito do próprio artista, aqui ressignificado) que ligue a alta modernidade, as vanguardas do início do século passado, com a trajetória artística de Caetano. Utilizando a ideia de uma clássica frase do Pound¹³, posso afirmar que Caetano é uma espécie de antena da raça, um atento observador, pensador e criador de linguagens, sejam elas poéticas, musicais, literárias ou cinematográficas, que não mantêm vínculos claros e diretos com nenhum movimento, estética ou programa predeterminado. Ele recolhe, dilui, mistura e realiza, a partir de uma série de ingredientes que fazem parte de uma comunidade e de um tempo, o canto de um povo de um lugar, nome de uma de suas composições. O canto de um povo de um lugar é uma categoria-chave para a compreensão do processo criativo do artista baiano, sempre pensando processo estético como um constructo provisório, uma cartografia fragmentada, um conjunto maior de miniaturas.

Nesse sentido, esse canto de um povo não diz respeito às questões ligadas ao nacionalismo, à necessidade de se inventar um país, de se ocupar prioritariamente da questão de uma identidade cultural unificada. Esse povo não é o brasileiro no seu sentido restrito, ele não está localizado em algum lugar do passado, ele não aponta o nariz para o futuro, ele é muitos num só. O modernismo brasileiro, melhor dizendo,

¹³ Ezra Pound (1885-1972): Ezra Weston Loomis Pound é um poeta, músico e crítico americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticismo. Sua obra, carregada de citações e alusões históricas, é aclamada como uma das mais importantes da poesia do século XX. (Nota da IHU On-Line)

“Ele é um dos vagalumes de que falava Pasolini, uma espécie de criatura pequena, delicada, potente, que sobrevive às luzes poderosas que nos querem cegar na contemporaneidade”

a versão paulista do nosso modernismo, que tem a Semana de Arte Moderna¹⁴ como símbolo, não pode ser entendido nem esteticamente, nem política e ideologicamente, como algo uniforme, programático e consensual. Mário e Oswald representam dois grupos de força fundamentais para entender a cultura brasileira, o que se poderia chamar de modernidade entre nós. Mas não são os únicos. A questão da nacionalidade sempre esteve no centro do debate artístico e cultural no Brasil. No modernismo paulista não poderia ser diferente. Já no Rio, por exemplo, as questões são outras, o ambiente artístico era distinto. Mas o Brasil que eu identifico em Caetano está diluído, amalgamado, travestido, subvertido, é um jeito de corpo, outra de suas composições. Caetano não é moderno nem romântico, nem barroco nem concreto. Ele é um dos vagalumes de que falava Pasolini¹⁵, uma espécie de criatura pequena, delicada, potente, que sobrevive às luzes poderosas que nos querem cegar na contemporaneidade.

14 Semana de Arte Moderna: também chamada de Semana de 1922, ocorreu em São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal. Representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo. Participaram da Semana nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Táci de Almeida, Di Cavalcanti entre outros. (Nota da IHU On-Line)

15 Pier Paolo Pasolini (1922-1975): cineasta italiano, poeta e escritor. Autor de uma crítica profunda e fina, apontava a homologação geral em nome do consumo, a perda dos valores tradicionais e a morte da civilização do interior. Seus filmes são uma crítica à sociedade burguesa que matou a simplicidade dos valores tradicionais do povo simples. Dirigiu os filmes da Trilogia da Vida: *Il Decameron*, *I Racconti di Canterbury* e *Il fiore delle mille e una notte*. Para ler mais sobre Pasolini, acesse a edição 508 da IHU On-Line, intitulada Pier Paolo Pasolini Um trágico moderno e sua nostalgia do sagrado, disponível em ihuonline.unisinos.br/edicao/504 (Nota da IHU On-Line)

“Aos 42, no meio de um possível e simbólico lugar entre a juventude e a velhice, no devir-tempo entre o passado e o futuro, o compositor deixa não um, mas vários caetanos emergirem”

IHU On-Line – Quais são as principais semelhanças e diferenças entre o “jovem” Caetano e o “velho” Caetano do ponto de vista artístico e político?

Júlio Diniz – Aos 42 anos, em 1984, ele lançou um dos seus mais significativos álbuns, “Velô”, um jogo musical, temporal e linguístico com as quatro primeiras letras de seu sobrenome. Num repertório composto de canções como Podres poderes, O querer e Língua, Caetano incluiu O homem velho, uma belíssima e profunda reflexão sobre o tempo, a vida, a morte e a própria criação artística.

O homem velho deixa a vida e morte para trás

Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais

O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais

O homem velho é o rei dos animais

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol

As linhas do destino nas mãos a mão apagou

Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll

As coisas migram e ele serve de farol



A carne, a arte arde, a tarde cai

No abismo das esquinas

A brisa leve traz o olor fugaz

Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon

Belezas, dores e alegrias passam sem um som

Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron

E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

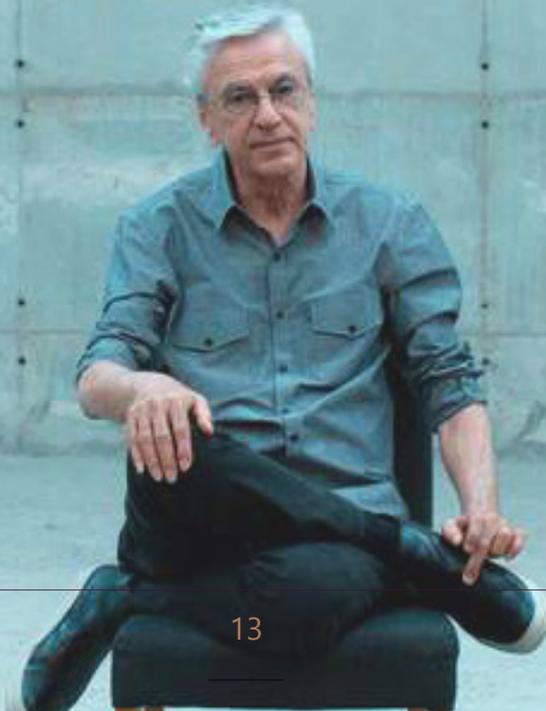
Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval

Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal

Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual

Já tem coragem de saber que é imortal

Dialogando com *O velho*, uma composição de início da carreira de Chico Buarque, Caetano joga habilmente com um paradoxo. No seu *O homem velho*, o ritmo cadenciado, com certa lentidão melódica, se articula à belíssima letra composta por imagens, sensações e situações vividas ao longo de uma existência que, em princípio, não mantém proximidade com a ligeireza, celeridade, presteza, aceleração, agilidade, fugacidade, rapidez, urgência do próprio disco, *Velô*. O ritmo da canção não é o do disco. A demanda da canção é de outra natureza. A composição *O homem velho* é um lugar de reflexão, com toda a calma e introspecção, um modo de passar a vida a limpô, de projetar o que ainda não se é. Aos 42, no meio de um possível e simbólico lugar entre a juventude e a velhice, no devir-tempo entre o passado e o futuro, o compositor deixa não um, mas vários caetanos emergirem. São, com certeza, quereres em rotações distintas.



Entre o concretismo e a contracultura, Caetano Veloso fez de sua arte uma política sempre atual e contestadora

Frederico Coelho perpassa obra do artista articulando diferentes dimensões da multifacetada história cultural do Brasil do século XX e deste músico, um dos mais icônicos de sua geração

Ricardo Machado

Caetano Veloso jamais abriu mão de dar corpo – o seu próprio e de sua produção artística – à riqueza cultural de um Brasil múltiplo, plural, sendo capaz de articular de forma crítica e criativa projetos antagônicos. “Ele [Caetano] sempre foi amigo de um grupo *sui generis* de intelectuais, pensadores que ele mesmo chamou de hiper-racionalistas (os concretos) e irracionalistas (o grupo ligado às ideias da contracultura). Nesse sentido, Caetano sempre soube articular saberes e práticas de diferentes campos de interesse em uma obra popular e, ao mesmo tempo, sofisticada”, pontua o professor e pesquisador Frederico Coelho, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“A proposta de uma música que fosse aberta às inovações estéticas e poéticas do rock internacional, que utilizasse o componente elétrico – guitarras e baixos – como forma de ampliar as possibilidades da canção popular feita no Brasil, fez com que os compositores baianos e seus parceiros paulistas demarcassem um novo espaço. Nem eram os engajados acústicos das canções de protesto, nem eram os inocentes da jovem guarda que agitavam a garotada nas tardes de domingo. Eles eram jovens, pops e políticos”, descreve.

Da crítica social em muitas canções, especialmente “Tropicália”, que descreve com precisão os problemas estruturais do país, ao compromisso político com as utopias, Caetano apresenta as contradições do Brasil. “É conhecida a veia sebastianista de Caetano nesse período, e ‘Tropicália’ liga Pero Vaz de Caminha a Brasília, projeta justamente o paradoxo que nos impede de atingir um horizonte que podemos chamar de ‘primeiro mundo’ ou seja lá o horizonte utópico que pode ser projetado para o país”, pontua o entrevistado.

Confira a entrevista.



Frederico Coelho é professor do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestrado em História Social pela UFRJ e doutorado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio com Bolsa-Sanduiche da Capes por um ano na New York University. Entre 2001 e 2009 foi pesquisador do Núcleo de Estudos Musicais - NUM da Universidade Cândido Mendes e pesquisador do Núcleo de Estudos de Literatura e Música - Nelim da PUC-Rio entre 2009 e 2012. Tem experiência nas áreas de História, Literatura e Artes Visuais, com ênfase em cultura brasileira.

IHU On-Line – Qual a importância de Caetano Veloso no contexto cultural brasileiro?

Frederico Coelho – Caetano é um dos principais nomes da cultura brasileira no século XX. Nascido em 1942, é um “filho do Modernismo”, ao incorporar o papel de intelectual público a partir do campo da música popular. Sua relação com o pensamento e a arte no Brasil o fazem privilegiado em poder articular no formato de canções uma visão singular do país. Além disso, criou uma relação estratégica com a imprensa brasileira, sendo sempre referência para debates e polêmicas que abordem assuntos dos mais diversos campos de interesse. Nesse sentido, Caetano acaba tendo importância constante entre diferentes classes, gostos e contextos sociais.

IHU On-Line – Até que ponto sua obra transcende a dimensão musical e literária e por que isso acontece?

Frederico Coelho – Mais do que transcender, a grande força de sua obra é justamente articular dimensões – musical, literária, mas também cinematográfica, visual, filosófica, sociológica e outras camadas. E isso acontece porque a formação intelectual e estética de Caetano se deu no Brasil dos anos 1950/1960, quando um amplo repertório cultural de diferentes fontes circulava pelo país. Mesmo em Santo Amaro da Purificação, ele acessou esse repertório ligado à urbanização cosmopolita do país e fez da música popular um espaço de ação estética ampliada. Além disso, ele sempre foi amigo de um grupo *sui generis* de intelectuais, pensadores que ele mesmo chamou de hiper-racionalistas (os concretos) e irracionais (o grupo ligado às ideias da contracultura). Nesse sentido, Caetano sempre soube articular saberes e

“Caetano foi um dos que conseguiram fazer letras de música cujo teor poético também se revelava político. Mas é justamente a relação entre poesia e política que diferenciava os projetos sonoros e estéticos daquela geração”

práticas de diferentes campos de interesse em uma obra popular e, ao mesmo tempo, sofisticada.

IHU On-Line – De que maneira a obra de Caetano Veloso, desde seu primeiro disco *Domingo* e no seguinte com a icônica canção “Tropicália”, no disco homônimo com outros artistas, apontava para um Brasil e um pensamento independente e crítico?

Frederico Coelho – Creio que não só ele, mas também muitos outros músicos de sua geração foram agentes transformadores da canção popular brasileira. Os nomes e trabalhos que surgiram entre 1965 e 1968 no Brasil formaram aquilo que conhecemos como MPB, um formato em que a canção precisava partir de premissas que pensassem o Brasil – a música precisava ser popular e brasileira. Caetano foi um dos que conseguiram fazer letras de música cujo teor poético também se revelava político. Mas é justamente a relação entre poesia e política que diferenciava os projetos sonoros e estéticos daquela geração. Edu Lobo, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Jorge Ben ou Caetano Veloso tinham visões singulares para pensar e inventar um Brasil em suas composições.

O que se convencionou chamar de “tropicalismo” foi uma dessas formas de intervenção crítica e criativa no meio musical desse período.

Dessa perspectiva, Caetano, Gil¹, Torquato Neto², Rogério Duarte³, Capinam⁴, Tom Zé⁵, Rogério Duprat⁶ e outros participantes conseguiram criar uma nova imagem e um novo pensamento sobre um Brasil que atravessava um processo autoritário de modernização em meio a uma brutal desigualdade social. Ao reivindicar os signos de uma cultura de massas precária e globalizada, produziram, sim, através de sua arte uma visão singular do país que reverbera até hoje.

¹ **Gilberto Gil** (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas, Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Bethânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. Sobre Gil e Caetano, a IHU On-Line dedicou um tema de capa especial na edição 476, intitulada Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só, publicada em 03/11/2015, disponível em <https://bit.ly/3rKoyzm>. (Nota da IHU On-Line)

² **Torquato Pereira de Araújo Neto** (1944—1972): foi um poeta, jornalista, letrista de música popular, experientador da contracultura brasileira. Torquato envolveu-se ativamente na cena cultural soteroopolitana, onde conheceu, além de Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia. Em 1962, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar jornalismo na universidade, mas nunca chegou a se formar. No final da década de 1960, com o AI-5 e o exílio dos amigos e parceiros Gil e Caetano, viajou pela Europa e Estados Unidos com a mulher Ana Maria e morou em Londres por um breve período. De volta ao Brasil, no início dos anos 1970, Torquato começou a se isolar, sentindo-se alienado tanto pelo regime militar quanto pela “patrulha ideológica” de esquerda. Passou por uma série de internações para tratar do alcoolismo, e rompeu diversas amizades. (Nota da IHU On-Line)

³ **Rogério Duarte Guimarães** (Ubaíra, 10 de abril de 1939): Intelectual multimídia baiano, Rogério Duarte é artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor. Nos anos 60 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como diretor de arte da UNE e da Editora Vozes. Foi o autor de vários cartazes para filmes de seu amigo Glauber Rocha, como Deus e o diabo na terra do sol (símbolo do cinema nacional), Terra em transe e A idade da terra. Também criou, para este último, a trilha sonora. Entre os vários artistas com os quais colaborou, contam-se Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Gilberto, Jorge Ben e Gal Costa. Considerado um dos mentores intelectuais do movimento tropicalista, Rogério foi também um dos primeiros a ser preso e a denunciar publicamente a tortura no regime militar. Preso juntamente com seu irmão Ronaldo Duarte, o caso mobilizou artistas e mereceu ampla divulgação no jornal carioca Correio da Manhã, que publicou uma carta coletiva pedindo a libertação dos “Irmãos Duarte”. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **José Carlos Capinam** (1941): mais conhecido como Capinam ou Capinan é um poeta e músico brasileiro. Também é jornalista. Nascido em Esplanada, na Bahia, tem uma vasta obra literária e diversas composições musicais. Participou ativamente da Tropicália como um destacado letrista. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Antônio José Santana Martins - Tom Zé** (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Rogério Duprat** (1932-2006): compositor e maestro brasileiro. Um dos maiores responsáveis pela ascensão da Tropicália, personalizando o som do então emergente movimento musical com arranjos bem elaborados, criativos e perfeitamente antenados com as tendências internacionais da época. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Aliás, qual a importância da obra de Caetano para atualizar o sentido do Modernismo brasileiro?

Frederico Coelho – Essa pergunta precisa ser pensada na sua dimensão mais ampla, isto é, a premissa de que movimentos culturais funcionam a partir de uma continuidade linear, com legados passando entre gerações. Acho que muitos além de Caetano sempre atualizam o sentido do Modernismo – mas também teríamos de precisar melhor qual o sentido que ele atualizaria. O Modernismo em seu período heroico foi um movimento cujas premissas articulavam ideias como invenção formal, ruptura com estéticas estabelecidas, mergulho nas temáticas urbanas e rurais do Brasil, atualização da informação cultural internacional etc. Se pensarmos por esses princípios gerais do Modernismo, sem dúvida que o trabalho de Caetano Veloso atualiza o que a geração do Modernismo da década de 1920 apresentou em seus trabalhos. Se pensarmos como a “formação da literatura brasileira” de Antonio Candido, o tropicalismo musical seria um dos “momentos decisivos” dessa linhagem que passa pelo Modernismo. Só que é preciso lembrar que as informações que alimentaram a formação de Caetano não passam necessariamente por essas fontes, mas sim por outras que já vinham do cinema norte-americano, francês, italiano, das canções



Beba Coca-Cola - Décio Pignatari (1957)

IHU On-Line – Como a obra musical de Caetano dialogava, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, com outros movimentos artísticos do período, tais como a poesia concretista de Oiticica e Pignatari?

Frederico Coelho – Essas ligações ocorreram durante esse período pelos contatos que esses grupos de artistas e intelectuais travavam na época. São trajetórias que vão se encontrando, como as de Hélio Oiticica¹³ e os Irmãos Campos¹⁴, que se conheciam desde a década de 1950, de Caetano com os irmãos Campos e Décio Pignatari¹⁵ a partir da aproximação que Augusto de Campos promove com suas críticas musicais (publicadas no livro *Balanço da Bossa e outras bossas*), de Oiticica e Caetano através de uma amiga em comum, a jornalista e fotógrafa

¹³ Hélio Oiticica (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Os irmãos Campos são Augusto de Campos e Haroldo de Campos. **Augusto de Campos** (1931): tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música nascido em São Paulo. Publicou em 1951 seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, iniciou o movimento da poesia concreta no Brasil, lançou a revista literária *Noigandres*, origem do grupo *Noigandres*. Em 1955, no segundo número da revista, publicou uma série de poemas em cores, *Poetamenos*, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. Em 1956, participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (*Artes Plásticas e Poesia*), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua obra veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras, bem como em antologias internacionais. A maioria dos seus poemas acha-se reunida em *Viva Vaia* (1979), *Despoesia* (1994) e *Não* (2003). Outras obras importantes são *Poemóviles* (1974) e *Caixa Preta* (1975), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro *Não poemas* (2003) recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. **Haroldo de Campos** (1929-2003): poeta e tradutor nascido em São Paulo. Fez seus estudos secundários no Colégio São Bento, onde aprendeu os primeiros idiomas estrangeiros, como latim, inglês, espanhol e francês. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no final da década de 1940, lançando seu primeiro livro, *O Auto do Possesso*, em 1949, quando participava do Clube de Poesia, ao lado de Décio Pignatari. Em 1952, Décio, Haroldo e seu irmão Augusto de Campos rompem com o Clube, por divergirem quanto ao conservadorismo predominante entre os poetas, conhecidos como Geração de 45. Fundam, então, o grupo *Noigandres*, passando a publicar poemas na revista do grupo, de mesmo título. Nos anos seguintes, defendeu as teses que levariam os três a inaugurar, em 1956, o movimento concretista, ao qual se manteve fiel até o ano de 1963, quando inaugura um trajeto particular, centrando suas atenções no projeto do livro-poema *Galáxias*. Fez o doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação de Antonio Candido, tendo sido professor da PUC-SP, bem como na Universidade do Texas, em Austin. Haroldo dirigiu até o final de sua vida a coleção *Signos*, da Editora Perspectiva. “Transcreveu” em português poemas de autores como Homero, Dante, Mallarmé, Goethe, Mayakovski, além de textos bíblicos, como o Gênesis e o Eclesiastes. Publicou, ainda, numerosos ensaios de teoria literária, entre eles *A Arte no Horizonte do Provável* (1969). No teatro, suas obras foram interpretadas, com exclusividade, por três atores: Giulia Gam (1989, *Cena da Origem*, direção de Bia Lessa), Bete Coelho (1997, *Graal: Retrato de um Fausto Quando Jovem*, de Gerald Thomas) e Luiz Pãetow (2015, *Puzzle*, de Felipe Hirsch). Pouco antes de falecer, publicou sua transcrição em português da *Ilíada*, de Homero. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ Décio Pignatari (1927 - 2012): Nascido em Jundiá, SP, foi um publicitário, poeta, ator, ensaísta, professor e tradutor brasileiro. Desde os anos 1950, realizava experiências com a linguagem poética, incorporando recursos visuais e a fragmentação das palavras. Tais aventuras verbais culminaram no Concretismo, movimento estético que fundou junto com Augusto e Haroldo de Campos, com quem editou as revistas *Noigandres* e *Invenção* e publicou a *Teoria da Poesia Concreta* (1965). Sua obra poética está reunida em *Poesia Pois é Poesia* (1977). (Nota da IHU On-Line)

Marisa Alvarez Lima¹⁶, e obviamente pelas afinidades que suas visões artísticas apresentavam. Mesmo que o uso da obra “Tropicália”, de Hélio Oiticica, tenha virado título da música de Caetano por acaso (eles nem se conheciam na época), logo depois os artistas se tornaram próximos. Caetano nunca foi um adepto das vanguardas construtivistas brasileiras – como os concretos e Oiticica foram –, mas sempre compartilhou da visão experimental e internacionalista que eles promoveram no final dos anos 1950. Esse laço seguiu por diversos outros caminhos, como na relação de Caetano com Waly Salomão, Lygia Clark¹⁷, Paulo Leminski¹⁸ ou Cid Campos¹⁹.

IHU On-Line – Como a chamada “Marcha contra as guitarras elétricas” e a resposta de Caetano com os Beat Boys (e Gil com os Mutantes), no Festival de Música da Record, foi um momento importante na história da cultura brasileira?

Frederico Coelho – Foi importante porque se tornou relevante naquele contexto e momento do debate sobre música e cultura brasileira de então. A guerra fria, a ditadura civil-militar e a tradição nacionalista da esquerda brasileira faziam com que boa parte da intelectualidade do período visse, nos valores de uma “cultura popular” ligada aos ideários que o CPC da UNE e outros grupos da época promoviam (como o Teatro Opinião ou o Arena), o caminho “sério” e “consciente” dos artistas que tinham espaço e lançavam seus trabalhos. A proposta de uma música que fosse aberta às inovações estéticas e poéticas do rock internacional, que utilizasse o componente elétrico – guitarras e baixos – como forma de ampliar as possibilidades da canção popular feita no Brasil, fez com que os compositores baianos e seus parceiros paulistas demarcassem um novo espaço. Nem eram os engajados acústicos das canções de protesto, nem eram os inocentes da jovem guarda que agitavam a garotada nas tardes de domingo. Eles eram jovens, pops e políticos. Usavam guitarras, mas também berimbau, cantavam a Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, sertão e espaço sideral. Isso, naquele momento, redefiniu as fronteiras do que seria uma música feita no Brasil, permitiu novas abordagens estéticas, novas leituras do cotidiano brasileiro e incorporou definitivamente na canção popular temáticas ligadas à juventude urbana do pós-guerra em suas contradições, impasses, esperanças, horrores, consumismos e rebeldias.

16 Marisa Alvarez Lima: fotógrafa, jornalista, designer gráfica e videomaker. Participou ativamente do movimento Tropicalista e das manifestações de Arte-Antiarte, Cultura-ContraCultura nos anos 1960 e 1970. Publicou os livros Maria Bethânia (1980) e Marginália - arte & cultura na idade da pedrada (1996). Em 1986, levou mais de 40 mil pessoas à instalação multimídia Pecado, no Rio Design Center. (Nota da IHU On-Line)

17 Lygia Clark: brasileira, pintora, escultora, auto-intitulou-se não-artista. (Nota IHU On-Line)

18 Paulo Leminski Filho (1944 —1989): foi um escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

19 **Cid Campos** (1958): músico, compositor e produtor musical. Filho do poeta Augusto de Campos, ainda pequeno ele ouvia, em casa, Webern, Cage, Varèse, Stockhausen, Beatles, Hendrix, Janis Joplin, João Gilberto e assistia a shows particulares de Caetano, Tom Zé, Novos Baianos. Nos anos 1970, teve atuação como baixista e compositor, assimilando a linguagem da música pop, do rock, do jazz e da MPB. Participou dos grupos Papa Poluição e Sexo dos Anjos. Integrou o grupo de rock Zipertensão que, com a composição “Vamp Neguinha” (letra e música suas), criou polêmica no Festival dos Festivais da Globo em 1985. Ao longo de sua carreira, participou de discos e shows de Walter Franco, Tom Zé, Péricles Cavalcanti e Adriana Calcanhotto, entre outros. Desde a década de 80 dedica-se a atividades musicais interdisciplinares. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Em que sentido Caetano Veloso incorporava o modelo de “Superastro” da geração setentista brasileira, como descreveu Silviano Santiago, e o que significa tal adjetivo?

Frederico Coelho – O Superastro é um termo criado por Silviano Santiago²⁰ para abordar a persona pública de Caetano Veloso em um dos seus momentos definitivos na construção da idolatria ao redor de seu nome. Era 1972, Caetano retornava ao Brasil depois de quase três anos de exílio, e o público brasileiro e, principalmente, a imprensa alimentavam uma expectativa imensa sobre qual seriam suas opiniões, suas ideias, suas músicas ao retomar seu trabalho no Brasil. Ali, se rompia a fronteira entre a vida pública e a vida privada do cantor, fazendo dele uma espécie de símbolo geracional. Suas opiniões eram demandadas na mesma medida em que suas roupas eram comentadas, seus hábitos, seu corpo. É como se o corpo do artista fosse uma síntese de sua obra. Isto fez de Caetano tanto um astro no sentido pop quanto um nervo exposto de impasses da cultura brasileira após os anos 60.

IHU On-Line – Qual a atualidade da canção “Tropicália” em um Brasil cuja eterna promessa de futuro não cessa de nunca chegar?

Frederico Coelho – “Tropicália” é uma canção sempre atual porque ela fala de situações estruturais do país e de sua história. Os contrastes sociais, os impasses sobre nossa condição colonial e o desejo permanente de modernidade, o comentário sobre ícones da cultura popular e erudita, tudo isso faz com que a canção de Caetano fale de todas as temporalidades – inclusive desses futuros que nunca chegam. É conhecida a veia sebastianista de Caetano nesse período, e “Tropicália” liga Pero Vaz de Caminha²¹ a Brasília, projeta justamente o paradoxo que nos impede de atingir um horizonte que podemos chamar de “primeiro mundo” ou seja lá o horizonte utópico que pode ser projetado para o país.

²⁰ Silviano Santiago: escritor brasileiro, ganhador do Prêmio Jabuti em 1997. (Nota da IHU On-Line)

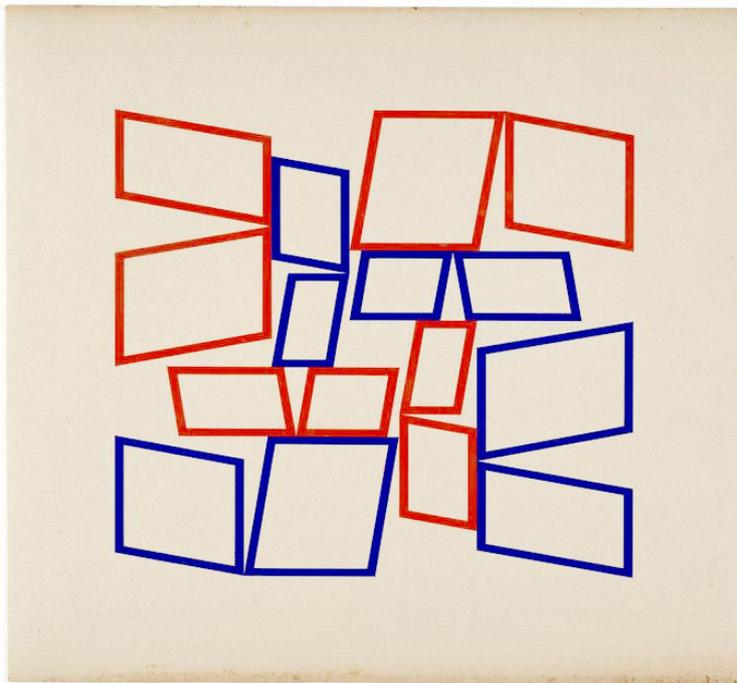
²¹ Pero Vaz de Caminha (1450-1500): nobre português, que notabilizou-se nas funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. Em 1500, foi nomeado como escrivão da feitoria a ser erguida em Calicute, na Índia, razão pela qual se encontrava na nau capitânia da armada de Pedro Álvares Cabral em Abril desse mesmo ano, quando esta descobriu o Brasil, eternizando-se como o autor da carta, datada de 1º de Maio de 1500, ao soberano, documento que é considerado como a certidão de nascimento deste país. (Nota da IHU On-Line)



Caetano vestindo “Parangolé” de Hélio Oiticica na capa do livro Verdade Tropical (Cia. das Letras, 2020)

IHU On-Line - Quais são as principais semelhanças e diferenças entre o “jovem” Caetano e o “velho” Caetano do ponto de vista artístico e político?

Frederico Coelho – Acho que as diferenças são naturais para qualquer artista que atravessa mais de cinco décadas de carreira em constante produção. As exigências vanguardistas que percorreram o seu trabalho entre as décadas de 1960 e 1980 passaram aos poucos a se adaptar às demandas de uma indústria fonográfica que se tornou imensa, densa e tensa. Após uma fase de projetos que mostravam a “maturidade” de Caetano – discos em diferentes línguas visando o mercado internacional –, ele retoma uma série de trabalhos ao lado da banda Cê, com canções inéditas que marcaram uma renovação de público no século XXI. Paralelamente aos seus diferentes caminhos sonoros, sua personalidade pública foi sendo deslocada do “superastro” para uma personalidade cada vez mais famosa, porém com outras formas de se colocar em público de acordo com as fases de sua vida. Afinal, estamos falando de um artista que, apesar de ainda inquieto, incorpora cada vez mais a presença dos seus filhos, se tornou avô e já não precisa seguir expectativas sobre sua “tradição da ruptura”.



Mestaesquemas - Helio Oiticica (1957-1958)

O Narciso tropical que se vê no mundo que exprime

Acauam Oliveira faz uma minuciosa leitura sobre como Caetano Veloso olha para si para olhar para o mundo e como isso se expressa em suas composições e canções

João Vitor Santos | Edição: Ricardo Machado

Em setembro de 2020 foi lançado o documentário *Narciso em férias*, dirigido por Renato Terra e Ricardo Calil, sobre a prisão de Caetano Veloso, durante a ditadura civil-militar do Brasil. O substantivo/adjetivo que dá título ao filme é um dos traços mais característicos e que emprestam maior riqueza à obra do artista.



Imagem: Divulgação documentário "Narciso em férias" (Renato Terra, Ricardo Calil, 2020)

“As análises dos movimentos e dos artistas são extraordinárias, e ele tem um olhar apurado para a história que de fato ajudou a construir. Ao mesmo tempo, é uma reflexão sobre o mundo que parte sempre de si, assim como nas suas músicas. Mesmo as canções mais subjetivas de Caetano possuem algum teor de reflexão mais ampla, com

alguma pequena tese/opinião por trás”, explica o professor e pesquisador Acauam Oliveira. “Não é só análise de personagem nem exposição subjetiva, mas a defesa de algum ponto de vista crítico. É sempre um olhar que olha para si olhando para o mundo, como aparece de forma explícita em canções como Sampa”, complementa.

Outro aspecto não menos interessante da obra de Caetano é a forma como ele encara os dilemas e contradições da sociedade brasileira, não por acaso temas que são caros à esquerda acadêmica. “Existe uma diferença importante entre Caetano e a esquerda acadêmica. É que Caetano, desde uma perspectiva intelectualizada, olha para lugares da cultura que a academia prefere ignorar ou rebaixar, sobretudo no que diz respeito à chamada Indústria Cultural. Aquilo que a academia abomina é do que Caetano entende e gosta”, descreve o entrevistado.

“A maneira como ele unifica múltiplos registros, dos mais transcendententes aos mais cotidianos, da pergunta fundamental sobre o existir (Existirmos, a que será que se destina) ao mais prosaico gesto cotidiano (A cajuína cristalina em Teresina) cria uma poética muito densa e muito rica, em que o particular é a condição do universal”, sustenta Oliveira.



Acauam Oliveira é graduado em Letras, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo - USP. É professor da Universidade de Pernambuco - UPE, atuando na graduação em Letras e no Mestrado Profissional em Letras.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender a complexa articulação entre a forma como Caetano Veloso articula sua produção artística com os processos sociais históricos do Brasil?

Acauam Oliveira – Adorno tem um texto fundamental, na verdade uma palestra, que foi publicado com o título de *Palestra sobre lírica e sociedade*. Nesse texto ele vai mostrar, dentre outras coisas, como é que um poema lírico profundamente subjetivo pode ser mais revelador de contradições sociais do que um modelo de arte engajada que trata mais imediatamente do político. Isso porque o poema lírico mais derramado subjetivamente (obviamente que não todos), ao se centrar mais

livremente nos movimentos internos do *eu*, acaba por se revelar menos ideologicamente comprometido com uma perspectiva política parcial, dando conta das contradições sociais de modo muito mais intensificado ao expor as contradições internas do eu-lírico.

Acho que não é de todo errado dizer que Caetano é mais comprometido consigo mesmo do que com suas próprias posições ideológicas – o que causa verdadeiro *frisson* dentre os que buscam por coerência entre as duas esferas. Isso faz com que para ele interesse mais colocar determinadas questões do que defender posicionamentos, ainda que suas defesas sejam bastante enérgicas. Por isso ele consegue ser sempre bastante atual, adentrando nos mais diversos debates. É um artista que sempre vai levantar alguma bola nova ali onde as coisas aparentam estar muito fechadas. O que nem sempre dá muito certo: diversos desses chutes passam longe do gol, mas a beleza dos golaços equilibra o conjunto. Ele pensa por contradições, e essa é sua força. Não que ele não se posicione, ao contrário, por vezes passa a impressão de se ‘posicionar demais’, mas seu compromisso maior é antes com o questionamento em si, com a abertura. Isso que pode ser um problema político, em termos artísticos é uma grande qualidade. É só ver Drummond¹ e Machado², por exemplo, ainda que bem mais negativos.

O narcisismo e o egocentrismo não são, em si mesmos, um problema para a arte. Aliás, são frequentes os exemplos contrários. O que se julga moralmente inadequado para o convívio em sociedade pode render grande força artística. O problema é quando esse eu chama a atenção para si sem ter muito o que dizer. O professor Alcides Villaça fez uma postagem nesse sentido em suas redes sociais, dizendo exatamente isto: “o ego do Caetano não é maior do que o de seus habituais detratores: é apenas muitíssimo mais bem sucedido”. De fato, a diferença parece ser antes de tudo, de grau: o narcisismo de Caetano chega a resultados brilhantes, ao passo que seu entorno, também pautado pelo típico narcisismo tupiniquim (jornalistas, crítica cultural, tribunal do Facebook etc.), chafurda na mediocridade. Caetano sempre fala de si, mas esse falar de si (quase) nunca é apenas autoelogio vazio: a reflexão sobre a sua condição de estar no mundo é condição de pensar elementos múltiplos e contraditórios da realidade ao mesmo tempo.

Narcisismo como método

Longe de ser só veleidade (embora também a envolva), o narcisismo de Caetano é, sobretudo, método. De fato, seu ego “(re)organiza o

1 Carlos Drummond de Andrade (1902 —1987): poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Drummond foi um dos principais poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, embora sua obra não se restrinja a formas e temáticas de movimentos específicos. Os temas de sua obra são vastos e empreendem desde questões existenciais, como o sentido da vida e da morte, passando por questões cotidianas, familiares e políticas, como a utopia socialista, dialogando sempre com correntes tradicionais e contemporâneas de sua época. As características formais e estilísticas de sua obra também são vastas, destacando-se, por vezes, o dialeto mineiro. (Nota da IHU On-Line)

2 Machado de Assis [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada Machado de Assis: um conhecedor da alma humana, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da IHU On-Line)

movimento” e o carnaval em torno de seu próprio umbigo, mas o processo não faz a realidade exterior desaparecer, sufocada por um subjetivismo redutor (embora frequentemente obscureça os limites entre visão crítica, autopromoção e veleidade). Não existe uma só canção de Caetano (ou mesmo regravações), por mais particularizada e subjetiva que aparente ser, que não traga algum posicionamento e reflexão sobre o mundo. O mundo, reduzido às dimensões do próprio corpo, se torna a um só tempo performance e objeto de reflexão estética. Ao invés de ser um modo de fuga do real, seu narcisismo é o modo mesmo de enfrentamento do mundo, que o coloca no centro do furacão. Aliás, é possível dizer como vários críticos, que na obra de Caetano se articulam diversos eus: muitas e muitas camadas que se sobrepõem, e que dessa dispersão extraem sua força específica.

Penso na forma do *Verdade Tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). Sendo Caetano um narcisista vulgar, como quer certa crítica, por que ele não aproveitou a chance para escrever uma biografia? Ia vender pra caramba, com certeza. Ao invés disso ele mistura reflexão pessoal com interpretações de fôlego sobre estética e política, e constrói uma obra memorialística que se torna um clássico nacional. As análises dos movimentos e dos artistas são extraordinárias, e ele tem um olhar apurado para a história que de fato ajudou a construir. *Ao mesmo tempo, é uma reflexão sobre o mundo que parte sempre de si, assim como nas suas músicas.* Mesmo as canções mais subjetivas de Caetano possuem algum teor de reflexão mais ampla, com alguma pequena *tese \ opinião* por trás. Não é só análise de personagem nem exposição subjetiva, mas a defesa de algum ponto de vista crítico. É sempre um olhar que olha para si olhando para o mundo, como aparece de forma explícita em canções como *Sampa. Alguma coisa acontece em meu coração*. Um eu que olha a si mesmo desde dentro e desde fora. Ele compreende o mundo tomando a si como personagem, o que cria um trânsito rico entre experiência subjetiva e objetividade analítica.

Acho que o *Verdade Tropical* tem a forma exata do narcisismo de Caetano. É um corpo que se localiza, em situação, e ao se localizar permite compreender o seu entorno ao ser atravessado pela história, o que confere às coisas uma dimensão original que passa necessariamente pela subjetividade. É como se o corpo fosse colocado na frente das ideologias, e permitisse um olhar mais livre, denso e contraditório. A contradição pode ser inimiga da política, mas é frequentemente amiga da arte. É uma pena que parte de sua recepção acabe por perder a riqueza desse olhar, por conta de divergências de posicionamento. Acho que cabe aqui uma citação de uma entrevista do Paulo Arantes, quase uma refutação viva de Caetano em diversos sentidos: “O John Dewey dizia que teoria não importa. Eu não ligo se o cara é racionalista ou empirista, corinthiano ou flamenguista. Quero é saber se ele joga bem”.

Sempre lembro de um episódio do Caetano em um debate com a galera mais à esquerda da MPB, se não me engano na revista *Homem. A MPB se debate* era o título. Em certo momento o debate girava em torno das tradicionais críticas à alienação do Pelé frente aos problemas do povo negro, sendo que todo mundo ali na sala era branco. Caetano vai interromper o circuito para dizer que Pelé, sem apresentar consciência política, fez mais pelos negros do Brasil que toda a esquerda universitária branca, compositores engajados inclusos. Ou seja, Caetano é o único naquele momento a assumir uma postura antirracista e criticar o racismo da intelectualidade branca. E ele faz isso de

uma perspectiva que deliberadamente confronta o que era um consenso da esquerda, conseguindo ser mais progressista ao dela se afastar. É claro que, em outros momentos, a mesma postura de distanciamento vai levá-lo a relativizar a discussão sobre a necessidade de os artistas se unirem enquanto classe contra a indústria fonográfica. Aí ele assume uma crença liberal meio ingênua no padrão, mas não porque de fato acredite nisso integralmente, mas para polemizar, nesse caso no mau sentido. Toda questão em torno do Caetano passa por conseguir separar essas instâncias múltiplas e problemáticas. Mas com a consciência de que é essa mistura que determina a sua força e originalidade.

Por outro lado, seu narcisismo se revela problemático quando o desejo de autopromoção se eleva sobre o compromisso com esses questionamentos elementares, ou quando ele revela uma tendência à centralização da história da música popular a partir de si. É quando a tendência à abertura, que é a marca (até certo ponto) do Tropicalismo, se converte em uma bem-sucedida estratégia para sempre ocupar o centro do debate. Estratégia essa que envolve uma série de elementos tradicionais de disputa de poder, de silenciamentos a desvios mais ou menos graves. Por exemplo, presença ostensiva de Caetano, sempre no centro dos debates tem a ver com sua importância fundamental, obviamente, com a qualidade absurda de sua obra (é um dos raros artistas cuja extensa discografia mantém coerência, com poucos momentos em que cai no banal ou desnecessário), e com seu grande talento para dialogar com as novas gerações. Mas não é apenas isso, pois são diversas as estratégias que ele usa para manter essa centralidade, como 'generosamente' distribuir a bibliografia com o qual a crítica tem que lidar. O debate de Caetano gira agora em torno de Domenico Losurdo³, mas já girou em torno de muita gente, de Oswald de Andrade⁴ a Mangabeira Unger⁵. Seja para criticar, seja para elogiar, o fato é que a crítica se sente confortável nesse lugar, pois o mestre forneceu a bibliografia. A crítica agradece, porque facilita sua vida, e recompensa o artista colocando sua figura em destaque, positiva ou negativamente. Esse movimento com o funk, por exemplo, é impossível de acontecer, porque a relação com a cultura letrada é de outro tipo. Caetano sabe jogar o jogo que o coloca no topo, e sabe lidar com as expectativas críticas.

O risco da centralidade

Existe um risco nessa centralidade, que na verdade é reflexo de um outro, mais abrangente: o de se colocar a MPB no centro de compreensão da música popular. Cria-se a partir daí uma série de consensos e pontos de partida

3 Domenico Losurdo (1941 —2018): filósofo e historiador marxista italiano. É conhecido pela sua crítica ao anticomunismo, ao colonialismo, ao imperialismo, ao liberalismo e ao conceito de totalitarismo. Losurdo foi um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, onde foi membro do comitê central e militou até o final da sua vida, apesar de ter pedido por um afastamento das suas tarefas para que pudesse se concentrar na escrita dos seus livros. (Nota da IHU On-Line)

4 Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp foram os idealizadores do Modernismo no Brasil, na década de 1920, uma visão da país radicalmente vanguardista que rompia, pela primeira vez em termos culturais, com o colonialismo cultural vigente à época. É autor de uma vasta obra, passando por críticas literárias, autoria de peças teatrais, romances e textos teóricos. Dentre sua obra, vale destacar o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, Manifesto Antropófago e Crise da Filosofia Messiânica, textos importantes no que concerne à originalidade do pensamento nativo brasileiro e que se colocam na crítica profunda à razão ocidental hegemônica. Após a virada antropológica, em 1979, o autor passou ocupar um papel de destaque na Antropologia brasileira. (Nota da IHU On-Line)

5 Mangabeira Unger [Roberto Mangabeira Unger] (1947): é um filósofo e teórico social brasileiro. Por duas vezes foi ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil. Em 1971, tornou-se um dos mais jovens professores da Universidade Harvard. (Nota da IHU On-Line)

que estão longe de dar a palavra final. Acreditar, por exemplo, que a principal característica da música popular seria o trânsito entre o popular e o erudito, o que de fato é uma característica importante, mas não sei até que ponto seria a principal. Existem a meu ver outras características muito mais elementares, como por exemplo o protagonismo popular. A música popular juntamente com o futebol são os dois modelos culturais em que os negros pobres assumiram o protagonismo, se tornando os maiores e mais importantes criadores. É claro que a classe média participa e colabora ativamente, mas a força criativa em peso é, sobretudo, popular. Mesmo a MPB, que é um estilo vinculado à classe média, depende organicamente da cultura popular, além de ser um intervalo determinado na história da música. O fato desse trânsito conciliatório ser a marca mais importante da MPB não significa que seja a característica determinante da música popular. Essa percepção é fundamental para mudar a forma como se conta essa história, por exemplo. Ao invés de momentos de conciliação nacional, a busca pelo protagonismo negro.

No caso particular do Caetano, isso fica muito claro em sua relação com o rap. Sendo muito sagaz, de cara percebe que o rap representa uma mudança de paradigma fundamental. Sua estratégia então vai ser a de sempre: compreender o processo ao se colocar no centro. Junto com Gil, compõe o primeiro rap que trata do massacre do Carandiru, *Haiti*, de uma perspectiva mestiça que confronta a perspectiva negra do hip hop. E depois vai gravar outros raps em que defende a nossa democracia mestiça como a verdadeira identidade negra nacional. Veja, ele não se coloca contra o rap, e nisso já avança diversos passos em relação aos detratores progressistas que o julgavam como uma forma de alienação. Mas ele como que ‘corrige’ o rap a partir de sua perspectiva, ao invés de partir dele para reconhecer os limites objetivos do seu próprio lugar de classe. Nesse momento a abertura ao novo revela um limite objetivo, e o narcisismo assume sua dimensão mais ideológica ao suprimir contradições incontornáveis. Ainda assim, é interessante na medida em que reconhece o poder do interlocutor e parte para o embate, cujo problema é a disparidade das posições.

O Narciso Caetano e a esquerda acadêmica

Agora a pergunta sobre a relação entre o narcisismo de Caetano e o da esquerda acadêmica eu acho um pouco mais complexa. De um lado, tanto Caetano quanto qualquer artista da MPB clássica hoje sofrem o mesmo problema de comunicação com o povo que atinge todo o campo progressista, e não só na academia. A MPB hoje se comunica muito mais com um nicho específico do que nos anos 1970, quando ela era um modelo de música pop, ainda que não fosse o maior sucesso popular. Agora, existe uma diferença importante entre Caetano e a esquerda acadêmica. É que Caetano, desde uma perspectiva intelectualizada, olha para lugares da cultura que a academia prefere ignorar ou rebaixar, sobretudo no que diz respeito à chamada Indústria Cultural. Aquilo que a academia abomina é do que Caetano entende e gosta. Frequentemente, para quem estuda música popular desde uma perspectiva interna, é muito



mais interessante acompanhar aquilo que Caetano (e outros, como Tom Zé⁶) está pensando do que o que se repete, algo tediosamente, entre acadêmicos, para quem o pagode é um samba rebaixado ou o axé é só uma expressão da forma mercadoria. Caetano dificilmente expressa juízos rasos como esse, a não ser quando lhe convém. Aquilo que pode ser lido como um olhar excessivamente condescendente para com a Indústria Cultural e com as possibilidades do capitalismo, que nunca se realizam, é também um olhar mais atento para a complexidade dos movimentos internos da cultura, que nunca são a mera reprodução do Sujeito do Capital que, como se sabe, é automático e vazio. Posso citar o funk como exemplo. Ao invés de criticar o funk com juízos prontos que se repetem até hoje – expressão decadente de uma juventude pobre alienada que promove sua própria destruição ao valorizar o consumo – Caetano percebe o enorme potencial de invenção do gênero. E a partir disso irá propor sua própria versão, que frequentemente subverte as expectativas do gênero. O resultado não é nem uma adesão acrítica (os funks de Caetano são diversos), nem um gesto total de recusa. Trata-se de uma aposta em certa abertura infinitesimal que se localiza no intervalo das coisas.

A postura de Caetano é frequentemente contraditória e ambígua: por um lado vai tentar se colocar (ao lado de Gil) no centro do renascimento do carnaval baiano, que se renasceu foi muito mais por meio da agência e do protagonismo popular do que pela agência de mediadores culturais de classe média. Por outro lado, o olhar que ele lança ao Axé enquanto dado cultural é muito superior à média da crítica acadêmica, que mal se interessa pelo assunto. Ele conseguiu transformar seu olhar em um método crítico que incorpora o que tem de mais potente na MPB. Não é por acaso que é sempre tão debatido. As contradições, limites e possibilidades do finado projeto de modernização da classe média progressista estão todas nele.

IHU On-Line – O senhor ainda analisa longamente a relação de Caetano com seus – diferentes – interlocutores. Em que medida isso se configura como uma estratégia para ‘cativar o público’? Ou seria uma postura política?

Acauam Oliveira – Acredito que essa pergunta se refira mais diretamente àquele artigo do Passa Palavra, que já tem um bom tempo que foi publicado, quase dez anos. Então é difícil lembrar algumas coisas. Mas, na ocasião eu estava analisando a participação do Caetano no programa *Vox Populi*, de onde saiu aquele meme engraçadíssimo (além de útil) do *Você é Burro, cara*. Na época muita gente estava criticando a postura arrogante do Caetano, a partir da já comentada condenação de seu egocentrismo. E daí que eu me interessei não sei por que pelo debate e fui assistir ao tal programa. Foi quando reparei que existiam duas posturas muito distintas do Caetano. Uma em relação a pessoas mais próximas, ou desconhecidos que faziam perguntas claramente interessadas em um diálogo, e outra, sobretudo em relação à imprensa especializada, que em boa parte das questões tentava fazê-lo cair em ‘armadilhas’ toscas. Com os interlocutores mais dispostos ao diálogo real e franco, ele sempre res-

⁶ Antônio José Santana Martins - Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

pondia de forma leve, tranquila. Mas como as perguntas dos jornalistas eram claramente mal-intencionadas, seu tom subia.

Tem um momento da entrevista em que um jornalista faz uma pergunta em duas partes. Primeiro, pergunta qual era o significado da gíria ‘curtir’ para os jovens, que para ele parecia algo muito vago. E Caetano tenta responder, argumentando que gírias são por natureza vagas e imprecisas, pois tentam dar conta de fenômenos relativamente recentes para os quais ainda não existe categorização precisa, e por aí vai. Ou seja, ele tenta de fato responder o que lhe é perguntado. Mas na sequência, após a resposta inicial do artista, o jornalista emenda outra questão: se para ele a juventude na época da ditadura não estaria mais preocupada em curtir do que tratar de coisa séria. Ou seja, a primeira pergunta era só uma armadilha cujo objetivo era uma vez mais acusar Caetano de alienado e vendido, pois o jornalista em questão já tinha muito claro o que para ele significava curtir.

Diante de perguntas como essa, o que Caetano faz é devolver na mesma moeda. Nesse caso, ele diz explicitamente que não sabia a razão da pergunta, já que o jornalista sabia a resposta de antemão. A imprensa liberal com retórica de esquerda nesse caso demonstra um misto de arrogância e ignorância, cobrando do artista uma postura política que ela própria estava longe de ter. Um verdadeiro circo de projeção de frustrações que é de enervar qualquer um. Nesse caso eu tendo a concordar com a postura do Caetano, que para mim lembra muito a movimentação recente de atrizes que têm se pronunciado contra a imprensa especializada, cujas perguntas direcionadas às mulheres dizem sempre respeito a dietas e figurino. A falta de respeito nesse caso é dos jornalistas e da crítica, que tratam o entrevistado como uma mercadoria qualquer. O que, aliás, é a regra.

IHU On-Line – Muitos consideram que Caetano traduz em música momentos marcantes da História do Brasil, especialmente durante a ditadura. O senhor concorda? E como compreender a forma que Caetano ‘canta’ o melhor e o pior do Brasil e todas as suas contradições?

Acauam Oliveira – Eu acho essa percepção muito acertada. E não somente durante a ditadura. A obra do Caetano tem uma percepção muito aguçada das contradições da sociedade brasileira, e uma capacidade de perceber muito rapidamente os caminhos pelos quais as coisas vão se encaminhar. Eu acho que ele conseguiu criar uma estética que mescla muito profundamente uma exposição aguda da própria subjetividade, uma reflexão profunda sobre a música popular e uma percepção sobre o lugar do Brasil no mundo. Tudo isso ao mesmo tempo. É aquilo que está na canção *Terra*, um olhar para a experiência do corpo em confinamento que leva a uma reflexão sobre a jornada da terra a vagar no espaço, que é também a percepção do pertencimento à terra natal. A maneira como ele unifica múltiplos registros, dos mais transcendentais aos mais cotidianos, da pergunta fundamental sobre o existir (*Existirmos, a que será que se destina*) ao mais prosaico gesto cotidiano (*A cajuína cristalina em Teresina*) cria uma poética muito densa e muito rica, em que o particular é a condição do universal. É uma figura primordial porque realiza enquanto projeto aquilo

que João Gilberto⁷ e Jorge Ben⁸ realizaram musicalmente, que é interpretar o passado sob a luz das técnicas mais avançadas do presente, para daí abrir possibilidades de futuro.

Acho que para compreender como Caetano canta o melhor e o pior do Brasil é preciso compreender como o tropicalismo ressignificou o sentido político mais geral da MPB. Na leitura que eu faço desse momento, o tropicalismo funciona como uma espécie de ‘correção’ de rumos estéticos. A MPB sempre foi um movimento de uma classe média intelectualizada de esquerda que se colocava até certo ponto em oposição à ditadura. Uma oposição, contudo, desvinculada de maiores vínculos concretos de classe com o povo, que haviam sido interrompidos pela ditadura, e cujo resultado artístico era em muitos casos ideológico no conteúdo, pois pregava um populismo de caráter abstrato, ainda que avançado na forma, influenciado pela bossa nova. Aquela velha crítica ao populismo da canção de protesto, que se não é de todo acertada, ao menos tem algum fundamento. O tropicalismo irá desvincular de vez a MPB de um projeto e imaginário definidos previamente, desde fora, em nome de um porvir abstrato e de uma identidade nacional nítida. A partir de então, a ênfase vai recair sobre o método, e não sobre os conteúdos, que podem ser desde uma moda de viola até o rock n’roll mais barulhento. O Brasil como porvir, resultado do processo artístico.

Acredito que a partir daí é possível repensar alguns aspectos da relação entre cultura e política na MPB dos anos 1960 e 1970. Porque me parece que quando se pensa essa relação, no geral as pessoas se referem ao conteúdo, ou seja, aquelas músicas e artistas que apresentam um conteúdo mais explicitamente político. As canções de Chico⁹, Belchior¹⁰, os Tropicalistas no geral, a galera do Clube da Esquina.

7 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira [João Gilberto] (1931 —2019): cantor, violonista e compositor brasileiro, considerado um artista genial por musicólogos e jornalistas especializados, revolucionou a música brasileira ao criar uma nova batida de violão para tocar samba: a “bossa nova”. Para a revista Rolling Stone Brasil, foi um dos 30 maiores ícones brasileiros da guitarra e do violão e também o segundo maior artista brasileiro de todos os tempos, seguindo Tom Jobim. Desde o lançamento do compacto que continha Chega de Saudade e Bim Bom, munido apenas da voz e do violão, começou uma revolução na música mundial. Dono de uma sonoridade original e moderna, João Gilberto levou a música popular brasileira ao mundo, principalmente para os Estados Unidos, Europa e Japão. Tido como um dos músicos mais influentes no jazz americano do século XX, ganhou prêmios importantes nos Estados Unidos e na Europa, como o Grammy, em meio à beatlemania. (Nota da IHU On-Line)

8 Jorge Duílio Lima Meneses (1945): conhecido como Jorge Ben e Jorge Ben Jor, é um violonista, pandeirista, guitarrista, percussionista, cantor e compositor brasileiro. Em 2008 a revista Rolling Stone Brasil o nomeou como o 5º maior artista da história da música brasileira. Seu estilo característico possui diversos elementos, entre eles: rock and roll, samba, samba rock, bossa nova, jazz, maracatu, funk, ska e até mesmo hip hop, com letras que misturam humor e sátira, além de temas esotéricos. A obra de Jorge Ben tem uma importância singular para a música brasileira, por incorporar elementos novos no suingue e na maneira de tocar violão, com características do rock, soul e funk norte-americanos. Além disso, trouxe influências árabes e africanas, oriundas de sua mãe, nascida na Etiópia. (Nota da IHU On-Line)

9 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A banda. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com Estorvo, e o de Livro do Ano com Budapeste, lançado em 2004, e Leite Derramado, em 2010. (Nota da IHU On-Line)

10 Belchior (1946 – 2017): Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, conhecido simplesmente como Belchior, foi um cantor e compositor brasileiro, um dos membros do chamado Pessoal do Ceará, que inclui Fagner, Ednardo, Rodger, e outros. Foi um dos primeiros cantores de MPB do nordeste brasileiro a fazer sucesso nacional, em meados da década de 1970. Seu álbum Alucinação, de 1976, é considerado por vários críticos musicais como o mais revolucionário da história da MPB e um dos mais importantes de todos os tempos para a música brasileira. Belchior ganhou o primeiro lugar no IV Festival Universitário de 1971 com a música “Hora do almoço”, interpretada por Jorge Melo e Jorge Teles. Entre os seus maiores sucessos estão Apenas um Rapaz Latino-Americano, Como Nossos Pais, Mucuripe e Divina comédia humana. Outras composições de Belchior de grande sucesso foram “Paralelas” (gravada por Vanusa) e “Galos, noites e quintais” (regravada por Jair Rodrigues). (Nota da IHU On-Line)

Mas me parece que o verdadeiro sentido político da MPB está menos no conteúdo do que na forma. Na maneira com que essa forma incorpora e sintetiza uma série de contradições do projeto de modernização nacional no período da ditadura. Ou seja, eu acho que a MPB tem que ser compreendida enquanto um *sistema de pensamento*, menos diretamente relacionada com a ideologia política de um grupo particular, do que com certo imaginário mais amplo de Brasil, que incorpora todas as contradições do nosso projeto de modernização conservadora e permite fazer uma reflexão profunda sobre e a partir delas.

A força do Caetano passa por sua capacidade de incorporar radicalmente essa potência da MPB enquanto estrutura de pensamento, e a partir dela apostar nas possibilidades do país em apresentar um projeto de originalidade ao mundo. E como em seu projeto essa originalidade passa necessariamente por uma reflexão sobre ele, é como se sua obra fosse uma espécie de *máquina de inscrever a originalidade brasileira nas coisas*. O Brasil, que está em primeiro lugar em seu próprio olhar, é ao mesmo tempo algo que não se localiza em nenhuma particularidade, e o movimento que permite corrigir e deslocar tudo o que vem de fora em nome dessa coisa que é puro movimento, embora exista no espaço. E como sua postura artística é sempre muito aberta, dotada de uma inquietude fundamental, mecanismo contínuo de lançar mundos no mundo, esse trânsito e esse diálogo sempre deverão acontecer. Ao menos tem sido assim até agora.

IHU On-Line – Quem quer compreender a obra de Caetano tem que passar essencialmente pelo quê?

Acauam Oliveira - Para mim é muito difícil dizer o que é necessário ouvir do Caetano. É um artista de quem eu gosto muito, tanto musicalmente quanto intelectualmente, e que em seus discos acerta muito mais do que erra. É mesmo os erros me interessam e fazem pensar. Em suma, sou fã. Deixem de preguiça e ouçam a discografia. Além disso, dadas essas características que apontamos, seus discos estão sempre em diálogo direto com os acontecimentos de seu tempo. O enigma da modernização brasileira nos anos 1970, a politização do cotidiano e do imaginário nos anos 1980, o lugar do Brasil no mundo nos anos 1990, o que emerge depois do fim nos anos 2000. Mesmo que se discorde de sua leitura de mundo, sua obra convoca o ouvinte a posicionar-se diante de uma situação. Esse é um tipo de arte que me atrai particularmente: não a que confirma perspectivas, mas a que tensiona de forma complexa o que se acredita. E, nesse ponto, eu acho que o Caetano é um dos que melhor incorporaram a MPB como espírito, como questão permanente sobre o que nos constitui enquanto sociedade. Veja, não é que ele tenha dado a melhor resposta para essa pergunta. Mas ele é um dos que melhor souberam transformar a própria obra em uma reprodução infinita e em tom diverso dessa pergunta. Chico Buarque, outro monstro, pergunta por aquilo que deixamos de ser desde que deixamos a banda passar. Caetano, por sua vez, pergunta o que podemos vir a ser a cada momento que já somos (já o Gil e o Jorge Ben, me parece, realizam no presente aquilo que os dois vetores da melhor produção da classe média branca

intelectualizada apenas conseguem colocar como pergunta. Mas essa é outra história).

Por outro lado, o limite desse olhar é aquilo mesmo que o torna possível, quando por exemplo Caetano fixa seu olhar e reconhece nele um caminho mais certo e objetivo, como quando demonstra a certeza de que a mestiçagem é um caminho muito mais adequado para a emancipação nacional, ou quando reconhece no liberalismo vantagens incontestáveis frente aos países socialistas. Contudo, quando essas mesmas percepções permanecem na condição de pergunta sobre sua/nossa condição de ser no mundo, essas se tornam bastante produtivas. “O samba ainda vai nascer/ o samba ainda não chegou/ o grande poder transformador” (*Desde que o samba é samba*). “O melhor o tempo esconde/ longe, muito longe/ mas bem dentro aqui” (*Trilhos Urbanos*). O melhor está por vir, ainda que já esteja por aqui desde o início. Ao mesmo tempo, esse olhar para o que há sem ainda ser garante a percepção de que o presente ainda não é bom, mantendo a tensão crítica e evitando o mero deslumbramento adocicado. “Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína” (*Fora da Ordem*). “A mais triste nação/ na época mais podre/ compõe-se de possíveis/ grupos de linchadores” (*O cu do mundo*). Trata-se de uma maneira muito produtiva de se olhar para a música popular criada por negros como forma bem-sucedida de sobrevivência, ao mesmo tempo que manipulada em termos de identidade por uma comunidade nacional abstrata cuja razão de ser é o genocídio. A tensão da canção é a tensão do devir negro no mundo.

Quando permanece aberta e, portanto, no nível do pensamento estético, essa perspectiva é muito potente, pois sua aposta é no deslocamento contínuo das ideologias. Quando trata de se fixar, entretanto, os problemas parecem mais evidentes, pois nesse caso o olhar nômade tem que se haver com perguntas incômodas a respeito de formas de fixação. Qual o caminho de constituição dessa nova civilização, nem capitalista nem comunista, que se apresenta como uma modernidade alternativa que é efetivamente justa e honesta consigo e com seu povo? Ao sair da arte para encaminhar-se para concretude política, o modelo a meu ver perde sua força, à medida que perde ambivalência.

“A grande movimentação que levou a chama civilizatória das áreas quentes para o frio Norte do hemisfério norte parece estar – depois de atingir o Japão e tigres asiáticos neocapitalistas e China neocomunista – madura para fazer um desvio de rota. Ter como horizonte um mito do Brasil – gigante mestiço lusófono americano do hemisfério sul – como desempenhando um papel sutil mas crucial nessa passagem é simplesmente uma fantasia inevitável” (Verdade Tropical).

Isso foi escrito em 1997. E o Brasil cresceu enormemente depois disso. FHC e Lula, com o Tropicalismo literalmente no Ministério da Cultura. Sexta maior economia do mundo. Para alguns, trata-se do maior momento de realização política da história recente do país. Mas, convenhamos, o que vimos esteve a anos luz de se tornar uma alternativa radical ao mesmíssimo modelo de desenvolvimento capitalista, resultando nos derrotados de sempre. A força do olhar de Caetano consiste em dizer que ainda não chegamos. Depende, portanto, da inscrição de um elemento profético, um ainda não, um porvir que, ainda que inscrito no presente, não é a plena realização de si. No entanto, essa é também sua maior fraqueza: a utopia não pode se realizar, a não ser nos ter-

ritórios mais abstratos e mapeados de realização, como no caso da cultura. Um imaginário que sempre será exclusivamente artístico: não é pouca coisa, mas está longe de revolucionar a modernidade Ocidental, ou mesmo a condição material de existência dos mais pobres no país. De fato, pode ser uma imagem exata daquilo que já somos: um país em que os negros realizam feitos dentre os mais brilhantes do Ocidente, sem que a sociedade crie modelos de inclusão, muito pelo contrário. Mas não seria esse justamente o feito tropicalista, o de inscrever a canção em seu próprio horizonte de possibilidade e dela extrair as possibilidades que lhe cabem? As contradições do país atravessam a de Caetano, e esse feito é sua força.

IHU On-Line – De outro lado, há quem critique Caetano pela sua ‘postura progressista’, mas sempre muito bem aliada a grandes gravadoras e emissoras de televisão, em uma vida de zona sul do Rio de Janeiro. Como responder a quem aponta essa suposta contradição como problema?

Acauam Oliveira – Essa leitura me parece uma percepção algo rebaixada da noção de Indústria Cultural adorniana, um problema que é menos de Adorno do que daqueles que reatualizaram o conceito a seu modo. Isso porque a ideia de Indústria Cultural desde então já se tornou muito mais aberta e maleável com pensadores como Jameson¹¹, ou Žizek¹², para citar apenas dois exemplos famosos. Mas na crítica mais convencional virou sinônimo de música de mercado, que significa imediatamente música de qualidade inferior. Canções de plástico, como se diz. E isso para se pensar a música popular é muito restritivo, simplesmente porque toda a música popular no país se forma dentro da Indústria Cultural. Recusá-la é atirar o bebê junto com a água do banho, a menos que o termo expresse mais juízos morais que analíticos.

No caso brasileiro, a música popular urbana já nasce orientada pelo mercado fonográfico, o que deixava Mário de Andrade¹³ putado da vida. Foi o mercado que permitiu aos negros articularem uma forma alternativa de sobrevivência, culturalmente rica e esteticamente brilhante. É claro que, de uma perspectiva marxista, isso também é uma forma de cooptação, e é só ver quem segue até hoje na base da pirâmide. Mas isso não muda o fato de que, diferente do que se passa em um modelo artístico como a literatura, trata-se de um campo cujo pro-

11 Fredric Jameson (1934): Nascido em Cleveland, Ohio (EUA) é um crítico literário e teórico marxista, conhecido por sua análise da cultura contemporânea e da pós-modernidade. Entre seus livros mais importantes estão *Pós-Modernidade: a lógica cultural do capitalismo tardio* (São Paulo: Ática, 1996), *O Inconsciente político e Marxismo e Forma* (São Paulo: Ática, 1992). Atualmente Jameson trabalha na Duke University, em literatura comparada e romance. (Nota da IHU On-Line)

12 Slavoj Žizek (Slavoj Žižek, 1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da European Graduate School e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a New School for Social Research, de Nova York, e a Universidade de Michigan. Publicou recentemente *Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético* (São Paulo: Boitempo, 2013) (Nota da IHU On-Line)

13 Mário de Andrade (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaíma* foi publicado em 1928. (Nota da IHU On-Line)

tagonismo é popular, que dentro do mercado encontrou espaço para produzir grande arte. Em parte, por um movimento identificado por Wisnik a um bom tempo: “a) embora mantenha um cordão de ligação com a cultura popular não-letrada, desprende-se dela para entrar no mercado e na cidade; b) embora se deixe penetrar pela poesia culta, não segue a lógica evolutiva da cultura literária, nem se filia aos seus padrões de filtragem; c) embora se reproduza dentro do contexto da indústria cultural, não se reduz às regras da standardização. Em suma, não funciona dentro dos limites estritos de nenhum dos sistemas culturais existentes no Brasil, embora se deixe permear por eles.”

O interesse do conceito de Indústria Cultural em Adorno, Benjamin¹⁴ e Horkheimer¹⁵, à época, era sua capacidade em dar conta de uma novidade a um só tempo estética e social. Ou seja, os frankfurtianos chegavam a essa percepção (no caso do Benjamin, na ideia da perda da aura) a partir da investigação sobre as novas condições de produção, o que era profundamente revelador não só das condições contemporâneas da arte, mas também do avanço predatório do capitalismo sobre as dimensões mais subjetivas, bem como sobre os limites dos modelos artísticos anteriores. No caso do uso mais ideológico do conceito, contudo, inverte-se o sentido, e o que era o ponto de chegada de um processo denso de reflexão bastante revelador se converte em ponto de partida a ser comprovado pela análise que, entretanto, foi definida nos anos 1940. Ou seja, seu funcionamento é equivalente ao reducionismo economicista do marxismo vulgar, em que o olhar para o presente busca permanentemente pela confirmação dos próprios diagnósticos. O pior disso é que, de fato, boa parte dos diagnósticos adornianos e benjaminianos se confirmam ainda mais atualmente. O problema, então, não está na categoria, que mantém sua força, mas em seu uso desvinculado da dimensão dialética – como os marxistas que seguem procurando pelo operariado como classe revolucionária. Não é a radicalidade que incomoda, mas a sua ausência, compensada com muita cara feia e ranger de dentes.

A MPB dos anos 1960 e 1970 é um fenômeno diretamente ligado ao fortalecimento do mercado fonográfico. Por mais que existam artistas que assumam uma posição mais crítica em relação à indústria musical, a arte mais comercial, ou ao que então se chamava de Imperialismo Cultural, *o fato é que a MPB sempre*

14 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como Quadros parisienses, de Charles Baudelaire, e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica (1936), Teses sobre o conceito de história (1940) e a monumental e inacabada Paris, capital do século XIX, enquanto A tarefa do tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista Walter Benjamin e o império do instante, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

15 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. Aproximou-se “obliquamente” do marxismo no final dos anos 1930, mas segundo testemunhos da época raramente citava os nomes de Marx ou de Lukács em discussões. Apenas com a emergência do nazismo, Horkheimer se aproxima de fato de uma perspectiva crítica e revolucionária que o fará escrever, já diretor do Instituto para Pesquisas Sociais, o ensaio-manifesto, Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937). Suas formulações, sobretudo aquelas acerca da razão Instrumental, junto com as teorias de Theodor Adorno e Herbert Marcuse, compõem o núcleo fundamental daquilo que se conhece como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

“Acho que para compreender como Caetano canta o melhor e o pior do Brasil é preciso compreender como o tropicalismo ressignificou o sentido político mais geral da MPB”

foi um fenômeno de mercado, que dependia diretamente do desenvolvimento da Indústria Fonográfica para existir. Tão comercial quanto qualquer artista popular romântico. Ou seja, não é a relação com o mercado que diferencia a música do Nelson Ned da do Milton Nascimento¹⁶. Ambas são produtos comerciais. A música popular moderna é a arte da Indústria Fonográfica nacional. É uma arte comprometida com o mercado desde o nascimento, cuja maior força é captar contradições, e não resolver os dilemas do capitalismo periférico. Por isso me parece reducionista julgá-la por seu engajamento, por exemplo. Em termos de engajamento e oposição tanto ao poder de Estado quanto ao mercado, o rap dos anos 1990 é muito superior. Assim como o desengajamento da bossa nova é muito mais radical que o engajamento do rock de classe média dos anos 1980, que parecia crítico quando na verdade queria encontrar formas de entrar no jogo, e que hoje em dia revela mais claramente a sua face conservadora. Pode-se até defender que a relação com o mercado fonográfico retira a força crítica das obras, mas aí é preciso de fato assumir as consequências desse raciocínio. Por exemplo, o funk, que se organiza em grande parte fora do mercado tradicional, seria por isso mais crítico que a MPB clássica? O que seria uma música popular fora do mercado? Hermeto Pascoal¹⁷ é melhor que Jorge Ben? Essa pergunta faz avançar o pensamento ou é só a expressão de um juízo que já está pronto de antemão? Me parece que essa percepção de Indústria Cultural mais produz uma zona de conforto para a crítica, que pode se recusar a pensar aquilo que considera inferior, do que faz avançar o pensamento. No caso da música popular, inclusive, a percepção de que determinado conteúdo possui qualidade artística inferior deveria ser o ponto de partida para a reflexão, e não uma desculpa esfarrapada, ainda que consensual, para se interromper o pensamento.

IHU On-Line – Recentemente, Caetano falou muito acerca de leitura que tem feito de Domenico Losurdo (1941-2018), pois o autor teria deixado o artista menos ‘liberaloide’ e com raiva do socialismo hoje em dia. Como compreende essas afirma-

¹⁶ Milton Nascimento (1942): cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Mineiro de coração, tornou-se conhecido nacionalmente, quando a canção “Travessia”, composta por ele e Fernando Brant, ocupou a segunda posição no Festival Internacional da Canção, de 1967. Em 1998, ganhou o Grammy de Best World Music Album in 1997. Foi nomeado novamente para o Grammy em 1991 e 1995. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ Hermeto Pascoal (1936): é um compositor arranjador e multi-instrumentista brasileiro (toca acordeão, flauta, piano, saxofone e diversos outros instrumentos musicais). (Nota da IHU On-Line)

ções no contexto da obra e trajetória de Caetano?

Acauam Oliveira – Uma coisa que todo mundo deveria ter em mente é que Caetano se posiciona publicamente como quem joga xadrez. Assim como em suas canções, nada ali é gratuito, o que significa que o não dito é por vezes até mais importante do que aquilo que é dito explicitamente. No caso da ‘conversão comunista’ de Caetano, me parece que o grande elefante branco no meio da sala é a crítica que Roberto Schwarz¹⁸ faz a certa utopia liberal presente em seu pensamento nos anos 1990 (reconhecida no novo prefácio de *Verdade Tropical*), cujo sentido histórico deu no que deu – mas que muito provavelmente não será admitido sob hipótese alguma.

Para Caetano parece ser mais jogo trazer para o debate o jovem intelectual Jones Manoel¹⁹, negro e pernambucano, deslocado da academia, do que convocar uma vez mais a ‘escola paulista’ de pensamento – o que me parece a um só tempo algo positivo (novos tempos, novos atores) e estrategicamente calculado, servindo, malandramente, para ocultar o nome do santo. Sobretudo para alguém que sempre procura estabelecer conexões também estratégicas (ora mais, ora menos convincentes) entre sua obra, sua biografia e polêmicas do presente, que servem como mecanismo de atualização intelectual e estética, além de gerar um alto teor de engajamento afetivo em relação a um artista que desde muito antes do *twitter* já estava nos *trending topics*, e de lá nunca mais saiu.

Ao pensar em Caetano é preciso que se tenha muita consciência de que ele é um artista muito sagaz e malandro. Por isso, quem está celebrando antecipadamente sua conversão ao comunismo pode se decepcionar muito mais rápido do que se imagina. Ele pode até falar bem do Marighella, mas daquela perspectiva da canção *Um comunista*, como um mulato baiano que portava mais sonhos do que armas. Quem olha para arte à procura de coerências em algum momento vai se decepcionar com Caetano, cuja força está precisamente no caminho oposto. A menos, é claro, que a pessoa se converta de uma vez, e passe a não reconhecer os problemas da sua postura, o que a meu ver é outra forma de

¹⁸ Roberto Schwarz (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no início de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, convive com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar O Capital; o grupo era formado por José Arthur Giannotti, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, pós-graduou-se na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antonio Candido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exilando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, doutorou-se em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III (Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Cantel em 1976. Sua tese, intitulada Ao vencedor as batatas, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde aposentou em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polêmicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a *New Left Review*. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massao Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A sereia e o desconfiado* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Sequências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Duas meninas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ Jones Manoel da Silva (1990): é um historiador, marxista, youtuber, professor de história, comunicador popular, escritor, e militante do Partido Comunista Brasileiro - PCB, conhecido pelo seu canal no YouTube denominado Jones Manoel. É graduado em licenciatura em história pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e mestre em Serviço Social. (Nota da IHU On-Line).

perder o que nele há de mais interessante, que são as contradições e a reflexão profunda sobre seus próprios limites. Daí um efeito curioso: enquanto muitos dos admiradores se esforçam para defender Caetano de eventuais ataques, ele próprio revisa continuamente sua obra, dizendo onde considera que errou, o que considera frágil, tornando-se, assim, um crítico muitas vezes mais honesto e contundente de sua própria produção. A obra de Caetano existe para ser criticada, ela vive por meio de sua crítica permanente, o que é uma recusa tanto da adesão incondicional quanto do gesto de desleitura.

IHU On-Line – Levando em conta esses mesmos revisionismos e descobertas no entardecer da carreira, poderíamos afirmar que Caetano está se tornando realmente um ‘tropicalista em diálogo’ com os outros? Por quê?

Acauam Oliveira – Eu acho que Caetano sempre foi um artista em diálogo com os outros, desde antes mesmo do tropicalismo. Esse movimento está na base do seu trabalho. Inclusive, diversas críticas à esquerda derivam de certo incômodo com os diálogos por ele travados. Por exemplo, quando convida Odair José²⁰ para uma apresentação conjunta, ou quando regrava artistas considerados bregas e de baixa qualidade, como Peninha²¹ e Fernando Mendes²², encontrando a beleza que sempre esteve nas canções ao alterar os arranjos e deslocar padrões de expectativa do público. O grande movimento lembrado nesse sentido, é claro, o aceno tropicalista para Roberto Carlos em pleno período de oposição ferrenha, entre ideológica e comercial, entre MPB e Jovem Guarda.

Mesmo com relação à esquerda, que eu acredito que seja o direcionamento da pergunta, Caetano manteve uma postura de interlocução. Sempre me pareceu que, nesse caso, ele era muito mais aberto do que o contrário. Particularmente eu considero muito boas as colocações de Roberto Schwarz frente aos limites ideológicos do olhar de Caetano – que existem, sobretudo desde uma perspectiva marxista, ainda que a meu ver Schwarz também se equivoque em certas linhas de leitura naquele ensaio – que são feitas sem considerar que isso resulte em fragilidade artística. Na verdade, Schwarz deixa claro preferir (artisticamente) a ambiguidade liberal de Caetano às certezas populistas da esquerda universitária. Mas nem toda esquerda é Schwarz, e as cobranças feitas a Caetano naquela época eram (e algumas seguem sendo) bastante frágeis, quando não mal-intencionadas. Lembra bastante o contexto atual, em que se cobra continuamente que os artistas se posicionem e, com isso, se aceita qualquer junção de palavras de ordem como sendo arte, pois é mais importante se posicionar do que fazer algo que preste.

Por outro lado, não tem nada mais *mainstream* do que Caetano Veloso. Talvez Chico, que é consagrado antes mesmo de apresentar o que quer que seja. Mas a centralidade de Caetano é fato incontestável, e a utopia tropicalista, que é a da própria MPB, em grande parte se realizou: o Brasil criou um poderoso

20 Odair José de Araújo (1948): é um cantor e compositor brasileiro, de estilo popular-romântico-brega. (Nota IHU On-Line)

21 Aroldo Alves Sobrinho – Peninha (1953): É um cantor, músico e compositor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

22 Luiz Fernando Mendes Ferreira (1952): conhecido como Fernando Mendes, é um cantor e compositor brasileiro. Destacou-se durante a década de 1970 com a canção Cadeira de rodas, no disco que vendeu mais de um milhão de cópias, sendo executada nas rádios de todo o país. (Nota da IHU On-Line)



mercado de cultura de massas que é, ao mesmo tempo, artisticamente rico, pelo menos no mesmo nível dos EUA e superior ao dos países europeus. O que não é pouca coisa. Mas esse feito surpreendente sequer arranhou a fratura social que nos constitui. Pior, em grande medida dependeu dessa fratura para se consolidar. Daí que se pode dizer que a liberdade desse olhar tenha seus próprios limites, que não estão na conta da ausência de qualidade individual, nem são derivados de forma imediata de posicionamentos políticos – para dizer de forma direta, Caetano é muito melhor do que uma infinidade de artistas de esquerda – e sim de condicionamentos históricos, dentre eles, sua posição de classe. E se a condição de liberdade da MPB fosse a manutenção de certos horizontes sociais incontornáveis, aos quais deveriam ser abandonados para que fosse possível sua realização social? Caetano abandonaria a utopia bossa-novista, que tornou seu olhar possível, em nome da construção de outro projeto de sociedade, que ele próprio reconhece ser necessário? Essa posição, que implica em deixar de ser é, obviamente, impossível, a não ser enquanto dissolução absoluta. O que Caetano inclusive já cantou.

Além disso, há de se reconhecer que da parte de Caetano nem sempre o diálogo e o trânsito se dão de forma tão fluida quanto querem fazer parecer. Frequentemente seus juízos são parciais, e seu olhar crítico é direcionado ideologicamente. Por exemplo, é notório a birra que ele tem com o pessoal do *Udigrudi Nordestino*²³, que sempre manteve um pé atrás com a galera da Tropicália, excessivamente baiana. A leitura a meu ver equivocada que Caetano faz da obra de Fagner, por exemplo, é claramente mediada pelo conflito entre dois egos que não podem ocupar a mesma sala.

Um texto que Caetano escreveu sobre Belchior quando de sua morte é um exemplo claro de desvio e manipulação ideológica. Belchior sempre foi crítico a Caetano, e Caetano nunca gostou muito, a meu ver pelo acerto das cutucadas. Ou se gostou, nunca deu muito cabimento. Em seu texto Caetano apresenta dois objetivos claros: 1. Afirmar que a obra do Pessoal do Ceará, em particular a de Fagner e Ednardo²⁴, era ruim e 2. Que as críticas de Belchior ao tropicalismo, o melhor dos cearenses, não eram assim tão sérias. Ora, para Belchior, Caetano Veloso, o ‘antigo compositor baiano’, era a figura-chave no processo de institucionalização das reivindicações da contracultura, encarnada na transformação da geração de ouro da MPB em um punhado de medalhões. Ele afirmava com todas as letras que as utopias haviam morrido, e os antigos arautos da liberdade haviam se aliado ao poder, contando o vil metal. Essa não é uma crítica qualquer, e explica muitos dos impasses dessa tradição ao longo das décadas de setenta e oitenta. Caetano, entretanto, desconversa, minimiza as críticas, e

23 Udigrudi: De discografia reduzida, o movimento Udigrudi foi retratado como o movimento contracultural recifense, passando pelo conceito de “underground”. A riqueza desse movimento foi ilustrado não apenas pela música, mas também por peças teatrais, textos, cinema, artes plásticas e até artesanato, levando em conta os bonecos e as críticas exarcebadas de alguns mestres artesãos de Caruaru, que estavam em ligação próxima ao mundo da música. Iniciado na década de 1970 e embalado na psicodelia “pós-woodstockiana” e geração beatnik, muitos o nomearam de beat-psicodelia recifense, recebendo influências também da beatlemania, tropicalismo, jovem guarda e regionalismo. Continua sendo divulgado graças aos CD-r’s, já que poucos títulos dessa época foram relançados em CD’s. (Nota da IHU On-Line)

24 Ednardo - José Ednardo Soares Costa Sousa (1945): é um cantor e compositor brasileiro. Autor entre outras, as canções Pavão Mysteriozo, Enquanto Engomo as Calças, Varal, Artigo 26, Terral, Longarinas e A Manga Rosa. Foi ele o primeiro cantor a gravar a música A Palo Seco, que também fez sucesso na voz de Belchior. Ednardo aparece no cenário musical brasileiro no mesmo período que outros cearenses despontavam, como foram os casos de Fagner, de Amelinha e de Belchior. Assim, a crítica musical da época produziu o termo Pessoal do Ceará para tratar de um grupo grande e diversificado de artistas do Ceará. (Nota da IHU On-Line)

“Para Caetano parece ser mais jogo trazer para o debate o jovem intelectual Jones Manuel, negro e pernambucano, deslocado da academia, do que convocar uma vez mais a ‘escola paulista’ de pensamento”

chega a considerar que Belchior teria se equivocado na leitura, apenas para marcar uma mudança de estilo. Ou seja, nesse caso, a necessidade de autopreservação se sobrepõe à honestidade crítica, que em seus melhores momentos o caracteriza. O ego aqui se sobrepõe ao mundo, ao invés de nele mergulhar para melhor o conhecer.

Mesmo a abertura tropicalista não é tão ampla e absoluta quanto faz supor, pois nela também se inscrevem dinâmicas de poder. Afinal, se há radicalidade na incorporação do repertório de Roberto Carlos à MPB, por que o próprio rei não pode ser considerado tropicalista? Ao contrário, após a abertura radical, as distinções entre alto e baixo dentro da música popular seguem mais ou menos intactas, ainda que depois disso a MPB esteja autorizada a usar guitarra elétrica sem culpa. Vistas as coisas a distância, e de uma perspectiva que considera a MPB como uma estrutura, pode-se imaginar que todo o conjunto intenso de disputas e movimentações de fato se voltassem para esse objetivo.

Os tropicalistas por um momento pareciam se unir à Jovem Guarda contra o processo de exclusão injusto promovido pela MPB bem-comportada. Entretanto, ao fim da partida revela-se que essa união de forças era de fato parte do jogo da própria MPB, que atraiu a Jovem Guarda para lhe surrupiar a guitarra. Ao final do processo, a MPB toda se torna tropicalista (a ponto de o próprio rótulo cair) enquanto o pessoal da extinta Jovem Guarda ficaria fora do clube de maior prestígio da música popular e, além disso, trocando a guitarra pela orquestração romântica, permanecendo como primos pobres e agora sem o frescor juvenil. Ou seja, a abertura tropicalista sempre foi pensada como incorporação parcial e relativa em benefício de um grupo restrito, simpático se pensarmos em termos de qualidade artística, problemático se pensarmos em termos de gosto de classe. É golpe. Por outro lado, a grana de verdade começou a circular dentre os que ficaram de fora do clubinho, o que problematiza a perspectiva de vitimização. Tanto que tempos depois seria a MPB a bater na porta do rei, pedindo participação nos lucros. De todo modo, acho que faz bem considerar esses diálogos como aquilo que são: disputas de poder e estratégias de reposicionamento no interior de um campo em consolidação.

Uma política musical de mãos limpas, engajada com a arte e com sua entrega estética, mas sem cair em um militandismo raso

Pedro Teixeira analisa a trajetória musical de Caetano Veloso em sua perspectiva vanguardista, longe dos lugares comuns, mas radicalmente vinculada à riqueza cultural do Brasil

Ricardo Machado

A obra de Caetano Veloso sempre foi um manifesto em favor da diversidade do pensamento, sempre tentando não resvalar em reducionismos grosseiros e militantes, mas sem jamais perder seu compromisso político com o Brasil. “[Caetano] Pensava no ridículo muro que separava a MPB, ‘politizada’, da Jovem Guarda, ‘alienada’, e em como destruí-lo, para que os eflúvios de um Roberto Carlos, também ele um herdeiro do canto de João Gilberto, pudessem confluir em um mesmo grande e vigoroso rio da música popular brasileira”, descreve o professor e pesquisador **Pedro Teixeira**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “A questão de sujar as mãos para fazer política como um político jamais passou pela cabeça de Caetano. Para ele, o engajamento do artista tem que se dar em relação a sua arte, a sua entrega. A valorização do artista engajado acabava por fazer que o engajamento fosse mais importante que a arte em si”, complementa.

Esse compromisso foi tão sério e comprometido que não à toa Caetano e Gil acabaram presos e exilados. A contundente crítica ao conservadorismo da sociedade brasileira que aparece no disco *Tropicália ou Panis et Circenses*, tocava diretamente a ferida da ditadura, mas também da esquerda tradicional. “E é justamente a crítica que se faz às pessoas da sala de jantar, isto é, das pessoas da tradicional família brasileira que leva dois dos grandes líderes do Tropicalismo às grades. O Tropicalismo choca tanto a esquerda quanto a direita. Por conta disso, Caetano se considerava à esquerda da esquerda, pois observava tanto na esquerda quanto na direita um entendimento muito limitado do que seria ou do que poderia ser o Brasil e do que se poderia fazer aqui”, sustenta.



Pedro Bustamante Teixeira é graduado em Língua Portuguesa e Língua Italiana e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, instituição onde é professor pela qual também obteve os títulos de especialista em Estudos Literários, mestre e doutor em Letras: Estudos Literários. Entre suas publicações destacam-se *Do samba à Bossa Nova: inventando um país* (Curitiba: Appris, 2015), tema de sua pesquisa de mestrado, depois o livro *Transcaetano: Trilogia Cê mais Recanto* (São Paulo: Fonte Editorial, 2017) e, ainda, *Sonhe com os sonhos ou o ano em que tive 18 anos* (Rio de Janeiro: Animula Vagula Blandula, 2000).



Pedro Teixeira será o professor do curso livre *Transcaetano*. Tempo, tempo, tempo, tempo, realizado em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, que se inicia no dia 12 de agosto e segue até 9 de setembro de 2021. O evento é gratuito e será realizado às quintas-feiras, das 14h às 16h, por meio de videoconferências, nas plataformas digitais do IHU. Saiba mais em bit.ly/curso-transcaetanos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Considerando a longa trajetória cultural e política de Caetano Veloso, qual sua relevância social no contexto brasileiro?

Pedro Bustamante Teixeira – Ainda antes da fama nacional, que viria, de fato, com a apresentação de “Alegria, Alegria”, no Festival da Record de 1967, Caetano Veloso já despontava como um arguto teórico da bossa nova, ao responder às críticas insistentes de Tinhorão¹ ao movimento. Corajoso, o jovem desconhecido Caetano enfrentaria o grande

¹ José Ramos Tinhorão (1928): crítico musical, pesquisador musical marxista e jornalista brasileiro. Escreveu na *Revista da Semana* (RJ), *Revista Guaíra* (PR), jornal *Última Hora*, revistas *Veja* e *Senhor*. Em 1966, escreveu o primeiro dos mais de vinte livros que viria a publicar sobre a história da música popular brasileira, *Música Popular: um tema em debate*. Durante sua vida reuniu cerca de seis mil discos de 78 rpm, que foram gravados e lançados comercialmente entre os anos de 1902 e 1964, e quatro mil LPs (long-plays ou discos de 33 rpm), com datas de lançamento entre 1960 e meados da década de 1990. O acervo de Tinhorão foi comprado pelo Instituto Moreira Salles, que o digitalizou e o disponibiliza abertamente na internet. (Nota da IHU On-Line)

“Desde então, esse pensamento, em uma curva ascendente que se encontraria com outros tantos de mesmo teor, culminaria na Tropicália, suplantaria o velho paradigma do modernismo musical brasileiro”

historiador da música popular brasileira dando pistas importantes do que estaria por vir quando o seu pensamento ganhasse uma voz e um corpo. Entre 1966 e 1968, Caetano ficaria cada vez mais conhecido devido, principalmente, a suas polêmicas participações nos festivais e nos programas de música da televisão brasileira. No dia 13 de dezembro de 1968, essa história acabaria abruptamente com o AI-5 e a prisão de Caetano Veloso e de Gilberto Gil². Do artigo em que defende a bossa nova dos ataques “histéricos” de Tinhorão, à alucinante sequência: chegada ao Rio, como um desconhecido, à fama na televisão, o Tropicalismo e à prisão política, não se passaram mais de três anos. No entanto, nesse brevíssimo espaço de tempo, Caetano Veloso e Gilberto Gil intervieram decisivamente no modo de ser homem, cantor, compositor, artista, no Brasil. No clássico livro *Balanço da Bossa*, lançado

2 Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas, Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. (Nota da IHU On-Line)

por Augusto de Campos³ em 1968, João Gilberto⁴ dizia que Caetano era para ele um pensamento. E é esse pensamento que começava a se revelar no pequeno artigo em que Caetano responde a Tinhoão.

Desde então, esse pensamento, em uma curva ascendente que se encontraria com outros tantos de mesmo teor culminaria na Tropicália, suplantaria o velho paradigma do modernismo musical brasileiro e tornar-se-ia, ele mesmo, o novo paradigma que por muitas décadas, *mutatis mutandis*, nortearia o debate cultural brasileiro. Hoje, esse pensamento ainda tem muita força. Silviano Santiago⁵ disse em uma entrevista que enquanto Gilberto Gil e Caetano Veloso estiverem vivos e ativos não haveria como encerrar o tropicalismo, já que era algo que continuava existindo com eles. Na sequência do livro *1968: O ano que não terminou* (São Paulo: Editora Objetiva, 2013), Zuenir Ventura⁶ escreveria, 50 anos depois, o livro *1968: o que fizemos de nós* (São Paulo: Editora Objetiva, 2013); nesse, Caetano não poderia ser menos enfático: “O tropicalismo está vivo: o sonho não acabou”.

Além disso, o Tropicalismo veio a socorrer teoricamente muitos dos mais interessantes projetos musicais nos anos 90 que destruíam o muro que separava o Rock dos anos 1980 da MPB. E ainda reverberou nos principais cenários musicais da contemporaneidade com a redescoberta dos Mutantes⁷, de Tom Zé⁸, do Tropicalismo⁹ que, mesmo pas-

3 Augusto de Campos (1931): tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música nascido em São Paulo. Publicou em 1951 seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, iniciou o movimento da poesia concreta no Brasil, lançou a revista literária *Noigandres*, origem do grupo *Noigandres*. Em 1955, no segundo número da revista, publicou uma série de poemas em cores, *Poetâmenos*, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. Em 1956, participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (*Artes Plásticas e Poesia*), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua obra veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras, bem como em antologias internacionais. A maioria dos seus poemas acha-se reunida em *Viva Vaia* (1979), *Despoesia* (1994) e *Não* (2003). Outras obras importantes são *Poemóviles* (1974) e *Caixa Preta* (1975), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro *Não poemas* (2003) recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. (Nota da IHU On-Line)

4 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa-nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950. Perfeccionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo. (Nota da IHU On-Line)

5 Silviano Santiago: escritor brasileiro, ganhador do Prêmio Jabuti em 1997. (Nota da IHU On-Line)

6 Zuenir Carlos Ventura (1931): jornalista e escritor mineiro. Colunista da revista *Época* e do jornal *O Globo*. Ganhador do Prêmio Jabuti, em 1989, na categoria reportagem pelo livro *1968 – O ano que não terminou*. (Nota da IHU On-Line)

7 Os Mutantes: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocalis), Sérgio Dias (guitarra, vocalis) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocalis). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retorna em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan foi convidada a assumir os vocalis e desde então acompanha a banda. (Nota da IHU On-Line)

8 Antônio José Santana Martins - Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

9 Tropicalismo, Movimento tropicalista ou Tropicália: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo) misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Gláuber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de “Tropicália”. Leia a edição 411, intitulada *Tropicalismo*. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil, disponível em <http://bit.ly/ihuon411>. (Nota da IHU On-Line)

sados mais de 30 anos da sua deflagração, ainda teriam o que mostrar à cena dos anos 1990 e ao século XXI.

IHU On-Line – Como compreender a obra de Caetano, em seus diferentes momentos, à luz da história política do Brasil, especialmente na segunda metade do século XX?

Pedro Bustamante Teixeira – O tempo reverbera em Caetano Veloso. É possível entender muita coisa das décadas de 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010, ouvindo os discos de Caetano Veloso. Pode-se, de fato, viajar no tempo, em cada audição mais concentrada. O tempo está sempre ali, e Caetano, qual um Ulisses Dantesco, não se contenta com o glorioso retorno a Ítaca, que se dá com o sucesso clamoroso de *Fina Estampa* e de *Prenda Minha*; quando Caetano, que vendia em média 150 mil cópias, ultrapassa a marca de um milhão de discos vendidos, o errante navegante ainda busca o mar aberto sem fim.

No entanto, desde o início da carreira, antevira o perigo de querer fazer da música popular um instrumento para um determinado propósito político. E o tempo logo traria as provas que comprovariam a razão de seus medos. Aparelhada pela cartilha do Centro Popular de Cultura - CPC, a música popular empobrecia-se esteticamente, ganhava dogmas, tabus e via pouco a pouco a sua popularidade se esvaír. Novamente o modernismo musical brasileiro, muito mais Mário Andradiano do que Oswaldiano, se propõe a ensinar ao povo o que é ser povo. No entanto, pelas frestas, ainda escapava-se desse estereótipo. O Tropicalismo de Caetano vem para, enfim, confrontar esse modernismo musical brasileiro, tão contraditório se comparado ao que se apresentara na literatura, no teatro e nas artes plásticas a partir da Semana de 22. É essa a política que interessou Caetano enquanto artista. A política de lutar por uma arte autônoma, livre, desamarrada.

Quando disse que era preciso “retomar a linha evolutiva da música brasileira”, Caetano pensava na Bossa Nova, em Jorge Ben e na fossa que se tornara o programa televisivo “o fino da bossa”, apresentado por Elis Regina¹⁰ e Jair Rodrigues¹¹. Pensava no ridículo muro

¹⁰ Elis Regina Carvalho Costa (1945-1982): cantora nascida em Porto Alegre (RS). Conhecida por sua incrível presença de palco, sua voz e sua personalidade. Foi a primeira grande artista a surgir dos festivais de música na década de 1960 e descolava-se da estética da Bossa Nova pelo uso de sua extensão vocal e de sua dramaticidade. Considerada por muitos críticos a melhor cantora popular do Brasil a partir dos anos 1960 ao início dos anos 1980. Não raro, é apontada como a melhor cantora brasileira de todos os tempos. Foi casada com Ronaldo Bôscoli, com quem teve João Marcello; em 1973, casou-se com o pianista César Camargo Mariano, com quem teve os filhos Pedro e Maria Rita. Aclamada no Brasil e no exterior, Elis Regina faleceu no auge de sua carreira, aos 36 anos de idade. Com os sucessos de Falso brilhante e Transversal do tempo, inovou os espetáculos musicais no país e era capaz de demonstrar emoções tão contrárias, como a melancolia e a felicidade, numa mesma apresentação ou numa mesma música. Em 2013, foi eleita a segunda melhor voz da música brasileira pela revista Rolling Stone Brasil, superada apenas por Tim Maia. Elis foi citada também na lista dos maiores artistas da música brasileira, ficando na 14ª posição, sendo a mulher mais bem colocada. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Jair Rodrigues de Oliveira (1939 - 2014): cantor brasileiro, considerado por muitos o primeiro rapper brasileiro, com o lançamento de “Deixa isso pra lá”, em 1960. Com o lançamento do primeiro LP, O samba como ele é, em 1964, fez algum sucesso com o samba O morro não tem vez, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Porém, foi cantando em boates o samba Deixa isso pra lá, de Alberto Paz e Edson Menezes, que ele conseguiu um grande sucesso e gravou o seu segundo LP, Vou de Samba com Você, ainda em 1964. Em 1965, Elis Regina e Jair Rodrigues fizeram muito sucesso com sua parceria em O Fino da Bossa, programa da TV Record. Em 1966, o cantor participou e venceu o II Festival da Música Popular Brasileira, de 1966, com a canção Disparada, de Geraldo Vandré e Théó de Barros, empatando com a música A Banda, de Chico Buarque. (Nota da IHU On-Line)

que separava a MPB, “politizada”, da Jovem Guarda, “alienada”, e em como destruí-lo, para que os eflúvios de um Roberto Carlos, também ele um herdeiro do canto de João Gilberto, pudessem confluír em um mesmo grande e vigoroso rio da música popular brasileira. A questão de sujar as mãos para fazer política como um político jamais passou pela cabeça de Caetano. Para ele, o engajamento do artista tem que se dar em relação a sua arte, a sua entrega. A valorização do artista engajado acabava por fazer que o engajamento fosse mais importante que a arte em si. Ainda secundário em um cenário em que brilhavam figuras como Elis Regina, Chico Buarque¹² e Geraldo Vandré¹³, Caetano tinha o tempo para observar a conjuntura e para organizar, com Gilberto Gil, o movimento que deflagraria uma dissidência profunda dentro da MPB.

Por outra perspectiva, há de se lembrar que a ditadura que se estabeleceu no Brasil a partir do dia 31 de março de 1964, devido ao grande apoio popular que teve, também é chamada de Ditadura Civil-Militar. Se a canção de protesto tinha a pretensão de derrotar os militares, o Tropicalismo, com seu pessimismo alegre, vinha para questionar essa sociedade que sustentava um regime militar, questionar as tais pessoas da sala de jantar, que poderiam, vistas dessa nova perspectiva, reunir-se, independentemente do posicionamento político, na carece habitual. A Tropicália vem para questionar toda uma tradição, uma série de tabus, credices e mitos do Brasil. O confronto do elemento civil dessa ditadura é que levará Caetano Veloso e Gilberto Gil à prisão. Será a partir de um novo jeito de fazer canções e de ser no mundo que Caetano Veloso continuará confrontando a base civil da ditadura até que ela pereça e deixe de sustentar o regime militar que, sem ela, não parará mais de pé. Existir plenamente, ser um artista libertário, entregar-se ao fazer artístico, à vida; dar-se todo, foi o modo que o artista Caetano encontrou para intervir, inclusive na política.

IHU On-Line – De que forma o disco Tropicália, que é produzido por vários artistas, e meses mais tarde a promulgação do Ato Institucional - AI-5 são dois eventos antagônicos e marcantes do final da década de 1960 no Brasil? Como estão inter-relacionados?

Pedro Bustamante Teixeira – Como dizia, aquele pensamento que começava a se revelar no artigo escrito para defender a bossa nova do

12 Chico Buarque de Hollanda (1944): músico, dramaturgo e escritor brasileiro, conhecido por ser um dos maiores nomes da MPB. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos, entre eles discos-solo, em parceria com outros músicos e compactos. É compositor de Construção, considerada uma das melhores músicas brasileiras já feitas. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira como escritor em 1962. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A Banda. Socialista declarado autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão da regime militar do Brasil nos chamados “anos de chumbo”, tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. (Nota da IHU On-Line)

13 Geraldo Vandré (1935): nome artístico de Geraldo Pedroso de Araújo Dias, é um cantor, compositor e violonista nascido em João Pessoa (PB), conhecido por ser um dos nomes mais célebres da música popular brasileira. Seu sobrenome é uma abreviatura do sobrenome do seu pai, José Vandregísilo. Em 1968, participou do 3º Festival Internacional da Canção com Pra não dizer que não falei das flores, muitas vezes chamada de Caminhando e cantando. A composição, que foi censurada, se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar. (Nota da IHU On-Line)

crítico marxista Tinhorão, se faria voz e corpo e, em um espiral ascendente, culminaria na tropicália e, mais especificamente, neste álbum conjunto Tropicália ou Panis et Circensis em que se encontram os mais importantes personagens desse movimento musical. E é justamente a crítica que se faz às pessoas da sala de jantar, isto é, das pessoas da tradicional família brasileira que leva dois dos grandes líderes do Tropicalismo às grades. O Tropicalismo choca tanto a esquerda quanto a direita. Por conta disso, Caetano se considerava à esquerda da esquerda, pois observava tanto na esquerda quanto na direita um entendimento muito limitado do que seria ou do que poderia ser o Brasil e do que se poderia fazer aqui. O disco Tropicália, em que a união de forças tão díspares faz a força, tensiona ainda mais esse dissídio entre os artistas e os militares que, autorizados pelo AI-5, tentam apagar os rastros de Caetano e Gil no Brasil.

IHU On-Line – Como a vida no exílio, depois de ter sido preso, juntamente com Gilberto Gil, impactou artisticamente a obra de Caetano Veloso?

Pedro Bustamante Teixeira – A prisão foi o ponto final de uma história que, felizmente, ainda não teve um fim. Foi a pedra no meio do caminho de um poeta que o colocou em uma tenebrosa selva escura da qual demoraria tanto para escapar. O exílio aqui também, como para Dante, é uma experiência de dor: “eu não sou daqui, eu não tenho amor, eu sou da Bahia, de São Salvador”. O primeiro disco londrino é, sem dúvida, o mais melancólico dos discos de Caetano, e, se não fosse pelo socorro da banda de Jards Macalé¹⁴, Transa não seria menos tristonho. Ainda assim, o exílio acabou por restringir o trabalho de Caetano

¹⁴ Jards Anet da Silva – Jards Macalé (1943): é um ator, cantor e compositor brasileiro. Começou carreira profissional em 1965, como violonista no Grupo Opinião. Fez direção musical dos primeiros espetáculos de Maria Bethânia. Teve composições gravadas por Elisete Cardoso, Nara Leão. Com Gal Costa, Paulinho da Viola e o parceiro José Carlos Capinam, criou a agência Tropicarte, para administrar os próprios espetáculos. Em 1969, participou do 4.º Festival Internacional da Canção apresentando a canção Gotham City, e lançou o primeiro disco, “Só Morto”. Macalé é autor de canções como Vapor Barato, Anjo Exterminado, Mal Secreto, Movimento dos Barcos, Rua Real Grandeza, Alteza, Hotel das Estrelas, Poema da Rosa. Teve como parceiros Capinam, Waly Salomão, Torquato Neto, Naná Vasconcelos, Xico Chaves, Jorge Mautner, Gláuber Rocha e ainda Abel Silva, Vinícius de Moraes, Fausto Nilo. Entre os intérpretes de suas canções, estão Gal Costa (“Hotel das Estrelas” e “Vapor barato”), Maria Bethânia (“Anjo exterminado” e “Movimento dos barcos”), Clara Nunes (“O mais-que-perfeito”), Camisa de Vênus (“Gotham City”) e O Rappa (“Vapor Barato”), entre outros. (Nota da IHU On-Line)



Veloso à música; até a prisão ele pensava que a sua intervenção na música popular seria pontual e que depois ele seria diretor de cinema ou outra coisa dentro da área artística. Limitado à música, por não ter forças de fazer mais do que já tinha feito e pela condição de desterro em que se encontrava, acabou por se concentrar mais e mais no canto e no seu instrumento. Em Londres, o violão de Caetano começa a ser mais valorizado, e é a partir de então que o artista também passa a tocar nos discos. Esse passo é decisivo para o artista Caetano Veloso que poderá inclusive se apresentar sozinho e contribuir nos arranjos musicais de seus discos e shows.

Na Inglaterra, Caetano e Gil, além de receberem em suas casas tantos artistas brasileiros que confluíam de toda parte, ainda puderam presenciar in persona a nata do rock contemporâneo, tendo assistido a shows de Jimi Hendrix¹⁵, John Lennon¹⁶, The Do-

¹⁵ Jimi Hendrix (1942-1970): guitarrista, cantor e compositor norte-americano. Frequentemente é citado por críticos e outros músicos como o maior guitarrista da história do rock e um dos mais importantes e influentes músicos de sua era, em diferentes diversos gêneros musicais. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ John Winston Ono Lennon (1940 - 1980): cantor, compositor e ativista da paz britânico que co-fundou os Beatles, a banda de maior sucesso comercial na história da música popular. Sua parceria de composição com o colega de banda Paul McCartney foi uma das mais célebres da história da música. Juntamente com George Harrison e Ringo Starr, o grupo alcançou fama mundial durante a década de 1960. Em 1969, Lennon começou a Plastic Ono Band com sua segunda esposa, Yoko Ono, e continuou a seguir carreira solo após a separação dos Beatles em 1970. Como intérprete, compositor ou colaborador, Lennon teve 25 músicas número um na parada musical da Billboard Hot 100. Double Fantasy, seu álbum solo mais vendido, venceu o Grammy Award para Álbum do Ano logo após sua morte. Ele foi assassinado em frente à sua casa em Manhattan por Mark David Chapman, um fã dos Beatles, três semanas após o lançamento de seu último álbum. (Nota da IHU On-Line)

abril de 1970. canções número um na parada mais vendido, venceu o Grammy Award para Álbum do Ano logo após sua morte. Ele foi assassinado em frente à sua casa em Manhattan por Mark David Chapman, um fã dos Beatles, três semanas após o lançamento de seu último álbum. (Nota da IHU On-Line)

ors¹⁷ e dos Rolling Stones¹⁸, e de terem participado do lendário Festival da Ilha de Wight em 1970. No show dos Rolling Stones, Caetano conta que presenciara a mais impressionante performance de um astro de rock, a de Mick Jagger¹⁹, e no citado Festival viu também que a música que fazia com Gil e seus colegas brasileiros também poderia entusiasmar essa turma. De fato, não passa despercebida a apresentação desse grupo de brasileiros. Um artigo publicado no New York Times saudou o show brazuca como aquele que, dado o esgotamento de um estilo, a saber o rock dos grandes festivais, parecia com mais frescor. Pudera, em 1970, o sonho que começara a ser experimentado a partir do verão power flower de 1967 no hemisfério norte, tornava-se um grande pão bolorento, do ideal de paz e amor passava-se à fórmula fácil: “sexo, drogas e rock’n’roll”. Pouco tempo depois, Gilberto Gil lia um artigo para Caetano em que John Lennon fazia o seu conhecido anúncio: “o sonho acabou”. Depois de um breve silêncio, Caetano retrucaria: “acabou para ele”. Mas não é no exílio que esse sonho será buscado. Se como disse Caetano: “ninguém é profeta longe de sua terra”, embora o disco *Transa* já lhe apresentasse excelentes perspectivas no exterior, a volta ao Brasil se fazia mais necessária para a saúde do artista do que qualquer projeto artístico internacional. Após esse corte que se dá com o retorno de Caetano em 1972, o projeto artístico internacional ainda continuaria, mas, desde então, sempre a partir do Brasil.

IHU On-Line – Por que as canções *A outra banda da Terra* e *Estrangeiro* são importantes no contexto da trajetória de Caetano?

Pedro Bustamante Teixeira – Acho as duas canções belíssimas, no entanto, acredito que seja difícil analisá-las destacadas dos discos em que estão inseridas. Enquanto a “*Outra Banda da Terra*” é uma das últimas canções do disco *Uns* de 1983, *Estrangeiro* abre o disco homônimo de 1989. Se em 1982, Caetano comemorava a felicidade decorrente de sua feliz experiência de banda com *A Outra Banda da Terra*, o momento mais alegre de sua vida, quando enfim ultrapassava as dores do exílio e se reencontrava com o Brasil, com o sucesso, com a alegria; em 1989, já desconfiado com os destinos da redemocratização, mais um processo de modernização que ocorria, mas que, por não ser suficientemente acabado, ainda traria consigo tantas carcaças de outros tempos que acabariam por garantir a manutenção dos mesmos atores por trás de uma maquiagem democrática.

A Outra Banda da Terra é a canção de despedida desse grupo que se formou no final da década de 1970 para acompanhar Caetano e que

¹⁷ The Doors: foi uma banda de rock norte-americana, fundada em 1965, em Los Angeles, Califórnia. O grupo era composto por Jim Morrison (voz), Ray Manzarek (teclados), Robby Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria). Foi uma das bandas mais influentes de 1960. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Rolling Stones: banda de rock inglesa formada em 1962, e que está entre as bandas mais antigas ainda em atividade. Ao lado dos Beatles, foram a banda mais importante da chamada “Invasão Britânica”, ocorrida nos anos 1960, que adicionou diversos artistas ingleses nas paradas norte-americanas. Formado por Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Bill Wyman e Charlie Watts, o grupo calcava sua sonoridade no blues, e surgia como uma opção mais malvada aos bem-comportados Beatles. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ Michael Philip Jagger (Mick Jagger) (1943): cantor, compositor e ator britânico. É o vocalista da banda The Rolling Stones, considerada um dos maiores e mais famosos grupos de rock and roll de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

“No entanto, desde o início da carreira, antevira o perigo de querer fazer da música popular um instrumento para um determinado propósito político”

irá gravar com ele *Muito - Dentro da Estrela Azulada* (1978), *Cinema Transcendental* (1979), *Outras Palavras* (1981), *Cores e Nomes* (1982) e *Uns* (1983). O título é uma forma de registrar o nome da banda formada por Vinicius Cantuária²⁰, Tomás Improta²¹, Perinho Santana²² e Arnaldo Brandão²³, que Caetano lembrará como aquela que o acompanhou em seu momento mais feliz com a música. Quando se refere à canção, Caetano costuma se lembrar do “r” retroflexo que dá um tom caipira à música. O que não se ouvia, mas existia em um Brasil profundo, seria registrado enfim pela indústria fonográfica brasileira. Caetano ainda enfatiza a presença na canção da técnica de contrabaixo denominada Slap, introduzida no Brasil por Arnaldo Brandão, ainda antes da formação de *A outra Banda da Terra*, na gravação de *Odara* (1977).

Se a canção de *Uns* é gozo, *Estrangeiro* é o seu oposto: aflição, angústia, dor. É quando Caetano irá falar das dores de ser brasileiro, de ter que conviver com todas as contradições que nos habitam, com a coisa bela e com o horrível, “com o macho adulto, branco, sempre no comando”, que mesmo após a vitoriosa campanha pelas Diretas Já, ainda se repetiria *ad nauseam*, assim como os casos de machismo, de racismo e da manutenção da enorme desigualdade social. Se *A outra banda da terra* encerrava uma fase, *Estrangeiro* inaugurava uma outra em que o Tropicalismo voltaria ao debate com uma longa revisão de sua história que culminaria em *Verdade Tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). Se a redemocratização não trazia consigo tudo que prometia, ela pelo menos dava a Caetano a oportunidade de começar a conversar com o seu público sobre o Tropicalismo e sobre o que tinha acontecido com ele e com Gil após o AI-5. Enquanto ele não conseguisse isso, permaneceria um estrangeiro no lugar e, ainda mais, no momento, e o tropicalismo não seria mais que um espectro. No entanto, como esclareceria Derrida²⁴ no final dos anos 1990: “o espectro é sempre um retornante”.

20 Vinicius Cantuária (1951): cantor, multi-instrumentista e compositor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

21 Tomás Improta França (1948): instrumentista (pianista e tecladista), compositor, professor e jornalista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

22 Péricles Bastos de Santana, o Perinho Santana: guitarrista baiano. (Nota da IHU On-Line)

23 Arnaldo Pires Brandão (1951): cantor, compositor e baixista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

24 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria Memória, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Sua tese de doutorado versa sobre a “Trilogia Cê” de Caetano. Como se caracteriza poética e musicalmente esse trabalho e por quais discos ele é composto?

Pedro Bustamante Teixeira – Entre os anos de 2006 e 2013, Caetano Veloso vive uma outra experiência de banda, dessa vez com a Banda Cê, composta por Pedro Sá²⁵, Ricardo Dias Gomes²⁶ e Marcelo Callado²⁷. Depois de um longo e glorioso período em que conduzido por Jaques Morelenbaum²⁸ lançou discos e espetáculos primorosos, que passaram pelos principais teatros do Brasil e do mundo, Caetano ainda partiria para mais uma empreitada. Se até então, se apresentava com orquestras, naipes de cordas e metais e grandes bandas, ele agora, o nosso Odisseu Baiano voltaria ao mar aberto com uma pequena embarcação elétrica com apenas três tripulantes. Com a Banda Cê viria enfim um álbum de inéditas, o que não acontecia desde Noites do Norte (2000). Um não, três. O que era para ser um disco, o disco Cê (2006), acabou se tornando uma banda que ainda gravaria Zii e Zie (2009), após uma temporada de ensaios abertos no Rio, e Abraço (2012), que culminaria na turnê de despedida em que canções como O Império da Lei e Um Comunista já antecipavam um pouco o clima das jornadas de junho de 2013²⁹.

Esses discos trazem um Caetano renovado pela experiência com os jovens da Banda Cê e pelo contato direto com os jovens em casas

25 Pedro Sá Moraes: Cantor, compositor, violonista e ator do Rio de Janeiro, vencedor do Prêmio Profissionais da Música (2016) como Melhor Cantor. Formado em Psicologia pela PUC-Rio e Mestre em Literatura pela UFRJ, começou sua carreira musical como intérprete de samba. Membro da geração-Lapa, ao longo dos anos 2000 compartilhou palco e gravações com mestres do gênero, como Nelson Sargento, Wilson Moreira, Elton Medeiros e outros. (Nota da IHU On-Line)

26 Ricardo Dias Gomes: músico e compositor carioca. (Nota da IHU On-Line)

27 **Marcelo Callado**: músico, baterista e compositor. (Nota da IHU On-Line)

28 Jaques Morelenbaum (1954): é um violoncelista, arranjador, maestro, produtor musical e compositor brasileiro. Iniciou a carreira musical como integrante do grupo A Barca do Sol, participou também da Nova Banda em dez anos de parceria com Antônio Carlos Jobim, atuando em espetáculos e gravações que os levaram a vencedores do Grammy com o CD Antônio Brasileiro. Destacado como violoncelista, estudou música no Brasil e mais tarde ingressou no New England Conservatory, onde frequentou as classes de Madeline Foley, que, por sua vez, foi discípula de Pablo Casals. Em 1995 integrou o Quarteto Jobim Morelenbaum com o qual excursionou várias vezes à Europa, aos Estados Unidos, além do Brasil. Formou juntamente com Paula Morelenbaum e o renomado pianista e compositor japonês Ryuichi Sakamoto o grupo M2S, com o qual gravou vários projetos, incluindo os memoráveis Casa e A day in New York. (Nota da IHU On-Line)

29 **Junho de 2013**: os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, sobretudo nas principais capitais. Inicialmente restrito a pouco milhares de participantes, os atos pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular em meados de junho, em especial após a forte repressão policial contra os manifestantes, cujo ápice se deu no protesto do dia 13 em São Paulo. Quatro dias depois, um grande número de populares tomou parte das manifestações nas ruas em novos diversos protestos por várias cidades brasileiras e até do exterior. Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional. Sobre o tema, confira a edição 193 dos Cadernos IHU Ideias, intitulada *#VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras*, disponíveis em <http://bit.ly/2aVdHxw>. A edição 524 da revista **IHU On-Line**, *Junho de 2013 – Cinco Anos depois. Demanda de uma radicalização democrática nunca realizada*, de 18 de junho de 2018, está disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/524>. (Nota da IHU On-Line)

de espetáculos mais acessíveis a eles. É quando o monumento Caetano Veloso recobra o movimento e se faz novamente contemporâneo. O que se vê é um Caetano que se quer menor para estar vivo e escapar da máscara mortuária que já lhe aprisionava a um tempo pretérito, a vibrações vencidas. E é por isso que ele diz já na primeira canção do primeiro disco da trilogia: “você não vai me reconhecer, quando eu passar por você”. O novo Caetano provoca estranhamento com muitas das canções dos discos, mas também sabe ser espelho da beleza e, equalizando as diferenças, vai trazendo para sua obra toda uma nova geração que se reconhece no rock setentista de *Transa*, na banda Cê e nas canções que a banda inspira Caetano a recordar. *Zii e Zie* é já a maturação desse processo. Se em *Cê*, Caetano se aventurava no indie rock dos jovens da Banda Cê, em *Zii e Zie*, Caetano irá trazê-los, se aproveitando do modo que Pedro Sá criou para acompanhar, com uma guitarra distorcida, o samba, para a sua casa: a música popular brasileira. Mas eles viriam com os seus instrumentos e a sua própria linguagem provocando uma nova síntese que será também chamada de Transambas.

Por fim, se *Cê* e *Zii e Zie* podem ser lidos como narrativas, *Abraço*, um disco de celebração, é uma coleção de *singles* que compõe algo mais próximo de um livro de contos do que um romance.

IHU On-Line – Como a amizade com Gil é, também, uma dimensão importante na obra de Caetano e como essa relação produziu uma mútua troca artística entre estes personagens?

Pedro Bustamante Teixeira – Gilberto Gil também é Caetano Veloso. Caetano Veloso também é Gilberto Gil. Essa amizade transcendental é um dos grandes acontecimentos da música popular brasileira. E não é pelo fato de terem sido parceiros em composições importantes. A amizade deles não envolveu uma parceria estável. Ao longo de mais de 50 anos de amizade e parceria, não foram tantas as canções que eles assinaram juntos. A parceria é, sobretudo, afetiva, por muitos anos foi mesmo familiar, e ainda foi musical e intelectual. Enquanto Caetano aprendeu com Gilberto Gil os segredos da bossa nova, Gilberto Gil absorveu em seu trabalho o pensamento inovador de Caetano Veloso e o desenvolveu nas mais variadas frentes. A virada Tropicalista de Gil não aconteceria sem a insistência de Caetano; sem Gil, Caetano não se estabeleceria como um artista da música. São muito diferentes, mas se complementam, pois há, no berço dessa amizade, a devoção por João Gilberto e o sonho de correr mundo, de correr perigo (viver) juntos.

“Gilberto Gil também é Caetano Veloso.
Caetano Veloso também é Gilberto Gil.
Essa amizade transcendental é um dos
grandes acontecimentos da música popular
brasileira”

IHU On-Line – Quais são as principais semelhanças e diferenças entre o “jovem” Caetano e o “velho” Caetano do ponto de vista artístico e político?

Pedro Bustamante Teixeira – Caetano está entre os artistas que mantêm a coerência daquilo que faz com aquilo que fez. A necessidade de trazer às claras o tropicalismo, o seu exílio e o retorno ao Brasil, decorrem da importância que o artista dá a essa coerência. O tropicalismo não foi somente uma intervenção pontual na cultura a partir da configuração de um cenário nacionalista na cultura popular brasileira. O movimento é também um projeto dinâmico que requer muita perspicácia e coragem para que se continue fiel a ele. E é esse movimento que deve se renovar a todo momento que impulsiona Caetano a permanecer atento e forte para continuar trazendo consigo esse sonho de Brasil e essa vontade de, a partir dessa utopia, refazer o mundo.

Caetano sempre diz: “quero ser lúcido e alegre”, e complementa: “é muito difícil, mas eu fico tentando”. O desafio é de sustentar a alegria, alegria diante do tempo, tempo, tempo, tempo. Mas é esse desde o início de sua vida artística o seu posicionamento diante da vida, da arte e do Brasil. As questões que foram colocadas nos anos sessenta ainda continuam significando muito para Caetano Veloso, e ele desde então se mantém firme no sonho de refazer o mundo a partir da singularidade do Brasil. Hoje, esse pensamento pode até mesmo parecer ridículo, mas Caetano insiste em seu otimismo programático, que, como diz Thiago Amud³⁰: “o Brasil tem que ter jeito”.

³⁰ Thiago Amud (1980): cantor, compositor, arranjador e violinista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

Como um monumento barroco – belo e trágico – sobre nossas alegrias e fracassos, a obra de Caetano Veloso lança seu olhar sobre o Brasil

Guilherme Wisnik traz à tona a personalidade movediça deste artista que atravessa gerações numa obra sempre reveladora e provocativa sobre o Brasil

Ricardo Machado

Experimente jogar o nome de Caetano Veloso em algum buscador digital e selecionar a opção de “imagens”. Pronto, em instantes você estará diante de uma miríade de fotos que exprimem visualmente a diversidade de corpos que habitam a personalidade deste artista. “Caetano é uma pessoa múltipla, muito escapadiça, polimorfa, um mico-leão, um ‘sexo equívoco’ como ele mesmo gosta de dizer. Ao contrário de uma explicação fechada, eu queria dizer ali que ele é uma personalidade artística que abarca muitas visões de forma aberta”, destaca o professor doutor e pesquisador Guilherme Wisnik, em entrevista por telefone à **IHU On-Line**.

“É muito significativo que a canção [Tropicália] que nomeia o movimento tenha sido uma canção com um olhar tão forte para a arquitetura e urbanismo. Essa Brasília não é a Brasília modernista do Niemeyer e do Lucio Costa, mas uma Brasília de papel crepom e prata, uma Brasília terrível onde os urubus passeiam a tarde inteira entre os girassóis, uma Brasília onde o golpe militar aconteceu e todo o sonho de emancipação modernista foi revertido. É um olhar, como diz o próprio Caetano, um olhar barroquizante, que ostenta as nossas próprias falências e com isso inverte toda a perspectiva do desenvolvimentismo, da Era JK, da própria Bossa Nova, que era progressista”, descreve.

O tom sebastianista de muitas das obras de Caetano, que aposta em um Brasil da generosidade, da mistura, da não violência, é, ao mesmo tempo, colocado em contraste com suas sombras. “Exatamente essa aposta que ele cul-



Foto: José Goulão / Wikimedia CC

tivou ao longo de toda a Tropicália e culminou no livro *Verdade tropical* é a aposta que está mais em xeque no Brasil de hoje, com esse destino tão canhestro, tão mesquinho, tão horroroso que o país demonstra”, pontua Wisnik. “Ele [Caetano] dizia que o mais dolorido era saber que a ditadura no Brasil não tinha se abatido sobre nós como se fosse um extraterrestre. Ao contrário, diferentemente do que seus companheiros de esquerda pensavam, a ditadura era, sim, a expressão do ser profundo do Brasil, um país extremamente violento e conservador”, complementa.



Guilherme Wisnik é professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP. Graduado e doutor em Arquitetura e Urbanismo, fez mestrado em História Social, com todas formações na USP. É autor de livros como *Lucio Costa* (São Paulo: Cosac Naify, 2001), *Caetano Veloso* (São Paulo: Publifolha, 2005), *Estado crítico: à deriva nas cidades* (São Paulo: Publifolha, 2009), *Oscar Niemeyer* (São Paulo: Folha de S. Paulo, 2013), *Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura* (São Paulo: Edições Sesc SP, 2018, com Julio Mariutti) e *Dentro do nevoeiro: arte, arquitetura e tecnologia contemporâneas* (São Paulo: Ubu, 2018).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido Caetano Veloso é, como você cita em seu livro *Caetano Veloso*, uma das “mais inexplicáveis personalidades brasileiras”?

Guilherme Wisnik – Essa coisa de “personalidade inexplicável” é uma brincadeira, porque o livro que publiquei estava na *Coleção Folha Explica*. Supõe-se que é uma coisa didática em que é possível explicar uma pessoa do princípio ao fim. Mas Caetano é uma pessoa múltipla, muito escapadiça, polimorfa, um mico-leão, um “sexo equívoco” como ele mesmo gosta de dizer. Eu não quis dar conta de, em um pequeno livro, explicá-lo e já eliminar a ilusão de que ele pudesse ser inteiramente explicado. Além disso, tem o fato de que ele se explica muito, é um dos artistas que está sempre falando, o que é visto muitas vezes como narcisismo, de modo que está sempre se referindo às suas origens, suas opiniões e àqueles que estão a sua volta. Isso conturba a ideia de uma explicação fria, distanciada, externa de um olhar crítico. E, por complemento, ele também sempre “explicou” muito à Folha, então quis fazer uma brincadeira porque ele e a Folha de São Paulo entraram em rota de colisão durante



muito tempo. Ao contrário de uma explicação fechada, eu queria dizer ali que ele é uma personalidade artística que abarca muitas visões de forma aberta.

IHU On-Line – Até que ponto a obra de Caetano transcende a dimensão artística e alcança implicações políticas?

Guilherme Wisnik – Caetano sempre diz que tudo é biográfico, de certa maneira, e que não existe essa coisa da lírica como um mundo paralelo, um pouco assim como talvez faz Chico Buarque¹, que se coloca na voz feminina, como se tudo fosse uma criação. Não é o caso de Caetano, que diz “tudo sou eu”. Essa arte é sempre política em uma dimensão alargada e não exatamente partidária. Uma política do corpo. Uma política do estar no mundo quebrando tabus, quebrando consensos. Ele afirma sempre o que quer fazer e o que não quer fazer, não precisa se encaixar nos estereótipos. A implicação política sempre foi a de estar na contracorrente, de não se identificar com uma esquerda tradicional, desde 1968 com o *proibido proibir*, com o embate com o público estudantil e buscando uma outra forma de esquerda, que tem a ver com o *Maio de 1968*², mais a ver com Freud³ que com Marx⁴, com as questões existenciais, comportamentais, a desidentificação com o marxismo estrito. Trata-se da invenção de um novo paradigma, porque

1 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A banda. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com Estorvo, e o de Livro do Ano com Budapeste, lançado em 2004, e Leite Derramado, em 2010. (Nota da IHU On-Line)

2 Maio de 1968: sobre o tema confira a edição 250 da Revista IHU On-Line, intitulada Maio de 1968: 40 anos depois, disponível em <http://bit.ly/kDXPfl> e a Revista IHU On-Line, intitulada 1968, um ano múltiplo – Meio século de um tempo que desafiou diversas formas de poder, disponível em <http://bit.ly/2QINlkv>. (Nota da IHU On-Line)

3 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da IHU On-Line, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

4 Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista IHU On-Line, de 20-10-2008, é intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da IHU On-Line, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty O Capital no Século XXI, que retoma o argumento central de O Capital, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista IHU On-Line, edição 525, intitulada Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador, está disponível em ihuonline.unisinos.br/edicao/525. (Nota da IHU On-Line)



“Caetano é muito difícil de ser classificado, mas não é, exatamente, por conta de que é um erudito. Ele é um artista do popular, claramente.”

ele e o Gil⁵ acabam, em grande medida, sendo os artistas presos e exilados, mas ao mesmo tempo os alvos da esquerda que os acusava de alienados.

IHU On-Line – Como compreender a mistura entre música popular e erudita na obra de Caetano Veloso? De que maneira isso o torna um cantor e compositor difícil de ser classificado?

Guilherme Wisnik – Caetano é muito difícil de ser classificado, mas não é, exatamente, por conta de que é um erudito. Ele é um artista do popular, claramente. Ele sequer tem formação erudita, diferentemente do Tom Zé⁶, por exemplo, que foi aluno do [Hans-Joachim] Koellreutter, fazendo dodecafônica, música experimental etc. Contudo, Caetano incorpora o dodecafonismo na música *Doideca*. Ele sempre trouxe coisas do eletrônico, desde muito cedo, na

5 Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas, Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. (Nota da IHU On-Line)

6 Antônio José Santana Martins - Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornando uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)



música *Jasper*, do LP *Estrangeiro*, por exemplo. Caetano sempre foi muito atento a essas questões e incorporou referências cruzadas como Gregório de Matos⁷, Sousândrade⁸, poetas do mundo erudito que ele acaba musicando. Com isso ele explode gêneros, pois não faz a música popular dentro dos cânones tradicionais do pop, embora ele seja um artista pop, por excelência, porque a linguagem pop é a mescla e a mistura desses gêneros todos.

IHU On-Line – O senhor é arquiteto de formação e professor de arquitetura. Como interpreta a canção *Tropicália* e como em seus aspectos descritivos e urbanísticos esta música exprime uma certa consciência política do cantor?

Guilherme Wisnik – A canção *Tropicália* se ambienta em Brasília, no planalto central do país. Isso, lançado em 1968, ainda antes do AI-5, mas em um momento de grande efervescência política e cultural, é muito significativo. Como também é muito significativo que a canção que nomeia o movimento tenha sido uma canção com um olhar tão forte para a arquitetura e urbanismo. Essa Brasília não é a Brasília modernista do Niemeyer⁹ e do Lucio Costa¹⁰, mas uma Brasília de papel crepom e prata, uma Brasília terrível onde os urubus passeiam a tarde inteira entre os girassóis, uma Brasília onde o golpe militar aconteceu e todo o sonho de emancipação modernista foi revertido. É um olhar, como diz o próprio Caetano, um olhar barroquizante, que ostenta as nossas próprias falências e com isso inverte toda a perspectiva

7 Gregório de Matos e Guerra (1636-1696): nascido em Salvador, advogado e poeta da época colonial. É considerado um dos maiores poetas barroco do Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial. A alcunha Boca do Inferno foi dada a Gregório por sua ousadia em criticar a Igreja Católica, muitas vezes atacando padres e freiras. Criticava também a “cidade da Bahia”, ou seja, Salvador. Por tal motivo e outros, como sua poesia pornográfica, Gregório foi considerado um poeta “rebelde” que, apesar de ser um clássico, hoje ainda muitos consideram também um poeta maldito. Em 1831, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen publicou 39 dos seus poemas na coletânea Florilégio da Poesia Brasileira (1850, em Lisboa). Afrânio Peixoto edita a restante obra, de 1923 a 1933, em seis volumes a cargo da Academia Brasileira de Letras, reunidos nos códices existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Varnhagem, do Ministério das Relações Exteriores, exceto a parte pornográfica, publicada em 1968 por James Amado. A sua obra tinha um cunho bastante satírico e moderno para a época, além de chocar pelo teor erótico, de alguns de seus versos. (Nota da IHU On-Line)

8 Joaquim de Sousa Andrade (1833 —1902): mais conhecido por Sousândrade, foi um escritor e poeta brasileiro. Formou-se em Letras pela Sorbonne, em Paris, onde fez também o curso de engenharia de minas. Republicano convicto e militante, transferiu-se, em 1870, para os Estados Unidos. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Harpas Selvagens*, em 1857. De volta ao Maranhão, aderiu com entusiasmo à proclamação da República do Brasil em 1889. Em 1890 foi presidente da Intendência Municipal de São Luís. Realizou a reforma do ensino, fundou escolas mistas e idealizou a bandeira do Estado, garantindo que suas cores representassem todas as raças ou etnias que construíram sua história. Morreu em São Luís, abandonado, na miséria e considerado louco. Sua obra foi esquecida durante décadas. (Nota da IHU On-Line)

9 Oscar Niemeyer (1907 – 2012): Arquiteto brasileiro. É considerado um dos nomes mais influentes na arquitetura moderna internacional. Foi pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado. Em 1956, iniciou, a convite do presidente da República, JK, colaboração na construção da nova capital, cujo plano urbanístico foi confiado a Lucio Costa, arquiteto e urbanista. Em 1958, foi nomeado arquiteto-chefe da nova capital e transferiu-se para Brasília, onde permaneceu até 1960. Em 1972, abriu um escritório em Paris. Realizou também grande número de projetos no exterior, como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris, 1967; a Universidade de Constantine, na Argélia, 1968; a sede da Editora Mondadori, em Milão, 1968. O site da Fundação Oscar Niemeyer (www.niemeyer.org.br) apresenta suas ideias, obras em arquitetura, urbanismo, mobiliário, esculturas, serigrafia, cenografia e sua bibliografia. (Nota da IHU On-Line)

10 Lucio Costa [Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa] (1902-1998): Arquiteto brasileiro nascido em Toulon, França, mais conhecido como Lucio Costa, é considerado líder e maior doutrinador do movimento de implantação da arquitetura moderna no Brasil, consagrado como o criador do plano-piloto de Brasília. Filho de brasileiros a serviço no exterior, sendo seu pai o almirante e engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa, estudou na Royal Grammar School de Newcastle, Inglaterra, e no Collège National, em Montreux, na Suíça. De volta ao Brasil, em 1917, estudou pintura e matriculou-se no curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes e diplomou-se em 1925. (Nota da IHU On-Line)



do desenvolvimentismo, da Era JK, da própria Bossa Nova, que era progressista. Os movimentos da contracultura do final dos anos 1960 são heterodoxos e muito mais ligados ao pop que ao Modernismo. Como dizia Hélio Oiticica¹¹, uma diarreia Brasil, uma ideia de pegar o Brasil e mostrá-lo por suas vergonhas, seus aspectos terríveis, o que a geleia geral brasileira tropicalista faz de uma maneira potente e por isso se torna extremamente política.

IHU On-Line – Em que sentido a prosa poética de Caetano é, como o senhor diz em seu livro, “essencialmente antinarrativa”? O que isso significa?

Guilherme Wisnik – Talvez fosse melhor dizer uma prosa “antilinear”, de uma narrativa não linear, que é o caso do Caetano. Eu escolhi fazer aquele livro – *Caetano Veloso* (2005) – porque o pensamento do Caetano não é aquele teleológico, progressivo, que avança de uma forma homogênea e vai se construindo passo a passo. Não é o caso deste artista que tem idas e vindas, voltas, espirais, é muito mais barroco neste sentido.

Há canções que tratam disso, com dois cortes sincrônicos ao mesmo tempo, como *Joia*, por exemplo, onde na beira da praia de Copacabana “um selvagem levanta o braço, abre a mão e tira um caju, em um momento de puro amor”. Quinhentos anos depois a “menina muito contente toca a Coca-Cola na boca, um momento de puro amor”. Quer dizer, essa é a antilinearidade, como se aquilo se manifestasse independente do tempo, como em *Manhattan*, a estátua com a tocha na mão e a menina que morde a polpa da maçã depois. São ideias semelhantes.

IHU On-Line – De que maneira a trajetória de Caetano atualiza o sentido do Modernismo brasileiro?

Guilherme Wisnik – Bem, fica muito evidente o sentido da Antropofagia. Caetano e os tropicalistas em geral são antropofágicos, retomam Oswald

¹¹ Hélio Oiticica (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)



Caetano e os tropicalistas em geral são antropofágicos, retomam Oswald de Andrade na veia. Isso significa o quê? Que só interessa o que não é meu, como diz o Manifesto [Antropófago] de Oswald.

de Andrade¹² na veia. Isso significa o quê? Que só interessa o que não é meu, como diz o *Manifesto [Antropófago]* de Oswald. Pegar as referências que vêm de fora e deglutir desde um ponto de vista próprio e devolver assimilado. Não ser nacionalista é antropofágico, mas não é como Mário de Andrade¹³, pois quem recusa o nacionalismo se volta para uma miríade de referências, incorpora a guitarra elétrica do rock e quer fazer alguma coisa que seja muito brasileira, que tenha a ver com certas características nossas que estão ligadas ao samba – e no caso dos baianos ao samba de roda – e uma interpretação do país. Deste ponto de vista, *Tropicália* é uma canção extremamente antropofágica, *Joia* também. Uma outra que pode ser lembrada, nesse sentido, é *Um índio* que “virá numa velocidade estonteante”, “Um índio preservado em pleno corpo físico (...) Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico/ Do objeto-sim resplandecente descerá o índio”, esse retorno no futuro de alguém exemplar do povo destruído que retorna como miragem e redenção. É uma atualização do modelo brasileiro do Modernismo, mas décadas depois.

12 Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp foram os idealizadores do Modernismo no Brasil, na década de 1920, uma visão da país radicalmente vanguardista que rompia, pela primeira vez em termos culturais, com o colonialismo cultural vigente à época. É autor de uma vasta obra, passando por críticas literárias, autoria de peças teatrais, romances e textos teóricos. Dentre sua obra, vale destacar o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, Manifesto Antropófago e Crise da Filosofia Messiânica, textos importantes no que concerne à originalidade do pensamento nativo brasileiro e que se colocam na crítica profunda à razão ocidental hegemônica. Após a virada antropofágica, em 1979, o autor passou ocupar um papel de destaque na Antropologia brasileira. (Nota da IHU On-Line)

13 Mário de Andrade (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaíma* foi publicado em 1928. (Nota da IHU On-Line)



Um povo mestiço misturado com a língua portuguesa, que não é uma língua hegemônica no mundo, com uma cultura indígena e afrodescendente importantíssima

IHU On-Line – Que Brasil é expresso no livro *Verdade tropical*, lançado em 1997? Qual a originalidade da interpretação de Caetano nesta obra?

Guilherme Wisnik – A grande aposta de Caetano e que está sintetizada em *Verdade tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), embora não seja um livro sintético, é a ideia de que o Brasil tem uma originalidade a dar o seu recado no mundo. Mesmo em um tempo de globalização onde as diferenças culturais se nivelam, é uma aposta na grandeza brasileira – um povo mestiço. Caetano sempre teve (e ainda tem) um discurso que deve muito à importância da mestiçagem. Um povo mestiço misturado com a língua portuguesa, que não é uma língua hegemônica no mundo, com uma cultura indígena e afrodescendente importantíssima, sem renegar as matrizes europeias e que, portanto, em um país de dimensões continentais, formado desse jeito, que tem todas suas divisões internas e os problemas da desigualdade e da colonização, ele está, ao mesmo tempo, predestinado à grandeza. Essa grandeza tem a ver com generosidade, com não violência, com abertura para arte. Tem aí um componente, claramente, sebastianista que Caetano declara o tempo inteiro no livro. Há uma vocação de grandeza portuguesa mirada no Brasil, como se o sebastianismo todo apontasse para esse destino grandioso da colônia portuguesa na América. Exatamente essa aposta que ele cultivou ao longo de toda a Tropicália e culminou no livro *Verdade tropical* é a aposta que está mais em xeque no Brasil de hoje, com esse destino tão canhestro, tão mesquinho, tão horroroso que o país demonstra.

Por outro lado, eu gostaria de ressaltar – e é como eu abro o meu livro sobre o Caetano – no show *Circuladô*, em 1992, quando ele fazia 50 anos, logo antes de cantar *Debaixo dos caracóis*, de Roberto Carlos¹⁴, feita para ele, que pela primeira vez falava da prisão e do exílio, ele dizia que o mais dolorido era saber que a ditadura no Brasil não tinha se abatido sobre nós como se fosse um extraterrestre, um Alien que veio do nada. Ao contrário, diferentemente do que seus companheiros de esquerda pensavam, a ditadura era, sim, a expressão do ser profundo do Brasil, um país extremamente violento e conservador. Essa percepção que ele tinha, hoje é muito reveladora e acaba colocando em dialética essa posição mais positiva da Tropicália.

¹⁴ **Roberto Carlos Braga** (1941): cantor e compositor brasileiro, um dos primeiros ídolos jovens da cultura brasileira, liderando o primeiro grande movimento de rock feito no Brasil. Além dos discos, estrelou um programa na TV Record, chamado *Jovem Guarda* (que batizou esse movimento de rock), e filmes inspirados na fórmula lançada pelos Beatles - como "Roberto Carlos em Ritmo de Aventura", "Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-rosa" e "Roberto Carlos a 300km por Hora". Atualmente continua se apresentando com frequência e produz anualmente um especial que vai ao ar na semana do Natal pela Rede Globo, mesma época em que costumavam ser lançados seus discos anuais. Segundo a ABPD, o Roberto Carlos é o artista solo com mais álbuns vendidos na história do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)





A alegria como a consciência de que “tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso”

Miguel Jost traça um panorama da história de Caetano Veloso, pontuando como sua obra propõe um Brasil que reúne em um só território político, mas sobretudo estético, muitos brasis

Ricardo Machado

O Brasil de Caetano Veloso reúne os muitos brasis que atravessam e vivem em sua produção artística, quer seja ela musical ou não. “O Brasil é para ele uma experiência de um mundo possível no qual o deslizamento se sobrepõe à identidade dura, onde o deslocamento é mais importante do que aquilo que se fixa, onde a travessia desorienta a estabilidade seja ela qual for”, descreve o professor e pesquisador Miguel Jost, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Embora o senso comum tenda a tomar a “alegria” como um afeto ingênuo, quando não cínico, diante de um Brasil marcado por tantas e distintas violências, o sentido do termo trazido pela obra de Caetano assume outro significado. “A alegria como manifestação da potência de estar vivo, mas sempre como a percepção clara de que ‘tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso’ é uma espécie de bússola para essa linha que conecta tantos artistas brasileiros”, afirma Jost.

A geração tropicalista, da qual Caetano é um dos integrantes, reinventou completamente o sentido do que é a cultura brasileira e o faz de forma muito mais aberta. “Essa ‘tradição delirante’ seria marcada pela capacidade desses artistas de investir contra uma ideia conservadora de cultura brasileira sem, com isso, cair em um território de ruptura ou em uma postura iconoclasta perante os elementos constituintes da nossa tradição. Seria a capacidade de olhar a fresta, o desvio, o deslize, o entre-lugar e a diferença como traço decisivo para escaparmos de uma identidade cultural fixa, excludente e com baixa capacidade de afirmar a brasilidade como contágio e não como dado natural e estável”, destaca.



Miguel Jost Ramos é formado em Ciências Sociais pela PUC-Rio, mestre e doutor em Estudos de Literatura por esta mesma instituição. Tem experiência nas áreas de literatura e sociologia, com ênfase em cultura Brasileira, música popular e políticas públicas de cultura. É membro do grupo de pesquisa Textualidades Contemporâneas: Processos de Hibridização, que é composto por pesquisadores da UnB, PUC-Rio, UFES, UFU e UMCE (Chile), e membro do grupo de trabalho Intérpretes do Brasil, que se reúne regularmente nos congressos do Brasa.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi e quem é Caetano Veloso para o Brasil e o Mundo?

Miguel Jost – Somente o fato de nos sentirmos aptos a fazer essa pergunta nos dá uma dimensão do que esse artista representa para a cultura brasileira. Porém, entendo que escapando dessa pergunta ou, pelo menos, deslocando-a para outro território, posso contribuir mais com a produção de uma reflexão crítica consistente sobre a produção artística de Caetano Veloso.

Nesse sentido gostaria de propor aqui, como abertura para nossa conversa, pensar sobre o Brasil que Caetano canta, desenha, escreve, ensaia, dança e imagina. Curiosamente pensei em escrever na linha anterior “os brasis” ao invés de “o Brasil”. Contudo, se assim o fizesse, estaria sendo traído por uma perspectiva contemporânea pouco coerente com o que entendo da obra de Caetano. De fato sua obra é permeada de brasis diversos, e talvez esse seja um dos pontos nevrálgicos de sua produção estética quando emerge o movimento da Tropicália. Mas esses muitos brasis ainda são ali orientados e organizados como ideia de um Brasil. E não vejo como pensarmos a obra de Caetano sem fazê-la roçar em um corpo coletivo de criadores brasileiros do século XX que foram contagiados pela possibilidade de uma utopia Brasil. De

Araripe Júnior¹ a Glauber Rocha², de Tarsila do Amaral³ a Augusto Boal⁴, de Gilberto Freyre⁵ a Hélio Oiticica⁶, entre tantos outros exemplos possíveis, existiu de forma permanente entre pensadores e artistas brasileiros no século passado essa ambição de delinear e afirmar

1 Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848 - 1911): advogado, crítico literário e escritor brasileiro. Era filho de Tristão de Alencar Araripe e de Argentina de Alencar Lima. Sua família foi uma das mais importantes do Ceará no século XIX. Sua obra literária, inicialmente, era mais ligada à ficção. Porém, devido ao convívio com Rocha Lima, Capistrano de Abreu e outros críticos cearenses, passa a produzir no campo do ensaio e então tornou-se célebre. Escreveu sobre José de Alencar, Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Raul Pompeia, Aluísio Azevedo, e outros. Formou, com Sílvio Romero e José Veríssimo, a trindade crítica da época positivista e naturalista. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras e do Instituto do Ceará, tendo sido, também, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No último livro, Ibsen e o espírito da tragédia (1911), sem abandonar a preocupação nacionalista, alçou-se a um plano de universalidade, buscando a razão de ser da tragédia humana, através da obra dos grandes trágicos, da Grécia ao século XIX. (Nota da IHU On-Line)

2 Glauber Rocha (1939-1981): cineasta brasileiro, ator e escritor nascido em Vitória da Conquista, na Bahia. Realizou seu primeiro filme, o curta-metragem Pátio, em 1959, ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, atualmente Universidade Federal da Bahia. Durante o curso, conheceu a colega Helena Ignez, com quem se casou. Em 1961, abandonou a faculdade para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre o cinema. Ele se propunha a fazer uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. Barravento (1962) foi seu primeiro longa-metragem. Antes dele, dirigiu vários curtas, ao mesmo tempo que se dedicava ao cineclubismo e fundava uma produtora cinematográfica. Os três próximos longas, Deus e o diabo na terra do sol (1963), Terra em transe (1967) e O dragão da maldade contra o santo guerreiro (1969), são paradigmáticos. Neles, faz forte crítica social se alia a uma forma de filmar que pretendia cortar radicalmente com o estilo importado dos Estados Unidos. Essa pretensão era compartilhada pelos outros cineastas do Cinema Novo, corrente artística liderada principalmente por Rocha e grandemente influenciada pelo movimento francês Nouvelle Vague e pelo Neorealismo italiano. Glauber foi um cineasta controverso e incompreendido no seu tempo, além de ter sido patrulhado tanto pela direita como pela esquerda brasileira. Tinha uma visão apocalíptica de um mundo em constante decadência, e toda a sua obra denotava esse seu temor. Com Barravento, foi premiado no Festival Internacional de Cinema de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia, em 1964. Um ano depois, com Deus e o diabo na terra do sol, conquistou o Grande Prêmio no Festival de Cinema Livre da Itália e o Prêmio da Crítica no Festival Internacional de Cinema de Acapulco. Com Terra em transe, tornou-se reconhecido, conquistando o Prêmio da Crítica do Festival de Cannes, o Prêmio Luis Buñuel na Espanha, o Prêmio de Melhor Filme do Locarno International Film Festival e o Golfinho de Ouro de melhor filme do ano, no Rio de Janeiro. Outro filme premiado de Glauber foi O dragão da maldade contra o santo guerreiro, prêmio de melhor direção no Festival de Cannes e, outra vez, o Prêmio Luiz Buñuel na Espanha. Era visto pela ditadura militar, que se instalou no país com o golpe de 1964, como um elemento subversivo. Em 1971, com a radicalização do arbítrio, Glauber partiu para o exílio. Em 1977, viveu seu maior trauma: a morte da irmã, a atriz Anecy Rocha, que, aos 34 anos, caiu em um fosso de elevador. Glauber morreu com 42 anos, vítima de septicemia (choque bacteriano, conforme o atestado de óbito, provocado por broncopneumonia que o atacava havia mais de um mês) em uma clínica no Rio de Janeiro, depois de ter sido transferido de um hospital de Lisboa, onde permaneceu 18 dias internado. Residia há meses em Sintra, cidade de veraneio portuguesa, e se preparava para fazer um filme, quando começou a passar mal. Em 2014, documentos revelados pela Comissão da Verdade indicaram que o governo militar pretendia matar Glauber no exílio. Em relatório da Aeronáutica que veio à tona, o cineasta era descrito como um dos líderes da esquerda brasileira. A monitoração era feita através de entrevistas que ele concedia a publicações europeias, criticando o governo militar e a repressão, o que era considerado um "violento ataque ao país". (Nota da IHU On-Line)

3 Tarsila do Amaral (1886-1973): pintora brasileira. Foi a pintora mais representativa da primeira fase do movimento modernista brasileiro, ao lado de Anita Malfatti. Seu quadro Abopuru, de 1928, inaugura o movimento antropofágico nas artes plásticas. (Nota da IHU On-Line)

4 Augusto Boal (1931-2009): dramaturgo, ensaísta e escritor brasileiro. Tem expressiva obra dramática, além de ser conhecido internacionalmente, com traduções em mais de vinte línguas, de suas teorias acerca do Teatro do Oprimido. (Nota da IHU On-Line)

5 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da IHU On-Line)

6 Hélio Oiticica (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de "antiarte por excelência" e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como "Incorporo a Revolta" e "Estou Possuído"), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

Caetano é parte decisiva da forma como muito dessa produção foi organizada e traduzida no território da canção popular. Mais que isso, foi e é um personagem que mantém insistentemente essa ideia de uma utopia de Brasil como algo que pode determinar mais do que um lugar nosso no mundo

um lugar original da cultura brasileira. E Caetano é parte decisiva da forma como muito dessa produção foi organizada e traduzida no território da canção popular. Mais que isso, foi e é um personagem que mantém insistentemente essa ideia de uma utopia de Brasil como algo que pode determinar mais do que um lugar nosso no mundo, uma verdadeira lição nossa para o mundo.

A título de exemplo recente, em debate realizado pela FLIP em 2020 no qual Caetano dividiu um painel do evento com Paul B. Preciado⁷, o compositor afirmou sobre o papel da história brasileira perante o mundo de hoje: “não podemos não assumir a responsabilidade de dizer que temos a oportunidade de criar um mundo novo, de mudar esse negócio todo a partir do que somos. [...] Nós temos aqui uma oportunidade de contribuir de uma maneira que ninguém tem as ferramentas que nós temos para fazer. [...] e eu tenho um otimismo programático de manter a responsabilidade de tentar fazer.” Caetano no contexto dessa conversa procurava dizer justamente sobre as especificidades que nossa experiência como país do hemisfério sul, com o português como língua, um “gigante anômalo”, país de dimensões continentais, de enorme diversidade cultural, poderia oferecer para o mundo contemporâneo. O exemplo recente é somente para iluminar que a obra de Caetano, dos seus primeiros textos como crítico cinematográfico ainda estudante em Salvador até hoje, está continuamente atrelada à ideia de que o mundo precisa se “*brasilificar*”, como nas palavras de seu amigo e parceiro Jorge Mautner⁸.

Mesmo não tendo muito espaço para aprofundarmos os principais elementos internos de sua obra que indicam de forma aguda essa perspectiva de uma utopia brasileira, podemos abrir algumas questões gerais que nos ajudem a entender esse Brasil que Caetano afirma incessantemente. A maioria dessas questões já eram apontadas e problematizadas pelo artista desde seu surgimento no

7 Paul B. Preciado [Beatriz Preciado] (1970): Filósofo feminista espanhol, homem trans e discípulo de Jacques Derrida, Preciado é grande referência de Teoria Queer e na filosofia de gênero. Um bem precioso. Entrevista com Beatriz Preciado publicada nas Notícias do Dia, de 24-02-2011, publicada nas Notícias do Dia do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1OrKZPO>; O gênero multiplicado. Artigo de Beatriz Preciado publicado nas Notícias do Dia do Instituto Humanitas Unisinos – IHU de, 2-9-2011, disponível em <http://bit.ly/11-Xm6rx>. (Nota da IHU On-Line)

8 Jorge Mautner (1941): cantor, compositor e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)



Caetano não abre mão. O Brasil é para ele uma experiência de um mundo possível no qual o deslizamento se sobrepõe à identidade dura, onde o deslocamento é mais importante do que aquilo que se fixa, onde a travessia desorienta a estabilidade seja ela qual for.

cenário cultural brasileiro. A ideia de uma geleia geral brasileira, capaz de aliar Rogério Duprat⁹ e Vicente Celestino¹⁰, de fazer conversar a rádio nacional e as vanguardas internacionais, de amar Roberto Carlos¹¹ e Fellini¹², de assumir a indústria cultural como espaço para uma produção brasileira moderna e popular, de ampliar os filtros de movimentos como a bossa nova e o concretismo, de afirmar a sensibilidade popular como dado decisivo da nossa originalidade, foram dados decisivos da constituição do movimento tropicalista mas, de certa forma, pavimentaram uma estrada pela qual Caetano se manteve até hoje. É esse Brasil da porosidade, da multiplicidade, do trânsito, da diferença, do indefinido como recitado por ele em “Americanos” no disco *Circuladô de Fulô* (1991).

Caetano não abre mão. O Brasil é para ele uma experiência de um mundo possível no qual o deslizamento se sobrepõe à identidade dura, onde o deslocamento é mais importante do que aquilo que se fixa, onde a travessia desorienta a estabilidade seja ela qual for.

9 Rogério Duprat (1932-2006): compositor e maestro brasileiro. Um dos maiores responsáveis pela ascensão da Tropicália, personalizando o som do então emergente movimento musical com arranjos bem elaborados, criativos e perfeitamente antenados com as tendências internacionais da época. (Nota da IHU On-Line)

10 Antônio Vicente Filipe Celestino – Vicente Celestino (1894—1968): foi um dos mais importantes cantores brasileiros do século XX. No dia 23 de agosto de 1968, quando se preparava para gravar um programa de televisão, onde seria homenageado pelo Movimento Tropicalista, passou mal no quarto do Hotel Normandie, em São Paulo, falecendo do coração minutos depois. Seu corpo foi transferido para o Rio de Janeiro, onde foi velado por uma multidão na Câmara dos Vereadores e sepultado sob palmas do público. (Nota da IHU On-Line)

11 Roberto Carlos Braga (1941): cantor e compositor brasileiro, um dos primeiros ídolos jovens da cultura brasileira, liderando o primeiro grande movimento de rock feito no Brasil. Além dos discos, estreou um programa na TV Record, chamado Jovem Guarda (que batizou esse movimento de rock), e filmes inspirados na fórmula lançada pelos Beatles - como “Roberto Carlos em Ritmo de Aventura”, “Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-rosa” e “Roberto Carlos a 300km por Hora”. Atualmente continua se apresentando com frequência e produz anualmente um especial que vai ao ar na semana do Natal pela Rede Globo, mesma época em que costumavam ser lançados seus discos anuais. Segundo a ABPD, o Roberto Carlos é o artista solo com mais álbuns vendidos na história do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

12 Federico Fellini (1920-1993): um dos mais importantes cineastas italianos. Ficou eternizado pela poesia de seus filmes, que, mesmo quando faziam sérias críticas à sociedade, não deixavam a magia do cinema desaparecer. Geralmente fazia críticas ao totalitarismo, marxismo e à Igreja. Uma de suas obras mais conhecidas é *La dolce vita*. (Nota da IHU On-Line)



IHU On-Line – Como Caetano Veloso tornou-se, também, a expressão do final dos anos 1960 e 1970 no Brasil, misturando discernimento intelectual e abertura a novas experiências, inclusive alucinógenas?

Miguel Jost – Eu entendo que seria melhor dizermos como Caetano interveio nesse cenário cultural do que como ele tornou-se expressão cultural daquele momento. Caetano Veloso, assim como diversos artistas do período, como Lygia Clark¹³, Zé Celso¹⁴, Tom Zé¹⁵, Hélio Oiticica, José Agrippino de Paula¹⁶, Glauber Rocha e outros, construíram uma abertura absolutamente decisiva para que a produção cultural brasileira daqueles anos pudesse escapar de modelos essencialistas dentro de debates como nacionalidade, tradição, alienação, imperialismo e outros que despertavam enormes paixões na virada dos anos 1960/1970. A compreensão da abertura produzida pela bossa nova para a cultura brasileira no mundo, a recuperação do conceito de antropofagia como pensado por Oswald de Andrade¹⁷, a capacidade de lidar com os espaços da dita indústria cultural assim como a vontade de produzir novas chaves de leitura sobre a realidade brasileira, fizeram com que esse conjunto de artistas criasse um novo campo de referências sobre o que poderia ser uma cultura brasileira menos fechada em si e, ao mesmo tempo, intimamente conectada com a nossa sensibilidade e história.

O que talvez diferencie Caetano dos demais artistas citados dentro desse contexto seja o fato de como o compositor traduziu isso na sua produção não só cancional mas também nas suas intervenções no debate público daquele período. E, talvez, ainda mais que isso, como Caetano performou um corpo que expressava uma brasilidade não normativa, desviante, popular, sofisticada, provocadora e com um poder de afetar a perspectiva de mundo da juventude brasileira de então. Como diria um dos seus interrogadores no período em que Caetano esteve preso: mais do que as letras, o que era inadmissível era a forma como o artista rebojava e se comportava no palco. O corpo de Caetano, como estratégia narrativa, de fato impactou aquele período histórico do Brasil como um elemento desestabilizador da vida do país.

13 Lygia Clark: brasileira, pintora, escultora, auto-intitidou-se não-artista. (Nota IHU On-Line)

14 José Celso Martinez Corrêa (Araraquara, São Paulo, 30 de março de 1937): conhecido como Zé Celso, é uma das figuras mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

15 Antônio José Santana Martins - Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

16 José Agrippino de Paula (São Paulo, 13 de julho de 1937 – Embu, 4 de julho de 2007): escritor brasileiro. Dentre os livros de sua autoria se destaca *PanAmérica* (1967), obra fundamental para o desenvolvimento do movimento da Tropicália. (Nota da IHU On-Line)

17 Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp foram os idealizadores do Modernismo no Brasil, na década de 1920, uma visão da país radicalmente vanguardista que rompia, pela primeira vez em termos culturais, com o colonialismo cultural vigente à época. É autor de uma vasta obra, passando por críticas literárias, autoria de peças teatrais, romances e textos teóricos. Dentre sua obra, vale destacar o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, Manifesto Antropófago e Crise da Filosofia Messiânica, textos importantes no que concerne à originalidade do pensamento nativo brasileiro e que se colocam na crítica profunda à razão ocidental hegemônica. Após a virada antropológica, em 1979, o autor passou ocupar um papel de destaque na Antropologia brasileira. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – A propósito, qual a relação entre as primeiras obras de Caetano Veloso e a conjuntura política do Brasil à época, com a instauração dos Atos Institucionais, especialmente o AI-5?

Miguel Jost – Não acredito que articular conexões de causa e efeito entre a produção do compositor e golpe militar no Brasil seja o campo mais produtivo para produzirmos reflexão crítica sobre a estética de Caetano nos anos 1960. Ao mesmo tempo, a emergência de sua voz dentro desse momento histórico torna esse diálogo incontornável e precisamos ter isso em vista para qualquer análise dos seus primeiros trabalhos. De forma muito óbvia, Caetano era um artista que afirmava o caráter libertário do momento em suas canções. Suas letras, os arranjos de suas músicas, sua performance nos palcos, seus figurinos, suas posições sobre sexualidade, sobre direitos civis e tantos mais temas eram extremamente ousados e disruptivos naquele contexto. Necessariamente, uma ditadura autoritária e conservadora precisava criminalizar e oprimir esse tipo de expressão. Caetano responderia a isso afirmando ainda mais sua música e seu comportamento como um território de liberdade e de ruptura com o conservadorismo.

Isso fez com que o compositor se tornasse alvo da ditadura e como consequência fosse preso e exilado com a promulgação do AI-5 e o recrudescimento do Regime Militar. E talvez aí tenha surgido o efeito mais direto e objetivo da ditadura em sua obra. O disco lançado após esse período é observado por muitos críticos como um trabalho no qual o compositor reverbera toda sua vulnerabilidade após o período na prisão. No repertório, nos arranjos, na interpretação vocal, na capa do disco e em outros elementos estaria refletida boa parte da dor do ocorrido e, para além disso, uma certa reorientação de rota pós-tropicalismo.

Mas eu entendo que, antes de tudo, as primeiras obras de Caetano se relacionam diretamente com expressões culturais nacionais e internacionais daquele momento que produziram um efetivo impacto sobre a produção subjetiva do compositor. Estou falando mais do jovem santo amarense que antes dos seus dezoito anos completos já era profundamente abalado pelos textos de Clarice Lispector¹⁸, pelo violão de João Gilberto¹⁹ e pelo cinema de Fellini. Mais do adolescente que vivia entre festas populares e as informações que lia na Revista Senhor. Mais do apaixonado pelo cinema francês e que acreditava que Vinicius

18 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>. E também a edição 547, de 05-04-2021, intitulada Clarice Lispector. Uma literatura encravada na mística, disponível em <https://bit.ly/3BXu4nb> (Nota da IHU On-Line)

19 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa-nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950. Perfeccionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo (Nota da IHU On-Line)

de Moraes era um poeta negro do Rio de Janeiro. Mais do jovem que sabia de cor todo o cancionário de sucesso da Rádio Nacional e que, ao mesmo tempo, olhava para a cultura pop internacional com um fascínio sem igual.

Certamente existem fios que conectam tudo isso: afirmar a potência criadora do Brasil em toda sua complexidade cultural, social e política talvez seja o mais importante deles.

IHU On-Line – Em seu mestrado você estudou a música popular brasileira nos anos 1970. Qual a importância da obra de Caetano neste contexto e como ele dialogava com outros artistas da época?

Miguel Jost – Bom, como já brinquei aqui estamos falando de alguém que estava disposto a organizar o movimento e orientar o carnaval né? E além disso inaugurar o monumento no planalto central do Brasil. Não é pouca coisa, obviamente. Caetano, e mais especificamente a Tropicália, funcionaram para a geração que surgiu nos anos 1970 de forma semelhante a como a bossa nova funcionou para os artistas surgidos nos anos 1960. Muito mais importante do que a influência sonora e poética foi sua capacidade de mover estruturas de mentalidade e remover barreiras estéticas. Estamos falando de movimentos que redefiniram o horizonte de possibilidades para artistas brasileiros não só da música. E esse é um aspecto fundamental para dimensionarmos a relevância desses movimentos num cenário mais amplo da nossa produção cultural. Quando observamos como Glauber Rocha se referia à bossa nova, quando entendemos o impacto da Tropicália para o surgimento da cena da contracultura, entendemos que a experiência de redefinir a liberdade de criação como esses movimentos fizeram são elementos muito mais decisivos em impactar as gerações seguintes do que propriamente uma batida de violão ou o uso de recursos da música erudita de vanguarda em canções pops.

Mas se ajustarmos o foco para mais próximo também podemos observar um impacto efetivo da produção de Caetano para a geração seguinte. O chorinho com rock dos Novos Baianos²⁰, o homoerotismo

²⁰ Os Novos Baianos: conjunto musical brasileiro, nascido na Bahia, ativo entre os anos de 1969 e 1979. Eles marcaram a música popular brasileira e até o rock brasileiro dos anos 70, utilizando-se de vários ritmos musicais brasileiros que vão de bossa nova, frevo, baião, choro, afoxé ao rock n' roll. O grupo lançou oito trabalhos antológicos para MPB. Influenciados pela contracultura e pela emergente Tropicália. Contava com Moraes Moreira (compositor, vocal e violão), Baby Consuelo (vocal), Pepeu Gomes (Guitarra), Paulinho Boca de Cantor (vocal), Dadi (baixo) e Luiz Galvão (letras) entre outros. (Nota da IHU On-Line)

de Ney Matogrosso²¹ com Secos e Molhados²², a liberdade do Clube da Esquina²³ em aproximar música latina, The Beatles, o barroco mineiro e a canção moderna brasileira, a aproximação da MPB com os artistas do chamado brega, a eclosão do movimento Black Rio no fim da década, as diversas citações a Caetano em canções de outros artistas, são exemplos de uma influência profunda do artista só a partir de alguns poucos casos do campo da canção popular. Mas se desdobramos esse debate para as linguagens do cinema, do teatro, das artes visuais e da literatura podemos observar uma amplitude ainda maior do impacto que foi gerado por ele.

Um sintoma colateral dessa relevância que Caetano ganhou para a geração seguinte está nas polêmicas e na forma como suas entrevistas passam a reverberar na cena cultural do período. O próprio artista, a partir da percepção da força que sua voz havia ganho nesses espaços, passou a ser mais incisivo na recusa ao papel referencial que tentavam lhe conferir naquele momento. As inúmeras afirmações sobre o fim da Tropicália, sobre seu desejo de não desempenhar um papel de ícone da juventude ou sobre não se ver como liderança política denotam uma postura deliberada de escapar do papel de uma referência geracional na primeira metade da década de 1970. O lançamento de *Araçá Azul* (1973) e todas as suas intervenções públicas sobre o disco não deixam dúvidas desse desejo de sair do centro da cena.

IHU On-Line – Oswald de Andrade dizia que “A alegria é a prova dos nove”. Caetano compôs a célebre canção “Alegria, Alegria”. Como a valorização deste afeto nos ajuda a pensarmos o papel da cultura no Brasil em contextos tão difíceis como foi a ditadura e, infelizmente, é a atual conjuntura?

Miguel Jost – A alegria como manifestação da potência de estar vivo, mas sempre como a percepção clara de que “tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso” é uma espécie de bússola para essa linha que

21 Ney de Souza Pereira (1941): mais conhecido como Ney Matogrosso, é um cantor, diretor, iluminador e ator brasileiro. Ex-integrante dos Secos & Molhados (1973-1974), foi o artista que mais se sobressaiu do grupo após iniciar sua carreira solo com o disco *Água do Céu - Pássaro* (1975) e com suas apresentações subsequentes. É considerado pela revista *Rolling Stone* como a terceira maior voz brasileira de todos os tempos e, pela mesma revista, trigésimo terceiro maior artista brasileiro de todos os tempos. Embora tenha começado relativamente tarde, das canções poéticas e de gêneros híbridos dos Secos e Molhados ele passou a interpretar outros compositores do país, como Chico Buarque, Cartola, Rita Lee, Tom Jobim, construindo um repertório que prima pela qualidade e versatilidade. Em 1983, completava dez anos de estrea no cenário artístico e já possuía dois Discos de Platina e dois Discos de Ouro, inclusive pela enorme repercussão da canção “Homem com H” de 1981. (Nota da IHU On-Line)

22 Secos & Molhados: grupo vocal brasileiro da década de 1970 cuja formação clássica consistia de João Ricardo (vocalis, violão e harmônica), Ney Matogrosso (vocalis) e Gérson Conrad (vocalis e violão). João havia criado o nome da banda sozinho em 1970 até juntar-se com as diferentes formações nos anos seguintes e prosseguir igualmente sozinho com o álbum *Memória Velha* (2000). (Nota da IHU On-Line)

23 Clube da Esquina: foi um movimento musical brasileiro surgido na década de 1960 em Belo Horizonte - Minas Gerais, onde jovens músicos começaram a se reunir. Seu som se fundia com as inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz, do rock – principalmente os Beatles –, música folclórica dos negros mineiros com alguns recursos de música erudita e música hispânica. Nos anos 70, esses artistas tornaram-se referência de qualidade na MPB pelo alto nível de performance e disseminaram suas inovações e influência a diversos cantos do país e do mundo. (Nota da IHU On-Line)



conecta tantos artistas brasileiros que se “filiam” aos dois exemplos citados na pergunta. Digo isso com esse cuidado porque as lentes contemporâneas nos ajudaram a perceber como a alegria, quando associada a uma expressão de brasilidade, pode ser um elemento diluidor de toda violência que formou nossa história social. Mas é certo que nem Caetano nem Oswald pensaram essa alegria como um elemento que ameniza as mazelas sociais do país.

Nesse sentido, podemos nos apegar mais à forma como Nietzsche²⁴ entende alegria. Estamos falando de afirmar nossa potência mais do que aquilo que reconhecemos como carência. Curiosamente, essa parece ser uma discussão que se faz novamente pertinente nos dias atuais. Quando enfrentamos o surgimento de uma máquina de aniquilamento do outro como acontece hoje diante do governo Bolsonaro, precisamos novamente trazer a alegria que é afirmada pela diferença, pela alteridade, pela celebração da vida e não do desejo de morte como se manifesta de forma tão brutal no Brasil em 2021.

IHU On-Line – A propósito, até que ponto a obra de Caetano Veloso – além de outros artistas – atualizou o sentido do Modernismo Antropofágico brasileiro?

Miguel Jost – Esse é um tema de enorme complexidade para aqueles que procuram entender as histórias das ideias no Brasil. Inicialmente, talvez seja importante refletirmos sobre um possível equívoco que cometemos nos espaços da academia ao lidar com essa relação. E digo cometemos no plural porque, por mais que possamos encontrar trabalhos que, ao longo do tempo, chamaram atenção para uma falta de rigor nessa associação, é um fato que na grande maioria dos debates, artigos, palestras e aulas que abordaram esse tema podemos observar uma relação muito direta e simbiótica entre o conceito de antropofagia de Oswald de Andrade e a obra de Caetano e outros tropicalistas.

O que tento propor aqui e em outros espaços é que se perceba que a forma usada pelos poetas concretistas, os tropicalistas, o trabalho do Teatro Oficina, de Lygia Clark, Hélio Oiticica, de Waly Salomão²⁵ e de

24 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

25 Waly Dias Salomão (1943 —2003): poeta brasileiro. Era filho de sírio com uma sertaneja, formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1967, mas nunca exerceu a profissão. Coursou a Escola de Teatro da mesma universidade (1963-1964) e estudou inglês na Columbia University, Nova York (1974-1975). Na década de 1960, participou do movimento tropicalista. Foi também uma figura importante da contracultura no Brasil, nos anos 1970. Atuou em diversas áreas da cultura brasileira. Foi letrista de canções de sucesso, como Vapor Barato, em parceria com Jards Macalé. (Nota da IHU On-Line)

muitos outros como uma espécie de consolidação de uma certa ideia de antropofagia. E, de fato, de uma ideia consistente e forte de antropofagia. O que seria importante entendermos é que o conceito não era estável, fechado, coeso e muito menos era pactuado no nosso ambiente intelectual como um conceito relevante para interpretar o Brasil. De forma tangencial, inclusive, vale citarmos que os trabalhos publicados pelos principais autores do pensamento social brasileiro entre os anos 1930 e 1960 não se dedicam a refletir ou trabalhar em cima desse conceito. Em parte isso acontecia pela trajetória “acidentada” de Oswald nesse período, em parte pela prevalência das formulações de Mario de Andrade²⁶ e outros autores modernistas nesse arco de tempo.

Fato é que a partir do movimento dos poetas concretistas em recolocar o pensamento de Oswald nos debates sobre a cultura brasileira, o conceito de antropofagia ganharia uma centralidade inédita nos dez anos seguintes. O conceito não só ajudou os artistas do período a pensarem seu lugar no contexto da produção daquele momento como também os incentivou a construir uma linha de interpretação da nossa história cultural



bem distinta da que prevalecia no debate intelectual até então. Utilizando uma ideia formulada pelo ensaísta, professor e poeta Ericson Pires em seu livro *Cidade Ocupada* (Hunter Books, 2007), poderíamos pensar essa outra linha de interpretação inspirada pela antropofagia oswaldiana sob a perspectiva de uma “tradição delirante”, pela qual poderíamos construir uma conexão que passa por Oswald, Flávio de Carvalho²⁷, pela poesia concreta, pelo teatro

26 Mario de Andrade (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaíma* foi publicado em 1928. (Nota da IHU On-Line)

27 Flávio de Carvalho é o nome artístico de Flavio Rezende de Carvalho (1899-1973): foi um dos grandes nomes da geração modernista brasileira, atuando como arquiteto, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo, músico e outros rótulos. (Nota da IHU On-Line)

Imagem: Divulgação documentário *Tropicália* (2012)

de Zé Celso Martinez Corrêa, pelo cinema novo e pelo cinema marginal, pela literatura de José Agrippino de Paula e de Jorge Mautner, pelas obras de Lygia Clark e Hélio Oiticica, pela poesia de Waly Salomão e Chacal²⁸. Essa “tradição delirante” seria marcada pela capacidade desses artistas de investir contra uma ideia conservadora de cultura brasileira sem, com isso, cair em um território de ruptura ou em uma postura iconoclasta perante os elementos constituintes da nossa tradição. Seria a capacidade de olhar a fresta, o desvio, o deslize, o entre-lugar e a diferença como traço decisivo para escaparmos de uma identidade cultural fixa, excludente e com baixa capacidade de afirmar a brasilidade como contágio e não como dado natural e estável.

Reforçar a necessidade de olharmos com mais rigor para essa inscrição da antropofagia oswaldiana sobre a produção desses artistas se faz urgente como defesa da força do conceito. O que vimos nos últimos anos é um trabalho vasto de diluição e fragilização do conceito como dispositivo capaz de instigar nosso olhar sobre a relação da nossa cultura como aquilo que nos é externo. Mas para não me alongar aqui diria que reler a formulação desse conceito na fonte, no próprio Oswald, seria o mais fundamental para reagirmos a essa diluição de sua força.

IHU On-Line – Em um sentido mais amplo, qual a importância da música como dispositivo de mediação política no Brasil?

Miguel Jost – Essa importância é tão absolutamente gigante que fica difícil escolher um caminho para abordá-la em poucas linhas. Como a provocação posta na pergunta foi sobre um sentido mais amplo dessa mediação, pode ser interessante falarmos sobre o papel da nossa música popular para consolidação da ideia de Brasil. E nessa direção precisamos falar, necessariamente, do papel do rádio como primeiro instrumento capaz de conectar esse país de dimensões continentais. O fato de sermos um país de baixíssimo letramento, no qual a prensa chegou com enorme atraso e no qual o incentivo ao ato de leitura jamais foi compartilhado pelo conjunto mais amplo da população, criou um cenário que deixou ao rádio o papel de apresentar o Brasil para o Brasil. Como nos explica o professor e ensaísta José Miguel Wisnik²⁹ o Brasil teria pulado da tradição oral para a tradição áudio/audiovisual, sem que vivêssemos a fase da difusão da letra e da leitura. Foi através do rádio, então, que estabilizamos o português falado no nosso território, que ouvimos os principais pronunciamentos políticos da república, que ouvimos as descrições sobre a geografia do país e que, principalmente, criamos uma ideia de cultura brasileira. E essa ideia, desde o início, esteve profundamente associada à nossa canção popular urbana.

28 Chacal, pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte (1951): poeta e letrista brasileiro. Foi um dos primeiros poetas da década de 1970 a se utilizar do mimeógrafo para divulgar sua poesia, com o livro *Muito Prazer* (1971/2), na companhia de Charles Peixoto, que editou *Travessa Bertalha 11*. Criou o Grupo Farani53 com poetas que se encontravam na biblioteca Machado de Assis em Botafogo. (Nota da IHU On-Line)

29 José Miguel Wisnik (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP. Graduado em Letras (Português), mestre e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Autor de *O Coro dos Contrários - a Música em Torno da Semana de 22 (Duas Cidades, 1977)*; *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira (Brasiliense, 1982)*; *O Som e o Sentido (Companhia das Letras, 1989)*; *Sem Receita - Ensaio e Canções (Publifolha, 2004)*; *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil (Companhia das Letras, 2008)*; *Machado Maxixe: O Caso Pestana (Publifolha, 2008)*. (Nota da IHU On-Line)

“Acho que aquilo que o torna único muda pouco: Caetano é uma tecnologia capaz de mixar os muitos brasis e torná-los um Brasil ao mesmo tempo muito forte e muito plural”

Foi através da nossa música que o brasileiro se reconheceu, se pensou, se descobriu e formou sua sensibilidade popular. Foi através da nossa música que o brasileiro se entendeu diverso, plural e potente.

Só esse papel determinante para nossa formação como sociedade já coloca nossa produção musical como elemento de uma centralidade ímpar no sentido político. A música no Brasil sempre foi um território de encontro dos brasileiros, de diálogo entre o que somos e o que desejamos ser, de formulação de uma utopia de país e de denúncia da realidade do país. Mas essa dimensão ainda seria mais amplificada pelo contexto que vivemos nos anos 1960, quando efetivamente se acreditou que o debate estético sobre a nossa canção popular poderia ser definidor do nosso futuro como país. Os acalorados debates entre os grupos do Centros Populares de Cultura - CPCs da União Nacional dos Estudantes - UNE, entre os intelectuais marxistas e os artistas tropicalistas eram observados como embates que determinariam o desenvolvimento da nossa sociedade e que iriam orientar um sentido de cultura brasileira na segunda metade do século passado. Foi a partir desse momento que os artistas da música popular passaram a ser interpelados e cobrados pelas mais diversas questões políticas e sociais que surgiam no país. Até então dificilmente você veria artistas da música sendo cobrados por darem opiniões sobre questões de direitos civis, direitos humanos, questões de política partidária e outras dessa natureza. Hoje, cerca de seis décadas depois, ainda é recorrente no Brasil a existência dessa cobrança por posicionamento e participação política de artistas da música.



IHU On-Line – Como compreender que Caetano, tão aberto e progressista, tenha apoiado um movimento que tentava barrar a publicação de biografias não autorizadas pelos biografados?

Miguel Jost – Eu não teria mais do que algumas poucas opiniões sobre isso. No geral, me parece, é possível que se trate pouco da liberdade e muito mais sobre o papel desses conteúdos no nosso ecossistema cultural. O Brasil tem pouca circulação de biografias muito mais por características do nosso consumo literário do que por censuras e proibições. Porém, naquele momento, era evidente que a ação no Supremo Tribunal Federal era bancada por uma indústria muito mais forte do que a das editoras de conteúdo impresso. O que se pretendia com aquela ação era a abertura de um novo mercado internacional para o audiovisual brasileiro. A partir da enorme força da nossa música, produtoras de cinema e televisão, pretendiam abrir um nicho muito valioso de produção para consumo interno e externo. Era isso que estava por trás daquela ação judicial e que Caetano, muito criterioso com o aspecto comercial de sua obra, se contrapôs. Eu acredito, mas talvez seja meu lado fã falando mais alto aqui, que se a ação representasse outra gama de interesses – mais conectados à pesquisa e salvaguarda de memória da cultura brasileira –, a postura de Caetano seria em outra direção.

De qualquer maneira, me parece perigoso, em um ambiente tão repleto de controvérsias comerciais como é o ambiente da indústria cultural brasileira, contrapor uma obra aberta e progressista à defesa dos interesses econômicos do autor. Não sei se estamos sendo justos nessa oposição. O mercado tem interesses que justificam uma postura conservadora em disputas dessa natureza. Eu não vejo uma contradição nesse caso. De forma alguma acho que seja sobre ser a favor ou contra as biografias não autorizadas.

IHU On-Line – Olhando em perspectiva, quais são as principais semelhanças e diferenças entre o Caetano dos anos 1960/1970 e o Caetano do século XXI, seja do ponto de vista artístico, seja do ponto de vista político?

Miguel Jost – Acho que aquilo que o torna único muda pouco: Caetano é uma tecnologia capaz de mixar os muitos brasis e torná-los um Brasil ao mesmo tempo muito forte e muito plural. Leblon e Pernambuco, revólver e coqueiro, dinheiro e paixão, descanso e desejo, romântico e burguês, eunuco e garanhão, cowboy e chinês, lar e revolução, quaresma e fevereiro. Bruta flor do querer.

Abrir horizontes ricos e diversos em meio ao conservadorismo grotesco da direita brasileira

Adalberto Müller analisa a obra de Caetano Veloso e de como sua construção se constitui em um exercício constante e ininterrupto de busca de saídas para um Brasil além da barbárie conservadora

Ricardo Machado

Caetano Veloso é um fazedor de mundos, é um artista cuja obra aponta para saídas. “Existem pessoas que apontam para problemas do Brasil, como, por exemplo, em termos de arte, é o caso de Machado de Assis, de Graciliano Ramos, mas outras apontam para saídas, como é o caso de Guimarães Rosa, de Clarice Lispector e de Caetano Veloso”, propõe o professor e pesquisador **Adalberto Müller**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Esta vocação cultural do Brasil, de pensar saídas para a miséria material resultante da desigualdade brasileira, que está expressa na obra do artista, tem sua contraposição no desejo conservador da direita brasileira, que sempre que se sente acuada recorre aos cães de guarda verde-oliva. “Se olharmos para nossa história, veremos que toda vez que o Brasil está se encaminhando para uma refundação, de questionar as bases que dão vazão à desigualdade, a direita brasileira chama os seus cachorros, seus cães de guarda, que são os militares. As Forças Armadas do Brasil não têm uma tradição de guerra; militar no Brasil é praticamente um inútil dentro do cenário global”, avalia.

Por outro lado, quando, em meio à quarentena da Covid-19, propõe uma live, ele retoma esse espírito utópico. “Na live que Caetano fez com os filhos, do disco *Ofertório*, ele aponta para um caminho de repensar a família a partir do tempo que a gente vive. É uma família ao inverso da família do Bolsonaro. A família que Caetano Veloso apresenta no *Ofertório* é uma família que faz brilhar, pensando que gente é feita para brilhar. Do outro lado o que existe é uma quadrilha-família, uma ‘fadriilha’, uma família de destruição, ligada às milícias e a figuras muito sombrias”, pondera Müller.



Adalberto Müller é escritor e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense - UFF. Foi professor-pesquisador visitante nas Universidades de Münster, Lyon², Yale e Buffalo (SUNY). Dentre suas diversas publicações destacamos *Transplantações: do jardim da minha mãe* (Para.Texto, 2019); *O traço do calígrafo: contos* (Medusa, 2020); *Walter Benjamin: Sobre o Conceito de História* (com Márcio Seligmann-Silva, Ed. Alameda, 2020); *Emily Dickinson: Poesia Completa* (Editora da UnB/Editora da Unicamp, 2020).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como arte e vida social são dimensões dialéticas (ou dialógicas) que se coproduzem reciprocamente?

Adalberto Müller - Essa pergunta é muito complexa. A melhor maneira de resolver isso é de forma dialética, ou seja, a arte está inserida na vida social, tanto quanto a vida social está inserida na arte. A questão é saber a proporção em que isso ocorre, porque tem artistas que evitam a todo custo e fazem um esforço para se isolar, destacar-se do conjunto da vida social e observar a partir de fora; e há artistas que decidem participar, fazer com que suas obras sejam participantes. A arte engajada, como dizemos dentro da teoria marxiana, é aquela que quer participar da vida social diretamente. Mas há os que não fazem isso, e, como Emily Dickinson¹, preferem escrever para si mesmo ou para um grupo seletivo de correspondentes. É, também o caso de Kafka² ou Robert Walser³ e muitos outros autores que se isolaram. Porém, em se tratando da canção popular a questão é mais complexa, porque a relação entre a arte e a vida social é mediada pela indústria cultural e aí temos um outro fator importante de mediação.

A literatura também é mediada por editoras, por críticos, jornais. Assim, a mediação com a sociedade se dá pela indústria cultural, essa coisa monstruosa, sobretudo no Brasil, que é um país que conseguiu consolidar uma relação

¹ A mais importante poeta americana, Dickinson (1830-1886) jamais publicou sua poesia em vida. Adalberto Müller traduziu *Poesia Completa de Emily Dickinson* (Editora UnB/Editora Unicamp, 2020). (Nota da IHU On-Line)

² Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo "kafkiano" popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

³ Robert Walser (1878-1956): foi um escritor suíço de língua alemã, admirado por autores como Kafka, Musil, Sebald, Jelinek, Coetzee, Vila-Matas, entre outros. Escreveu nove romances, dos quais restam quatro, além de mais de mil contos. A sua obra encontra-se traduzida em mais de trinta línguas - em praticamente todas as línguas europeias, como ainda em mandarim, japonês e português do Brasil. (Nota da IHU On-Line)



forte com a indústria cultural. Isso é muito mais forte do que em muitos países que se submetem de maneira muito dócil à indústria cultural. A canção brasileira tem uma relação muito intensa com a indústria cultural a ponto de ser um dos principais mercados fonográficos do mundo. Isso é incomum em muitos países europeus, por exemplo, em que a música popular não tem essa presença tão forte como tem no Brasil.

IHU On-Line – Neste sentido, como a obra artística de Caetano Veloso se mistura à história política do Brasil da segunda metade do século XX até os dias atuais?

Adalberto Müller – Caetano Veloso se insere em um momento cultural muito importante da cultura brasileira. Do ponto de vista da arte brasileira, o tropicalismo é um desdobramento do modernismo de 1922 e talvez seja o último grande movimento de vanguarda do modernismo. Em termos de impacto, o tropicalismo é o último filho da Semana de Arte de 1922. O tropicalismo e Caetano Veloso estão inseridos dentro do contexto da ditadura militar, em um momento de retrocesso político, de tortura, de lágrimas, separações, de exílio, um momento de violência estatal. Trata-se de um momento de exceção, de um Estado de Exceção, como diria Benjamin⁴. No caso do Caetano Veloso vale a pena destacar que ele faz parte, na canção popular brasileira, de uma tradição de compositores e intérpretes de grande talento, como Lupicínio Rodrigues⁵, Noel Rosa⁶, Dorival Caymmi⁷, Chico Buarque⁸ e

4 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como Quadros parisienses, de Charles Baudelaire, e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936), Teses sobre o conceito de história (1940) e a monumental e inacabada Paris, capital do século XIX, enquanto A tarefa do tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista Walter Benjamin e o império do instante, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

5 Lupicínio Rodrigues (1914-1974): foi um cantor e compositor brasileiro. Lupi, como era chamado desde pequeno, compôs marchinhas de carnaval e sambas-canção, músicas que expressam muito sentimento, principalmente a melancolia por um amor perdido. Foi o inventor do termo dor-de-cotovelo, que se refere à prática de quem crava os cotovelos em um balcão ou mesa de bar, pede um uísque duplo, e chora pela perda da pessoa amada. Constantemente abandonado pelas mulheres, Lupicínio buscou em sua própria vida a inspiração para suas canções, onde a traição e o amor andavam sempre juntos. É o compositor do Hino do Grêmio. (Nota da IHU On-Line)

6 Noel de Medeiros Rosa – Noel Rosa (1910-1937): sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. Teve contribuição fundamental na legitimação do samba de morro e no "asfalto", ou seja, entre a classe média e o rádio, principal meio de comunicação em sua época - fato de grande importância, não só o samba, mas a história da música popular brasileira. (Nota da IHU On-Line)

7 Dorival Caymmi (1914-2008): cantor, compositor, violonista, pintor e ator brasileiro. Compôs inspirado pelos hábitos, costumes e as tradições do povo baiano. Tendo como forte influência a música negra, desenvolveu um estilo pessoal de compor e cantar, demonstrando espontaneidade nos versos, sensualidade e riqueza melódica. Poeta popular, compôs obras com Saudade de Bahia, Samba da minha Terra, Doralice, Marina, Modinha para Gabriela, Maracangalha, Saudade de Itapuã, O Dengo que a Negra Tem, Rosa Morena. (Nota da IHU On-Line)

8 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A banda. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com Estorvo, e o de Livro do Ano com Budapeste, lançado em 2004, e Leite Derramado, em 2010. (Nota da IHU On-Line)



Gilberto Gil⁹, entre outros. Trata-se de uma tradição de compositores que trabalharam com a indústria cultural, mas não somente com a indústria fonográfica, mas também com todos os segmentos da indústria cultural, com o rádio no momento do surgimento do samba, com as gravadoras e a televisão. Com a televisão houve um momento muito forte de intensificação da relação entre a canção popular e esse novo meio. Caetano Veloso e Gilberto Gil foram os que melhor souberam tensionar essa relação com a televisão. O próprio Caetano tem várias canções sobre a TV, como Santa Clara padroeira da televisão, e Os meninos dançam (de Cinema transcendental), por exemplo. Ele e Gil têm a consciência de que o “novo” meio e as aparições deles em festivais era importante e, com isso, estabelecem um novo paradigma de relação com a indústria. Caetano Veloso ao atualizar essa relação da canção popular com os meios massivos foi muito criticado. Havia uma geração que criticava a televisão, uma geração de intelectuais de formação francesa, sobretudo, que não tinha televisão em casa e que eram absolutamente contra a televisão. Até hoje Caetano Veloso e Gilberto Gil sabem dialogar com os novos meios, as chamadas novas mídias.

Do ponto de vista da relação com o mundo político, da vida política na ditadura militar, Caetano Veloso soube elaborar uma forma nova de resistência, e não uma resistência que se engaja com os movimentos sociais. Ele sempre evitou o engajamento com movimentos sociais e seguiu um pouco a vertente do Bob Dylan¹⁰, participando de modo eventual em alguns movimentos. Nunca foi adepto de uma arte engajada e participante, mas, antes, de uma arte que se engaja nela mesma e procura produzir engajamento dentro dela mesma. Hoje, quando as pessoas cantam em manifestações – e eu estive nas últimas manifes-

9 Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas, Procissão e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicália, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de Word Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cray (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. Sobre Gil e Caetano, a IHU On-Line dedicou um tema de capa especial na edição 476, intitulada Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só, publicada em 03/11/2015, disponível em <https://bit.ly/3rKoyzm>. (Nota da IHU On-Line)

10 Bob Dylan (1941): (nome artístico de Robert Allen Zimmerman), é um cantor e compositor norte-americano de música Folk dono de uma extensa discografia. Em 2004, foi eleito pela renomada revista Rolling Stone o 7º maior cantor de todos os tempos e, pela mesma revista, o 2º melhor artista da música de todos os tempos, ficando atrás somente dos Beatles, e uma de suas principais canções, Like a Rolling Stone, foi escolhida como uma das melhores de todos os tempos. Influenciou diretamente grandes nomes do rock americano e britânico dos anos de 1960 e 1970. Em 2012, Dylan foi condecorado com a Medalha Presidencial da Liberdade pelo presidente dos Estados Unidos Barack Obama. (Nota da IHU On-Line)



tações –, elas cantam “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte” (Divino Maravilhoso), e outras canções das décadas de 1960 e 1970. É preciso entender que essas músicas não eram entendidas, tal como Alegria, alegria, como expressões de resistência à ditadura, mas como formas alienadas de arte e, até mesmo, como entrega ao capital internacional.

Caetano foi acusado de ser um alienado político, mas quando a gente examina hoje as canções do Tropicalismo percebemos que, em Baby, por exemplo, não se trata de incentivar a beber Coca-Cola, mas de mostrar o que é o mundo da publicidade, o mundo da televisão, o mundo da sociedade de consumo. Depois Os Mutantes vão gravar e tudo então se transforma em uma arte engajada não só enquanto sociedade civil, mas também engajada com a transformação da indústria cultural e que se faz por dentro. Esse tipo de coisa é o que os marxistas mais ortodoxos não concordam e alegam que todo o produto da indústria cultural é produto do capital e, portanto, não é humanizador. Então o que Caetano faz a partir de 1960 é elaborar uma nova forma de resistência.

IHU On-Line – Como a conjuntura política do Brasil, especialmente do final dos anos 1960 – com o AI-5 – e dos anos 1970, impactaram a obra de Caetano Veloso?

Adalberto Müller – Essa relação do Caetano com o AI-5 e a ditadura militar foi tema de grandes controvérsias, que depois foram retomadas com a publicação do Verdade tropical (São Paulo: Companhia da Letras, 1997), sobretudo com aquele debate com Roberto Schwarz sobre cultura e política de 1964 a 1968, em que Schwarz fazia uma crítica dura ao movimento tropicalista por um certo alinhamento do movimento a algumas ideias ou tendências do capitalismo. Isso tinha a ver com o fato de que a ditadura era o braço de ferro do capitalismo brasileiro. Essa é uma controvérsia longa e não podemos resolver agora, o que me interessa é pensar como Caetano respondeu a isso.

No episódio da prisão de Caetano, mas antes também no modo como o artista vinha respondendo individualmente e coletivamente ao regime, com o tropicalismo, a forma como ele reage à truculência dos militares tem a ver com o modo como o artista se relaciona com a vida social e com a vida política. Existem modos mais engajados, mais explícitos, mas não é o caso de Caetano; embora ele sempre tenha se manifestado explicitamente contra o fascismo. É o caso do Caetano Veloso e de um “certo” Chico Buarque, pois não é toda a obra de Chico que é engajada, uma vez que nesse período ele tem canções sentimentais e canções que falam de relacionamentos afetivos que nada têm a ver com a ditadura militar.

Muitas das canções do Caetano não são engajadas porque estão preocupadas com um diálogo com a tradição do Noel Rosa, do Lupicínio etc. Enquanto você pensa, por exemplo, no engajamento do Geral-



do Vandr ¹¹, um dos compositores que escreveu explicitamente sobre a ditadura e cuja can o se transformou em um hino, há outros que se colocaram explicitamente contra a ditadura, mas nem sempre as can es são diretamente sobre a ditadura militar.

Caetano, nesse sentido, deve ser visto em dois momentos: um que antecede o AI-5, e outro logo depois da prisão dele. Trata-se de dois momentos-chave para se entender Caetano Veloso e cada um deles tem uma especificidade, uma característica própria. Então, quando se fala do modo como ele se relaciona e se posiciona em rela o aos anos de chumbo   preciso separar esses dois momentos.

Antes e depois do AI-5

No momento que antecede o AI-5,   preciso considerar o Caetano do primeiro  lbum, Domingo, e depois com Tropicália ou panis et circenses, que na essência   o Caetano dos festivais, um Caetano que está extremamente preocupado com questões que dizem respeito primordialmente ao que se pode chamar de uma trajetória ligada   história da can o no Brasil. Ele   um artista extremamente consciente da sua arte, e   preciso sempre lembrar disso. Nesse sentido   similar a João Cabral de Melo Neto¹², Augusto de Campos¹³ ou Clarice Lispector¹⁴. A crítica que ele faz tem a ver com o posicionamento dele com a evolu o histórica da música popular brasileira. Para ele, a contribui o da bossa nova para a música brasileira era inquestionável e não havia como voltar atrás, pois a considerava o “modernismo” do samba, constituin-

11 Geraldo Vandr  (1935): nome artístico de Geraldo Pedroso de Araújo Dias,   um cantor, compositor e violonista nascido em João Pessoa (PB), conhecido por ser um dos nomes mais célebres da música popular brasileira. Seu sobrenome   uma abreviatura do sobrenome do seu pai, José Vandreg silo. Em 1968, participou do 3  Festival Internacional da Can o com Pra não dizer que não falei das flores, muitas vezes chamada de Caminhando e cantando. A composi o, que foi censurada, se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposi o   ditadura militar. (Nota da IHU On-Line)

12 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor est tico, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edi o 310 da Revista IHU On-Line, de 5-10-2009, intitulada A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto, disponível para download em <https://bit.ly/2oHHiQt>. Na edi o 499 da revista IHU On-Line foi publicado um dossiê sobre a obra de João Cabral de Melo Neto, disponível em <http://bit.ly/2wZeOUd>. (Nota da IHU On-Line)

13 Augusto de Campos (1931): tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música nascido em São Paulo. Publicou em 1951 seu primeiro livro de poemas, O rei menos o reino. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, iniciou o movimento da poesia concreta no Brasil, lançou a revista literária Noigandres, origem do grupo Noigandres. Em 1955, no segundo número da revista, publicou uma série de poemas em cores, Poetamos, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. Em 1956, participou da organiza o da Primeira Exposi o Nacional de Arte Concreta (Artes Plásticas e Poesia), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua obra veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras, bem como em antologias internacionais. A maioria dos seus poemas acha-se reunida em Viva Vaia (1979), Despoesia (1994) e Não (2003). Outras obras importantes são Poem biles (1974) e Caixa Preta (1975), cole es de poemas-objetos em colabora o com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro Não poemas (2003) recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Funda o Biblioteca Nacional. (Nota da IHU On-Line)

14 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, Perto do cora o selvagem. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso   A hora da estrela, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edi o 228 da IHU On-Line, de 16-7-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>. E a edi o Clarice Lispector. Uma literatura encravada na mística publicada em 5 de abril de 2021, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/547>. (Nota da IHU On-Line)



do como vanguarda. Tratava-se de um movimento que reestruturou as formas melódicas e rítmicas do samba – o samba dentro de um projeto estético, e o João Gilberto tinha um projeto estético para sua música, equivalente ao projeto estético arquitetônico e urbanístico de Brasília. É um projeto de reformulação de padrões rítmicos, de relação entre voz e instrumento, de impostação da voz. João Gilberto representa uma ruptura em relação àquela tradição do samba, mas, ao mesmo tempo, é uma tradição que nunca deixou de existir em função da bossa nova. Caetano entendeu isso e ao mesmo tempo entendeu que o projeto da bossa nova não acompanhava mais as mudanças do rock'n roll, as grandes mudanças da contracultura dos anos 1960, que reformulou todas as tradições nacionais, inclusive com a introdução da guitarra elétrica e do iê iê iê, com uma música cada vez mais eletrônica, e cada vez mais de amplificação sonora. Ele tinha consciência de que a bossa nova representava uma revolução estética nos anos 1950; no entanto, não dava mais conta daquilo que o ouvinte exigia em termos de modificação de estruturas sonoras na canção brasileira. Ele via Os Mutantes como uma possibilidade de revolução e, até mesmo, o próprio Roberto Carlos como o nascimento do rock brasileiro e de transformação histórica.

Os nacionalistas da canção não aceitavam o iê iê iê, não aceitavam a guitarra elétrica, não aceitavam essa transformação da canção popular porque acreditavam que ela era fruto da intromissão da indústria cultural. Hoje é impensável considerar isso, mas havia movimentos contra a guitarra elétrica, até entre os intelectuais brasileiros, que, paradoxalmente, ouviam e gostavam dos Beatles¹⁵ ou dos Stones¹⁶; gostavam dos Stones, mas não admitiam que a canção brasileira pudesse usar guitarra elétrica. Caetano vai ser atacado por gente que vai ver nele uma espécie de representante do capitalismo americano e vai identificá-lo com a direita, jogando-o para uma posição de conservador.

Caetano desde cedo tem uma certa relação com algumas ideias do liberalismo e sempre se aproximou muito mais de certas tendências liberais no pensamento político. Era mais inclinado a pensadores que eram livres, como Nietzsche, e, por exemplo, não estava diretamente alinhado a uma leitura do Capital que a esquerda fazia na década de 1960. Caetano sempre foi mais um livre pensador intelectual, que flutuava um pouco na leitura de vários filósofos que não eram os do programa Universidade de São Paulo - USP, não era, digamos assim, um

15 The Beatles: banda de rock inglesa, criada no final da década de 1950. Formada por John Lennon (guitarra e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal), George Harrison (guitarra e vocal) e Ringo Star (bateria e vocal), é o grupo musical considerado mais bem-sucedido e aclamado da história da música popular. Enraizada do skiffle e do rock'and'roll da década de 1950, a banda veio mais tarde a assumir diversos gêneros que vão do folk rock ao rock psicodélico, muitas vezes incorporando elementos da música clássica e outros, em formas inovadoras e criativas. Sua crescente popularidade, que a imprensa britânica chamava de "Beatlemania", fez com que eles crescessem em sofisticação. Os Beatles vieram a ser percebidos como a encarnação de ideais progressistas e sua influência se estendeu até as revoluções sociais e culturais da década de 1960. (Nota da IHU On-Line)

16 Rolling Stones: banda de rock inglesa formada em 1962, e que está entre as bandas mais antigas ainda em atividade. Ao lado dos Beatles, foram a banda mais importante da chamada "Invasão Britânica", ocorrida nos anos 1960, que adicionou diversos artistas ingleses nas paradas norte-americanas. Formado por Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Bill Wyman e Charlie Watts, o grupo calcava sua sonoridade no blues, e surgiu como uma opção mais malvada aos bem-comportados Beatles. (Nota da IHU On-Line)



leitor de Adorno¹⁷, não era um leitor de Marx¹⁸. Eu acredito que Caetano Veloso sempre teve uma postura contestatória, tanto que há pouco tempo ele passou a fazer uma releitura do estalinismo e de certas ideias do comunismo, embora nada disso impeça que ele mude de opinião de uma hora para outra.

O Caetano artista mantém uma linha de investigação da evolução histórica da canção popular brasileira, ele é alguém que experimenta e não à toa vai se aproximar, por exemplo, de Augusto de Campos. Está muito mais na linha da experimentação e por isso foi visto como um alienado, como alguém que não se engajava nos atos políticos e tudo isso vai se expressar no que ele faz no disco *Tropicália*, no modo como ele reutiliza certos episódios da canção brasileira, como *Coração materno*, de Vicente Celestino. Há um rearranjo completo por trás daquela canção dramatizada por Caetano, que pega uma canção brega e de repente se transforma um pouco numa alegoria de alguém que arranca o coração da mãe e entrega para a namorada. É mais ou menos como a história do Brasil, em que arrancaram o coração da pátria e entregaram para o capital internacional. Essa é uma forma de ler essa canção, como também se podem ler muitas músicas da *Tropicália*, em uma clave alegórica presente em muitas canções.

IHU On-Line – Em linhas gerais, como podemos descrever a relação artística, mas sobretudo desde sua perspectiva política, de Caetano com os anos de chumbo no Brasil?

Adalberto Müller – É importante lermos esse tema a partir de dois momentos, que é o fato de sua prisão e a releitura em *Verdade tropical*. Caetano foi preso e sofreu uma tortura psicológica terrível, pois além de encarcerado foi segregado e tratado de forma diferente dos intelectuais brancos que tinham curso superior. Caetano não tinha graduação e foi colocado nas piores condições possíveis, nas piores celas, nos piores espaços e ao mesmo tempo foi objeto de uma desconfiança e tortura psicológica terrível. Depois dos meses em que ficou preso, e isso tudo ele relata muito bem, ele vai ressurgir como um Caetano quebrado psicologicamente, sai da prisão praticamente tímido e mais voltado para a canção de consumo. Em Londres é outra fase e, quando retorna, retorna muito pouco preocupado com engajamento político

17 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

18 Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173IFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista IHU On-Line, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise*. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam*, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da IHU On-Line, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista IHU On-Line, edição 525, intitulada *Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões*, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador, está disponível em ihuonline.unisinos.br/edicao/525. (Nota da IHU On-Line)



“Essa relação do Caetano com o AI-5 e a ditadura militar foi tema de grandes controvérsias, que depois foram retomadas com a publicação do Verdade tropical”

e vai seguir uma carreira que vai cada vez mais em direção à experimentação e também a uma tentativa de dialogar com um público mais amplo. Nos anos 1980 Caetano experimenta dialogar com o rock que estava sendo feito. Nesta época ele faz dois discos sublimes, *Uns* (1983) e *Estrangeiro* (1989). Ele traz um projeto de música bem experimental, ligado a uma espécie de rock universal, mas agregando a experiência musical brasileira, a música afro-brasileira, a música do candomblé, e esses elementos se tornam cada vez mais fundamentais. Trata-se de uma espécie de fusão rock-jazz, fusão com essa música de raiz, ultrapassando uma preocupação exclusivamente ligada à relação rock-samba e migrando para uma música muito marcada pela presença desses elementos brasileiros com experimentações percussivas importantes.

Tudo isso surge depois da prisão, de modo que ele vai estar muito menos preocupado com um posicionamento antiditadura e vai mergulhar mesmo na experimentação que ele produz desde o disco *Araçá azul* (1973). O disco é um fracasso de vendas, mas é um disco em que ele vai se posicionar pela primeira vez claramente como artista e vai dizer que a música brasileira precisa abrir espaço para experimentação, sem que fique restrito nem ao samba, nem à bossa nova, incorporando elementos do rock e da música afro. Este é um aspecto fundamental desse Caetano que surge depois da experiência da prisão. Eu acho que ele entende e fica muito claro para ele o que significa a liberdade do artista, que o caminho da liberdade é, sim, o mais importante para um artista. Essa liberdade pode não ser o mais importante para um político e vemos que muitos dos artistas políticos de sua geração desapareceram ou ficaram presos àquela época. Evidentemente que cumpriram o seu papel como cidadãos, mas deixaram de cumprir o seu papel enquanto artistas, que é essa busca pela liberdade de expressão absoluta, da criação absoluta.

IHU On-Line – Em 1991, dois anos depois da queda do Muro de Berlim, Caetano lança a música *Fora da ordem*. Em um trecho ele canta “Aqui tudo parece/ Que era ainda construção / E já é ruína”. O que o excerto fala sobre o Brasil do final dos anos 1980 e início dos anos 1990?

Adalberto Müller – É preciso pensar o cotexto e o contexto desta canção. Em primeiro lugar vou falar do cotexto. No disco *Circuladô* (1991) ele recupera essa vertente mais investigativa e mais vanguardista, tal como fez no *Araçá azul*, e dialoga não somente com as van-

guardas do concretismo e com Haroldo de Campos¹⁹, mas também com Oswald de Andrade. No Araçá azul tem aquela canção linda, Gilberto misterioso – “Gil engendra em Gil rouxinol” –, em que há a presença desse caráter inventivo. No Circuladô há uma tentativa de recriar e refazer o mundo pela arte, uma ideia romântica, mas aquela do romantismo alemão, do romantismo inglês, própria do surgimento da modernidade em que a dor se torna uma fazedora de mundos. As “soluções” propostas por Caetano vão em outro sentido, naquilo que está além da bossa nova e também além da questão da eletrificação do samba. É uma música pop com rock’n’roll e com a incorporação de elementos da música de vanguarda, entendida como a continuação do que a gente chama de música clássica, aquela que entra em crise depois de Wagner²⁰, depois de Mahler²¹ e que vai dar origem à música dodecafônica e serial.

As canções Fora da ordem e Cu do mundo deixam muito claro um posicionamento. Cu do mundo em relação ao ressentimento e ódio no Brasil, que a gente está vendo novamente, que está de certo modo arraigado na classe média brasileira. O modo como o compositor fala do linchamento hoje se manifesta no desejo da classe média de matar todos os pretos, favelados, fazendo aquilo que Witzel²²

19 Haroldo de Campos (1929-2003): poeta e tradutor nascido em São Paulo. Fez seus estudos secundários no Colégio São Bento, onde aprendeu os primeiros idiomas estrangeiros, como latim, inglês, espanhol e francês. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no final da década de 1940, lançando seu primeiro livro, O Auto do Possesso, em 1949, quando participava do Clube de Poesia, ao lado de Décio Pignatari. Em 1952, Décio, Haroldo e seu irmão Augusto de Campos rompem com o Clube, por divergirem quanto ao conservadorismo predominante entre os poetas, conhecidos como Geração de 45. Fundam, então, o grupo Noigandres, passando a publicar poemas na revista do grupo, de mesmo título. Nos anos seguintes, defendeu as teses que levariam os três a inaugurar, em 1956, o movimento concretista, ao qual se manteve fiel até o ano de 1963, quando inaugura um trajeto particular, centrando suas atenções no projeto do livro-poema Galáxias. Fez o doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob orientação de Antonio Candido, tendo sido professor da PUC-SP, bem como na Universidade do Texas, em Austin. Haroldo dirigiu até o final de sua vida a coleção Signos, da Editora Perspectiva. “Transcriou” em português poemas de autores como Homero, Dante, Mallarmé, Goethe, Mayakovski, além de textos bíblicos, como o Gênesis e o Eclesiastes. Publicou, ainda, numerosos ensaios de teoria literária, entre eles A Arte no Horizonte do Provável (1969). No teatro, suas obras foram interpretadas, com exclusividade, por três atores: Giulia Gam (1989, Cena da Origem, direção de Bia Lessa), Bete Coelho (1997, Graal: Retrato de um Fausto Quando Jovem, de Gerald Thomas) e Luiz Päetow (2015, Puzzle, de Felipe Hirsch). Pouco antes de falecer, publicou sua transcrição em português da Ilíada, de Homero. (Nota da IHU On-Line)

20 Richard Wagner (1813-1883): compositor alemão, considerado como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do Anel dos Nibelungos, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Büllow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da IHU On-Line)

21 Gustav Mahler (1860-1911): foi um regente e compositor checo-austriaco de origem judaica. Atualmente, Mahler é visto como um dos maiores compositores do período romântico, responsável por estabelecer uma ponte entre a música do século XIX com a do período moderno e por suas grandes sinfonias e ciclo de canções sinfônicas, como, por exemplo, Das Lied von der Erde (A Canção da Terra). É considerado também um exímio orquestrador, por usar combinações de instrumentos e timbres que pudessem expressar suas intenções de forma extremamente criativa, original e profunda. Suas obras (principalmente as sinfonias) são geralmente extensas e com orquestração variada e numerosa. Mahler procura romper os limites da tonalidade, pois que em muitas de suas obras há longos trechos que parecem não estar em tom algum. Outra característica marcante das obras de Mahler é um certo caráter sombrio, algumas vezes ligado ao funesto. (Nota da IHU On-Line)

22 Wilson José Witzel (1968): é um advogado, ex-magistrado e político brasileiro, filiado ao Partido Social Cristão (PSC). Foi governador do Rio de Janeiro de 1 de janeiro de 2019 até seu impeachment em 30 de abril de 2021. (Nota da IHU On-Line)



transformou em prática no Rio de Janeiro. Essa mentalidade tem gerado o extermínio, o genocídio, e isso é o “cu do mundo”.

A canção Fora da ordem pensa o Brasil em sentido geral, político, no contexto da queda do muro de Berlim, que para a direita simbolizou o triunfo do capitalismo e que gerou uma utopia de que o capitalismo seria a única ordem econômica possível. Mas Caetano é crítico em relação a isso, o que também significa duas coisas: 1) a nova ordem enquanto uma tendência reacionária surgida nos Estados Unidos, a “new order”. Isto é, a recusa da globalização, que acaba ressurgindo com Trump e os movimentos antiglobalização; e 2) a nova ordem imposta pelo consenso de Washington, que significava a imposição aos países em desenvolvimento, sobretudo ao Brasil, de políticas de corte de investimento em políticas públicas, da diminuição do papel do Estado, sobretudo em saúde e educação, que é a galinha dos ovos de ouro cobiçada pelo capitalismo. O capital internacional quer se apropriar de sistemas de saúde e educação, que são extremamente rentáveis do ponto de vista econômico para as grandes multinacionais, e as universidades brasileiras resistem a esse ataque que vem sendo feito desde os anos 1990.

O governo militar termina com uma grande derrota das ideias liberais de Delfim Netto²³, com uma máxi desvalorização cambial, uma terrível inflação em que as pessoas usavam malas de dinheiro para ir ao supermercado. Isso significa que o governo militar deu errado, fez uma política econômica liberal totalmente fracassada. Então, no começo dos anos 1990, quando Caetano lança Circuladô e a canção Fora da ordem, isso tem a ver com todo esse contexto. Quando ele fala que essa nova ordem está mostrando o menino pobre com o cano do revólver na boca, o Pixote, está mostrando a miséria nas ruas, a continuação de um regime de exploração, a continuação de um regime de segregação social, a falta de distribuição de renda e que leva fatalmente a um fracasso econômico, fala da situação de dependência externa, que é similar à situação em que nos encontramos hoje, de dependência eterna do capital financeiro internacional. É por isso que qualquer coisa sobe os preços das coisas, a gente nunca consegue se livrar da influência do capital externo sobre as nossas vidas.

O que a canção do Caetano propõe é uma “contraordem”, o yanomami na floresta, o samba, o afro, numa ideia síntese que vem a partir da música e a partir de movimentos minoritários, apontando para uma questão ambiental, ecológica, biopolítica, discutidas também por Fou-

23 Antônio Delfim Netto (1928): economista, professor universitário e político nascido em São Paulo (SP). Foi membro da equipe de planejamento do governo paulista de Carlos Alberto de Carvalho Pinto em 1959, do Conselho Consultivo de Planejamento (Consplan), órgão de assessoria à política econômica do governo Castelo Branco em 1965, e do Conselho Nacional de Economia no mesmo ano. Foi secretário de Fazenda do governo paulista de Laudo Natel nos anos de 1966 e 1967, nomeado ministro da Fazenda nos anos de 1967 a 1974 e embaixador do Brasil na França entre 1974 e 1978, nomeado ministro da Agricultura em 1979 e do Planejamento de 1979 a 1985. Deputado constituinte por São Paulo de 1987 a 1988 e deputado federal por São Paulo desde 1988. Em junho de 2016, foi intimado pela Polícia Federal, pela delegada da Operação Lava Jato, para prestar esclarecimentos aos investigadores sobre por que recebeu, segundo seu sobrinho, R\$ 240 mil em dinheiro vivo entregues pelo “departamento de propina” da maior empreiteira do país em 22 de outubro de 2014 no escritório do advogado e sobrinho do ex-ministro Luiz Apollonio Neto, na capital paulista. (Nota da IHU On-Line)

“Caetano foi preso e sofreu uma tortura psicológica terrível, pois além de encarcerado foi segregado e tratado de forma diferente dos intelectuais brancos que tinham curso superior”

cault²⁴ e Deleuze²⁵. Caetano está propondo novas formas de pensar esses dilemas, novos caminhos, afirmando (na canção Nu Com a Minha Música) “Vejo uma trilha clara pro meu Brasil, apesar da dor”.

Caetano vai aumentando incrivelmente o repertório de possibilidades da canção brasileira. Quando ele faz Circuladô cria novos caminhos para a música brasileira. É por isso que temos que ver Caetano não só como um grande compositor, mas como um grande intérprete e crítico da canção brasileira, alguém que pensa profundamente o Brasil na sua relação com a história e, ao mesmo tempo, na projeção de um futuro. É isso que ele pode fazer enquanto cidadão, ao passo que outras pessoas vão pegar em armas ou entrar mais diretamente na luta política, nas eleições. Caetano se dedica a pensar nossa imaginação política a partir da música, daquilo que a gente pode ser enquanto nação, enquanto pessoas capazes de criar coisas. Ele projeta um futuro para o Brasil.

24 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

25 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Que questões políticas passam a aparecer na produção artística de Caetano a partir dos anos 2000?

Adalberto Müller – Caetano dos anos 2000 é o da conjuntura dos governos Lula²⁶ e Dilma²⁷, mas para entendê-lo é preciso levar em conta a fase de internacionalização dos anos 1990. O artista caminha *pari passu* com a internacionalização do governo Fernando Henrique Cardoso²⁸, com o modo de inserção do Brasil no contexto global cada vez mais forte. Uma série de diplomatas com atuação forte do Itamaraty nos anos 1990 e 2000, especialmente Celso Amorim, colocam o Brasil com um papel único no cenário mundial, o que ocorreu poucas vezes com o país sendo protagonista.

Caetano está se internacionalizando com seus dois discos latinos – *Noites do Norte* (2000) e *Livro* (1997) –, com os quais ganhou o Grammy. Ele havia gravado *Fina estampa* (1994), só com músicas latinas, e dez anos depois *A Foreign Sound* (2004), com músicas em inglês e com colaboração do Jaques Morelenbaum. Caetano se dedica ao mundo latino, com que ele tinha conexões desde o início lá no tropicalismo, quando gravou *Soy loco por ti América*, de modo que ao mesmo tempo que se internacionaliza abraça a América Latina, que é um universo no qual estamos tão distanciados, afinal o Brasil é quase uma ilha no continente.

26 Luiz Inácio Lula da Silva (1945): Trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal na Superintendência do órgão em Curitiba. Em novembro de 2019, Lula foi solto um dia após o STF decidir que a execução da pena só deveria ocorrer com o trânsito em julgado da sentença. Em março de 2021, recuperou seus direitos políticos diante da decisão do ministro Edson Fachin, do STF, de anular suas condenações na Lava Jato, uma vez que este considerou a Justiça Federal do Paraná incompetente para julgá-lo. Também em março de 2021, o STF considerou que o juiz Sergio Moro agira com parcialidade, anulando todos os seus atos no processo. (Nota da IHU On-Line)

27 Dilma Rousseff (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT, eleita duas vezes presidente do Brasil. Seu primeiro mandato iniciou-se em 2011 e o segundo foi interrompido em 31 de agosto de 2016. Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. (Nota da IHU On-Line)

28 Fernando Henrique Cardoso (1931): sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2003. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combate à inflação. (Nota da IHU On-Line)



Repercussão Internacional

A obra de Caetano ganha uma repercussão internacional também por meio do cinema. Vale mencionar, por exemplo, que ele aparece no filme *Happy together* (1997), de Wong Kar-Wai²⁹, com uma cena belíssima nas Cataratas do Iguazu ao som de Cucurrucucu Paloma. Depois ele aparece cantando no filme *Hable con ella* (2002), de Pedro Almodóvar, quando explode internacionalmente, projetando-o para a esfera global. Todas essas nuances requereriam mais tempo de análise, mas é importante assinalar que Caetano já tinha essa conexão com a América Latina desde o tropicalismo, mas ele revive isso em uma amplitude maior.

Noites do norte é um álbum que também faz dele um artista surpreendente, pois está sempre fazendo viradas na própria trajetória. Neste caso, trata-se de uma grande virada em relação às questões do Brasil, como a herança da escravidão e a virada para a discussão racial que estava surgindo no Brasil, sem contar todos os critérios de experimentação que ele nunca abandona. Todas essas dimensões da desigualdade social, que está ligada ao fator racial, a violência policial, nas periferias e favelas, estão postas neste disco; de modo que, em certo sentido, Caetano antecede alguns debates dos anos 2000. Não por acaso, essa vai ser a grande tônica da questão das cotas, questões minoritárias da biopolítica fortes nos governos Lula e Dilma, como, por exemplo, a inclusão desses públicos às políticas públicas. Tudo isso converge para o aspecto da globalização que comentei antes, de o Brasil no âmbito externo passar a fazer frente no cenário internacional e no interno discutir questões raciais, sobre o papel da mulher dentro da sociedade, a desigualdade de sexo e de gênero, a questão indígena.

Banda Cê

Em 2006 Caetano começa a gravar com a Banda Cê, álbum que inaugura outra virada na obra do artista, que começa nesse ano e segue praticamente até 2016. No show *Abraço* (2012) ele dá uma guinada não só em direção ao rock, mas, mais uma vez, abandonando a discussão da época do tropicalismo com a guitarra já totalmente assumida. Depois que o Brasil passou pelo rock dos anos 1980, com Titãs, Cazuzza etc, o gênero musical é parte inquestionável da música brasileira, da canção brasileira. Quando Caetano se associa a esses jovens penso que se trata de um fator de rejuvenescimento do próprio artista, que abandona o lado dos 50 anos dele, que era o lado Latino, e vem para esse diálogo com a “galera”. Os álbuns com a Banda Cê vão reconfigurar Caetano, impondo à sua obra uma nova sonoridade, com uma estética que traz toda uma questão de figurativização. A figurativização quer dizer essa capacidade de criar imagens com uma linguagem, criar

29 Wong Kar-Wai (1958): é um cineasta chinês de Hong-Kong. Juntamente com diretores como Eddie Fong, Stanley Kwan e Clara Law, pertence ao movimento chamado de “Segunda Nova Onda” do cinema de Hong Kong. Foi o primeiro chinês a ganhar o prêmio de Melhor Diretor no Festival de Cannes de 1997. (Nota da IHU On-Line)



metáforas, criar associações entre palavras, a paronomásia³⁰. Isso remete à relação dele com os poetas concretos da década de 1960/1970.

Refundação do Brasil

O Caetano dos anos 2000 é um Caetano que também expressa a reformulação do Brasil durante o governo Lula, um movimento de recriação do país. Trata-se de um momento importantíssimo, dos mais importantes aliás, da nossa história e que, portanto, era possível se recriar, experimentar, jogar com o mercado. Não à toa esses shows da Banda Cê trouxeram Caetano novamente para o grande mercado, sobretudo para o público mais jovem que passa a ir aos shows dele. Nesse momento Caetano se distancia da própria geração dele e da minha geração.

Acredito que isso só foi possível porque a gente estava vivendo um bom momento no país, que infelizmente acabou com o golpe de 2016. Se olharmos para nossa história, veremos que toda vez que o Brasil está se encaminhando para uma refundação, de questionar as bases que dão vazão à desigualdade, a direita brasileira chama os seus cachorros, seus cães de guarda, que são os militares. As Forças Armadas do Brasil não têm uma tradição de guerra; militar no Brasil é praticamente um inútil dentro do cenário global. Destruiu o Haiti e ainda hoje testemunhamos as consequências da intervenção brasileira no país caribenho. No fundo, o militar brasileiro está sempre à espreita, em casa, esperando para dar um golpe. A direita brasileira percebeu o “perigo” que era Dilma Rousseff, que pretendia aprofundar mais a regeneração do país, e deu um golpe, chamando os militares. O que vemos hoje é o desastre ao qual Bolsonaro dá continuidade. Os militares vieram novamente estragar a nossa festa. Não podemos dar mais anistia aos militares, depois desse momento é preciso dar um basta, encerrar a participação deles na história e enterrá-los de vez no caixão da história para que possamos nos refundar. Penso que olhando para as canções de Caetano temos pistas para uma saída.

IHU On-Line – Qual a atualidade do pensamento crítico e da postura artística de Caetano Veloso no Brasil atual, de crescimento do conservadorismo e da ascensão política da extrema direita?

Adalberto Müller – Eu tenho um amigo venezuelano, que foi meu professor de música em Brasília, que fala uma coisa: é uma honra ter nascido no século do Caetano Veloso. Eu nunca me esqueci disso, e penso que Caetano deixa para nós, nesse último disco *Ofertório* (2018), uma nova saída. Existem pessoas que apontam para problemas do Brasil, como, por exemplo, em termos de arte, é o caso de Machado de

³⁰ Figura de linguagem que extrai expressividade da combinação de palavras que apresentam semelhança fônica (e/ou mórfica), mas possuem sentidos diferentes. (Nota da IHU On-Line)



“A família que Caetano Veloso apresenta no ofertório é uma família que faz brilhar, pensando que gente é feita para brilhar”

Assis³¹, de Graciliano Ramos³², mas outras apontam para saídas, como é o caso de Guimarães Rosa, de Clarice Lispector e de Caetano Veloso, por exemplo. Há os que estão no meio do caminho, como Drummond, e os que constroem caminhos, como João Cabral de Melo Neto, que propõe uma refundação, com Educação pela pedra (livro de 1966).

Na live que Caetano fez com os filhos, do disco Ofertório, ele aponta para um caminho de repensar a família a partir do tempo que a gente vive. É uma família ao inverso da família do Bolsonaro. A família que Caetano Veloso apresenta no ofertório é uma família que faz brilhar, pensando que gente é feita para brilhar. Do outro lado o que existe é uma quadrilha-família, uma “fadriha”, uma família de destruição, ligada às milícias e a figuras muito sombrias. Por outro lado, a família de Caetano é uma “fabrilha”, também no sentido fabril, de que todo mundo produz mundos, fala fabricando. No meio de toda esta crise ele procura mostrar a família, um gesto muito bonito de trazer a família para o palco, então no repertório tem a canção Leãozinho e no palco com ele está tocando e cantando o filho Moreno. As mães dos filhos estão lá também, nas canções. Ele cria uma família muito grande, com muitos contatos e muitas conexões em muitas redes e quando a gente vê isso na live, no meio da pandemia, temos uma sensação boa, de saber onde se ancorar.

Quando ele diz que “gente é pra brilhar”, não para morrer de fome, sua mensagem política é clara. Caetano reinaugura a esperança utópica, de que o que vem será melhor. Nesse sentido eu me sinto como parte de uma geração que acredita que as coisas podem mudar. Caetano Veloso me dá uma alegria imensa de fazer parte, ainda que na periferia de tudo o que acontece, de tudo isso que ele propõe como saída.

31 **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da **IHU On-Line**)

32 **Graciliano Ramos** (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. *Vidas secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-6-2004, no IHU. Quem conduziu o debate foi a professora Célia Dóris Becker. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da **IHU On-Line**, de 14-6-2005, disponível em <https://goo.gl/bHDxB0>. Confira, também, a edição 274, de 22-9-2008, intitulada *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/274>. (Nota da **IHU On-Line**)

Ricardo Machado - Minha tese em quatro perguntas



Ricardo de Jesus Machado é doutor em Cultura e Significação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Jornalista de formação, mestre em Comunicação, na Linha de Pesquisa Audiovisualidades das Mídias, pela Unisinos, onde também realizou Especialização em Filosofia. É jornalista no Instituto Humanitas Unisinos – IHU e editor do site Antropofagias (antropofagias.com.br). Sua tese é intitulada *Semiofagias canibais. O ponto de vista da alteridade a partir de uma abordagem semiótica multinaturalista da cultura*.

Qual o tema da sua tese?

A tese inter-relaciona três campos do conhecimento correlatos, mas pouco explorados de forma conjunta no campo da Comunicação: semiótica, teoria e crítica literária e antropologia. A proposta consiste em pensar um certo tipo de semiótica de matriz indígena a partir da mediação da análise Semiótica da Cultura, da Antropofagia e do Multinaturalismo, cuja articulação resultou no que denominamos “semiofagias canibais”, como um modo de produção de sentido inspirado pelo pensamento nativo do Brasil.

Qual problema ela discute?

Sem recorrer a um discurso demasiadamente acadêmico, em linhas gerais, o problema versa sobre a descrição de um tipo de produção de sentido, isto é, de como se produz significação diante do mundo, a partir das lógicas (melhor dizendo “cosmológicas”) dos povos indígenas. Trata-se de algo relevante no contexto contemporâneo em que os modelos Modernos de pensamento tendem a ser insuficientes diante dos desafios contemporâneos, o que passa por uma certa crise da significação como crise de suas categorias de mediação.

Quais foram os resultados?

De algum modo, a tese produz uma síntese arquitetônica de conceitos e princípios das teorias estudadas: Semiótica da Cultura, Antropofagia e Multinaturalismo. Tal articulação indisciplinar não deve, porém, ser compreendida como uma teoria com “T” maiúsculo, senão como mais um componente da nuvem de conceitos e teorias que inauguraram um certo clima intelectual do pensamento do e no Brasil. Concretamente, são construídos seis princípios: humanidade relacional, modelização, inimizade, equivocidade, semioses canibais e diferença.

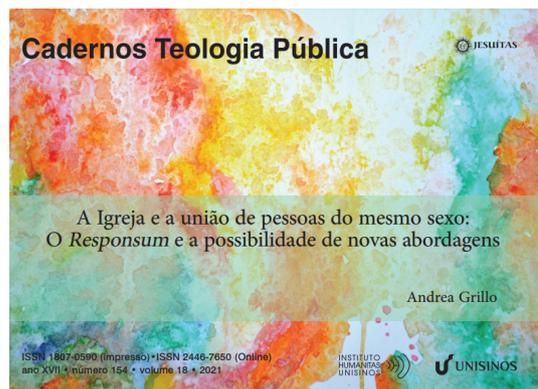
Quais seus interesses de pesquisa?

Interesso-me por um tipo de pensamento às margens da racionalização moderna hegemônica. Nesse sentido as três teorias que servem de base para a tese sempre cumpriram um certo papel marginal, mas que, por outro lado, sempre foram muito potentes em colocar em causa as ideias da moda. Isso passa pela semiótica dos perseguidos pelo regime soviético, pelo modernismo antropofago de Oswald, pelo Multinaturalismo de Viveiros de Castro em meio ao oceano do multiculturalismo. Em suma, é o contra-hegemônico que me interessa.



A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens

A Congregação para a Doutrina da Fé publicou em março de 2021 sua resposta à pergunta da Conferência Episcopal Alemã sobre a possibilidade de abençoar as uniões civis de pessoas do mesmo sexo. A resposta negativa quanto a esta possibilidade é analisada em três níveis. Em primeiro lugar, é feita uma avaliação do texto como tal. Em seguida, é considerada a relevância “sistemática” desse pronunciamento e da questão que ele tenta resolver. Por fim, é apresentada uma consideração mais ampla da questão não só da “homossexualidade”, mas da “sexualidade” tout court, quase como um novo “caso Galileu”.



Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

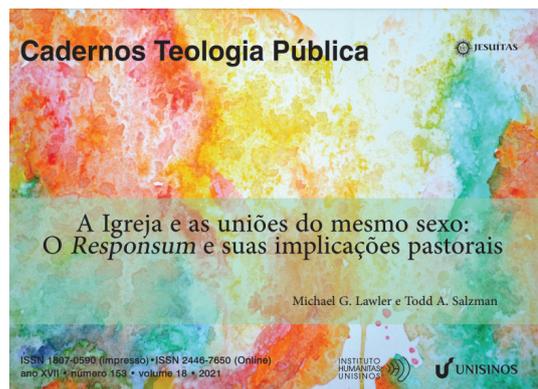


Andrea Grillo é filósofo e teólogo italiano, leigo, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral, de Pádua, é professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália.



A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais

O Responsum emitido pela Congregação para a Doutrina da Fé enfatiza novamente o amor incondicional de Deus por todas as pessoas, reitera o ensino da Igreja sobre a moralidade dos atos homossexuais e insiste que não abençoar as uniões do mesmo sexo não é uma forma de “discriminação injusta”. O Responsum, em nosso juízo, é uma declaração moralmente distorcida de que Deus “não abençoa nem pode abençoar o pecado”, calunia gays e lésbicas que seguem as suas consciências bem-formadas e promove discriminação e mesmo violência contra estas pessoas.



Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Michael G. Lawler é professor emérito em Teologia na Universidade de Creighton. Publicou em coautoria com Todd A. Salzman *A Pessoa sexual*. Por uma antropologia católica renovada (Editora Unisinos, 2012); *Sexual Ethics: A Theological Introduction* (Georgetown, 2012); *The Church in the Modern World: Gaudium et spes Then and Now* (Liturgical Press, 2014), entre outros..



Todd A. Salzman é professor de Teologia na Universidade de Creighton.



Indígenas nas cidades: memórias “esquecidas” e direitos violados

Pouco se sabe sobre a realidade de indivíduos, famílias e comunidades indígenas que habitam ou transitam nas cidades, em geral, em todo o país. A questão dos indígenas em contextos urbanos é extremamente invisível e apagada perante a sociedade, porém, indígena é indígena em qualquer lugar, inclusive no meio urbano, tendo os mesmos direitos. Hoje, capitais e cidades em vários estados do país têm população indígena identificada, composta por várias etnias e histórias distintas.



Alenice Baeta é historiadora e arqueóloga. Possui Pós-Doutorado pelo Departamento de Antropologia/Arqueologia-FAFICH/ UFMG. Doutora pelo Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE da Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Educação pela FAE/UFMG. Tem experiência na área de Patrimônio Cultural, Povos Tradicionais e Territorialidades. Membro do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - Cedefes e do Movimento Serra Sempre Viva.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Pindó Poty é Guarani!

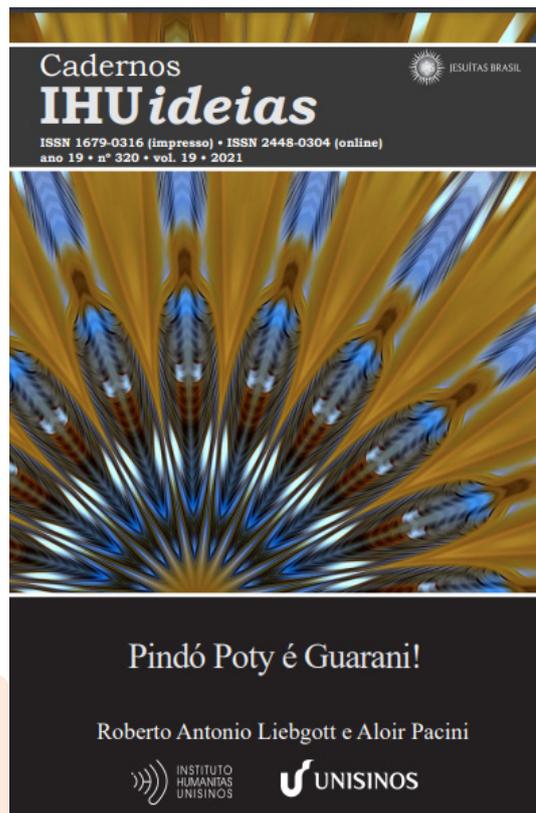
Caminhamos até aqui aprendendo com os indígenas a adiar o fim do mundo, diria Ailton Krenak. Isso, mesmo que os estudos mostrem genocídios e etnocídios sem precedentes desses povos, ou por causa disso mesmo. Dos milhões de habitantes do território que viria a tornar-se o Brasil e os países vizinhos, os indígenas foram diminuídos drasticamente em conflitos armados, mas principalmente por conta das epidemias, dos trabalhos forçados etc. Nesse texto, a trajetória ameríndia é recontada como uma forma de inspiração para relações entre humanos e outros seres do planeta.



Aloir Pacini é jesuíta, antropólogo e professor da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT em estágio pós-doutoral com pesquisa sobre o território transnacional dos Guaranis. Desde 2000 está próximo dos Chiquitanos, mas sua pesquisa aprofundou-se no doutorado pela UFRGS (2008-2012) quando mostrou por diversos meios que o Brasil negociou com a Bolívia e avançou suas fronteiras para dentro do território tradicional Chiquitano e que são falsas as acusações de que os Chiquitanos são estrangeiros.



Roberto Antonio Liebgott é missionário leigo do Conselho Indigenista Missionário - Cimi, atua há 30 anos com povos indígenas; conviveu com diferentes povos no Brasil - especialmente nas regiões Norte e Sul. É formado em Filosofia e Direito.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Rock 'n' roll na veia

Edição 212 – Ano 7 – 19/03/2007

Esta edição, inspirada na criação do curso de Rock da Unisinos, discute o gênero musical do século XX, o rock 'n' roll.



Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil

Edição 411 – Ano 12 – 10/12/2012

Nesta edição, pesquisadores debatem sobre o que foi o movimento tropicalista, surgido no final dos anos 1960, na ditadura militar, e seu caráter inovador e emblemático enquanto expressão artística.



Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só

Edição 476 – Ano 15 – 03/11/2015

Esta edição rememora a vida e obra de Caetano e Gil, por ocasião dos 50 anos de carreira dos dois artistas, com entrevistas que debatem a produção artística e o impacto do trabalho deles na cultura brasileira.



UNISINOS

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu